THOMAZ RIBEIRO

Sons que Passam

Sons que passam

Obras do mesmo auctor:

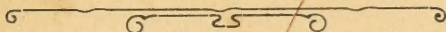
D. Jayme, poema, nona edição, com uma conversação preambular pelo fallecido Visconde de Castilho, br. 800, cart. . . . . 1$000

A mesma obra, 2.ª edição popular, br. 400, cart. . 600

A Delfina do Mal, poema, segunda edição correcta, com uma carta do auctor e um prologo de Camillo Castello Branco 800

Vesperas, poesias dispersas . . . . 1$000

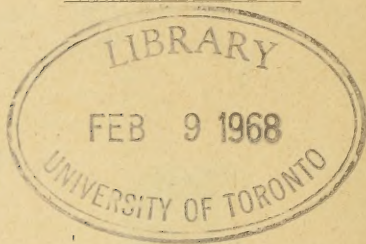
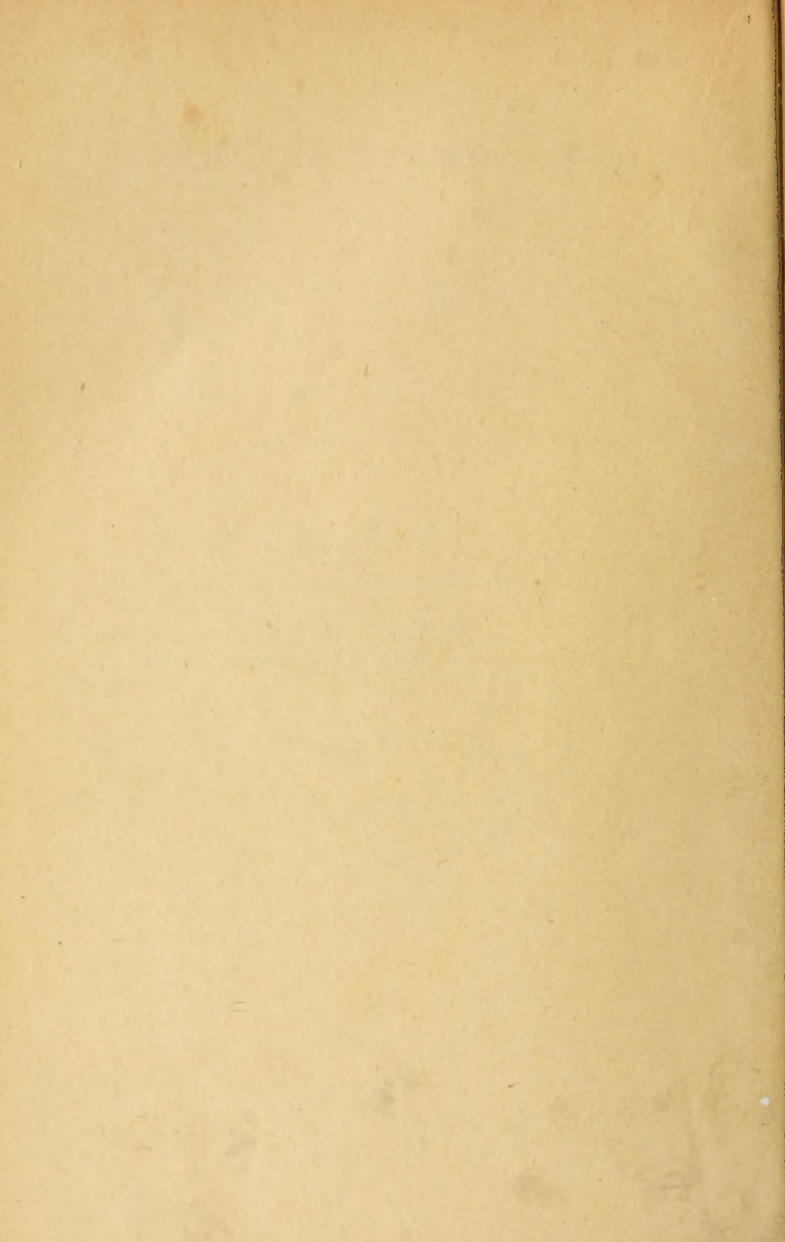
Dissonancias. 600

Thomaz Ribeiro

Sons que passam

SEXTA EDIÇÃO

* * * PORTO — 1908 * * *

LIVRARIA CHARDRON, de Lello & Irmão,

editores — Rua das Carmelitas, 144

Ó doloridos sons da minha lyra,
vibrae! passae!
sois o triste sorrir de quem suspira,
o fugaz suspirar de quem delira:
de vós o mais alegre é quasi um ai!..
Ó doloridos sons, passae! passae!

PROLOGOS

DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Quem habitualmente vive nos campos conhece e apreçía os — SONS QUE PASSAM — vozes que se cruzam nos ares, que se repercutem nos echos, e vão perder-se na distancia; sons que se vão acordando e crescendo á proporção que diminue o côro-borborinho da humanidade: harmonias que não cabem na arte e se perdem na natureza; cantos que só teem afinação no theatro modelado pela acustica do infinito. É a catadupa do rio, na sua queda monotona e plangente; é a flauta do pastor entre os balidos do armento; é a cantiga do barqueiro levado a sabor da corrente sobre a tremula esteira do luar; é a canção de gloria que o soldado e a vivandeira vão cantando na estrada; é o prolongado côro dos camponezes que voltam do trabalho; é os fragmentos de risos e harmonias festivas que fogem do palacio illuminado; é a conversa das aves nos choupaes; o lamento das saudades; o murmurio da prece... e todo este concerto vago, incompleto, indefinivel, mas saudoso e attrahente, a balou-

çar-se nas morbidas lufadas da aragem, perfumados coxins, em que *passam* as harmonias da natureza.

Sons que passam tambem são os cantos ephemeros do poeta: monologos da sua phantasia que são ordinariamente dialogos com o seu coração, e que se n'outro coração acharam echo, expiram coroados pela maxima gloria a que podiam aspirar.

Parada de Gonta, 30 d'agosto de 1867.

DA SEGUNDA EDIÇÃO

São passados perto de cinco annos desde que se publicaram estes versos que èm boa consciencia denominei — Sons que passam. Leio-os agora que se lhes prepara segunda edição e admiro-me de que vivam ainda, tão singelinhos são pela maior parte. Comtudo foi-me aprazivel a sua leitura. Voltei por momentos ao meu passado e senti verdadeiras saudades ao lêr algumas d'essas mais singelas composições que ha muito nem recordava.

Entre os reparos que fiz avulta o do espirito religioso que preside a grande parte d'esses cantos. N'isso parece este livro datar de cinco seculos em vez de cinco annos: que certas idéas e certas crenças envelhecem agora *à toute la vitesse*, como diria um engenheiro francez.

Pois a questão religiosa prendeu fatalmente todas as questões sociaes que agitam a humanidade. O mundo tem perdido as suas crenças piedosas; não se illudam os povos nem os governos. Os povos catholicos, principalmente, vão cahindo, uns n'uma indifferença, outros n'uma reacção temerosa. Quem menos sabe isto é o Papa, jus-

tamente por ser o primeiro que o devia saber. E lucte embora quem luctar para retemperar e robustecer a fé; o seu trabalho será esteril. A fé é como a virgindade, uma vez perdida não se rime.

Pois se ha espectaculo que contriste, preoccupe e aterre é vêr a humanidade a despenhar-se por abysmos infinitos, á luz crepuscular d'uma philosophia sceptica e esterilisadora e contorcendo-se e blasphemando como os anjos cahidos de Milton.

A razão! só a razão! que é fraca e fria e pouco alumiada! e o sentimento annullado e a aspiração, as ambições, as saudades indefiniveis, a admiração das maravilhas sem conto, as melancolias que prendem longe, em paizes ignotos e luminosos, e o espectaculo da morte do crente, que parte a sorrir, entrevendo o céo, que diz aos seus filhos, a seu pae, aos seus amigos — até breve em quanto o descrente nem sequer tem por ora uma palavra com que se despeça, porque — adeus — não póde elle proferir! Tudo isto nada! nada! Vêr que a philosophia com o seu rir de satanaz quebra todos estes elementos de repouso e passa com os seus sapatos de ferro por sobre os mortificados corações da humanidade, eis o que faz retrahir o poeta como se retrae a sensitiva ao suspeito contacto do viajante.

É d'aqui principalmente, que nasce o mal-estar da humanidade; d'aqui as revoltas quotidianas, as ameaças constantes á vida, á propriedade, ás instituições; d'aqui o entreverem os mais apprehensivos, pelas fendas que vai abrindo e alargando o terremoto politico, a tenebrosa superficie do cahos.

O — mal-estar — não é tanto politico como é moral. Faltando ao individuo um Deus em que se ampare, a quem confie as suas magoas, de quem espere, e até con-

tra quem blaspheme nas horas do seu delirio, faltando-lhe a eternidade, complemento da vida e realisação d'aspirações, olha-se, acha-se miserrimo, só, ephemero. Entristece-se, desvaira e procura em quem se vingue da esterilisação da sua alma, da annullação dos seus sentimentos. Na cegueira da sua injustiça feroz vê diante de si o que mais avulta: os poderes publicos: espuma, troveja, contorce-se e cae sobre elles que só desejam fazer-lhe bem. Assim o doente se revolta contra o enfermeiro nas ancias do seu padecimento: assim cada um de nós tem dito uma má palavra ou feito um arremesso á pessoa que se desvela por nos ser agradavel, ao cão que nos lambe os pés; e temos até cevado o nosso mau humor no objecto insensivel que mais nos fica á mão.

Oh! e como é desculpavel este supremo desgosto, sendo a vida um inferno que só se acaba na morte! Saber-se que se morre e morrer-se na convicção de que tudo acaba alli!

Chegando a esta miseria, a humanidade tem direito de crear um creador para blasphemar contra elle.

A culpa... é preciso dizer tudo a todos sem medo de impopularidades: remedio, é o amargo da verdade, veneno, o mel da lisonjaria: a culpa d'este estado deve-se principalmente ás imprevidencias dos infalliveis, que improvisam ceremonias e complicam ritos quando é preciso simplificar o culto: que arvoram dogmas em barricadas e carregam obuzes com bullas, quando é preciso que a divina verdade se humanise e que o sacrario não cheire á polvora das vinganças, mas sim á pureza das hostias.

Desde que as religiões se transformam em seitas e facções descem a uma arena onde nem sequer podem obter as honras de belligerantes; os seus adversarios politicos tratam com incontestavel direito de minar os ali-

cerces á instituição adversa e chega-se á negação de Deus por um caminho tristemente logico.

Primeiro espanta-se o proprio argumentador da sua conclusão, depois acalenta-a ao calor do seu orgulho e acaba por convertel-a em convicção. Tornada seita, proclamada escóla, a que primeiro se mostrára utopia, labora, cresce, lavra, insinua-se e domina.

O resultado é este: a melancolia do desespero, a propagação de todas as doutrinas dissolventes, cujos apostolos, já vistos á luz sinistra dos espingardeamentos e incendios de Paris e d'Alcoy, fallam em liberdade pela mesma razão porque os neos dos tratos, das fogueiras inquisitoriaes e das forcas fallam em Deus: — por conveniencia.

Não se lucta para edificar, lucta-se para destruir, lucta-se para morrer. Vesti-vos d'amarello, batalhadores sem esperança! como os regipús e os marathas, ao firmarem o pacto da morte, com as mãos no sangue das suas mulheres, das suas creanças e dos seus velhos.

Não sei para onde vamos e ninguem o sabe. Os ultramontanos accenderam Deus tanto e tanto que nos iam cegando; que fizeram os cismontanos? — apagaram-no.

Os philosophos, alchimistas de nova especie, mettem nas suas retortas todos os acontecimentos deploraveis e fazem o ouro das venturas. A sociedade lá ganhou saude immensa com a sangria que soffreu na queda.

Será verdade? Mas passaram seculos nas trevas e as sociedades tiveram de começar de novo; e as injustiças nunca se repararam, e os crimes nunca se castigaram, e o que se perdeu não se achou.

Mentis, philosophos da historia, e damnaes a sociedade com as vossas absolvições e santificações.

. . . .

A proposito de versos religiosos fallei de politica. É que a politica absorve tudo e corre-nos obrigação de não fugir d'ella, visto que n'ella e só n'ella se empenha a grande lucta.

Deixemos lá correr os pobres versos que sendo d'um liberal e d'um progressista que tem a convicção d'estar com os mais adiantados, ainda fallam em Deus! Istó em

Agosto de 1873.

DA TERCEIRA EDIÇÃO

Ainda não *passaram* de todo estes *sons*, destinados pelo author, no proprio nome que lhes dera, á immolesta e curiosa existencia dos ephemeros.

Estes *sons*, vão-se reproduzindo, em echos successivos, mesmo através de malsinações e esconjuros (segundo me dizem, que eu não tenho visto) d'uma chamada escóla moderna, que tem horror ás flores, aos passaros, aos amores, a Deus, aos ceus limpidos, ás aguas transparentes, ás musicas sentidas, ás saudades, ao patriotismo, á virtude, á familia, a tudo quanto é grande, bello e bom, e que só descreve as gangrenas, os vicios e os monturos em linguagem, ás vezes, de cocheira ou em calão de bairros infamados.

É pena que tanto rapaz de merito esteja inutilisando, malbaratando as suas forças vitaes n'esta crapula esqualida, n'este nihilismo litterario, que se por desventura viesse a produzir escóla devia inscrever no seu frontão: ESCOLA DOS MALOGRADOS.

Os absinthos e as zurrapas logram derrancar o gosto mas a maior parte da gente, mesmo apesar dos encarecimentos com que lh'os recommendam os viciosos, prova, cospe, lava a bocca, e não deseja recomeçar.

Tanto mais que, felizmente, por dous ou tres homens de merito, que se manifestam brilhantes quando, a descuido ou por instincto, fogem do que é crasso e viscoso e infecto para o que é luminoso, perfumado e transparente, ha myriadas de bichinhos que só com microscopio se vêem formigar na maçã. Esses não tentam, repellem.

Mais uma edição d'este livro, mais um echo d'estes *sons* vem provar que a moderna escóla ainda não prevalece.

Eu entendo que o realismo é bom—*Rien n'est beau que le vrai*—mas não é só real o que é torpe: accusaram-me já de realista quando descrevi o lar de D. Martinho, indigente, no D. JAYME e, principalmente, quando escrevi a DELFINA DO MAL: accusaram-me e, o que mais é, accusaram-me de realista os mestres e educadores d'aquelles que hoje me accusam d'aquillo que melhor lhes parece. O que elles quizerem.

Para não desejar ser-lhes desagradavel basta dever-lhes o grande favor de não me haverem inscripto na matricula do seu gremio litterario.

Campo Grande, 3 d'agosto de 1880.

Thomaz Ribeiro.

I

CORÔA DE ESPINHOS

DEO GLORIA

A Ti, que és grande e bom: a Ti, que entre caricias
deixaste que eu crescesse ao pé de minha mãe:
a Ti, que a tens no ceu gozando o summo bem,
do meu trabalho, ó Deus, venho pagar primicias.

PENA E PERDÃO

I

Houve tempos de vida, paz e gloria,
sem mortiferas lanças conquistada;
não conheciam sangue annaes da historia,
nem fojo o tigre, nem serpente a estrada,
nem hymnos fratricidas a victoria,
nem a guerra trofeus de cinza e nada:
era tudo ventura, amor e riso;
e havia, por morada, um paraiso.

Mas quando o homem vive e goza um dia
sem poder desejar maior ventura,
pede ao seio um desejo; tal, sem guia,
quiz-se o feliz perder, ó desventura!
quiz um eden melhor, outra harmonia,
quiz mais alto voar... caíu da altura!
Perdeu graça, riqueza, paz, e amores;
restou-lhe a vida, e n'ella amargas dores.

Bom e opulento, um'hora de vaidade
reu e pobre o levou ante o seu Deus.
A vez primeira supplicou—piedade!
tremeu, córou, curvou-se aos olhos seus!
Juiz e pae mostrou-se a Divindade:
—"Em castigo, proscripto és já dos ceus;
por esmola, conquista o antigo brilho;
trabalha e viverás, meu pobre filho!„—

Assim, ao filho desleal, perdido,
um pae, um Deus, por castigar, beijou;
e d'orvalho subtil todo incendido
o rosto criminoso se inundou.
O sceptro d'immortal caíu partido;
e o alvião servil quando empunhou,
pela terra infecunda, nua, fria,
cavou o negro pão de cada dia...

II

E o homem vive! sobre o chão curvado
colhe o legado que o Senhor lhe deu;
mas ai!... perdido, pela senda errada
não acha estrada que o conduza ao ceu.

Ai do viandante que não vê caminho!
ai do mesquinho sem a luz da fé!
ai! que, na falta d'um amor sublime,
triunfa o crime, do ludibrio ao pé!

Deus a esse povo que foi grande e forte
quiz dar a morte, retirou-lhe a mão:
um mar sem praias abysmou-lhe a ossada,
e a morte e o nada campeou então!

E d'esses nomes, e d'aquellas plagas
que o mar, em vagas, consumiu, sorveu,
nem uma letra de banal prestigio!
nem um vestigio do que alli morreu!

Não! Deus não quiz áquella raça ingloria
nem a momoria do epitaphio dar:
cavou-lhe a campa; jaz... se não repousa;
deu-lhe por lousa movediça — o mar.

Dos cavos antros do sanhudo abysmo
que o cataclysmo revolveu e abriu,
Jehovah, da altura do seu throno augusto,
sómente um justo resgatou, remiu!

Qual primavera que, dos ceus suspensa,
vê campa immensa de jaspeado alvor,
bafeja as dobras do funereo sello,
estala o gelo, reapparece a flor.

Deus manda; e, base d'edificio novo,
valente um povo appareceu, brotou,
levando a vida ás escarpadas plagas
que o mar, em vagas, solidões tornou.

De novo o homem, sobre o chão curvado,
colhe o legado que o Senhor lhe deu:
e, desgarrado, pela senda errada
não acha estrada que o conduza ao ceu...

III

Mas eis que chega a hora
do assignalado termo!
Nas trevas e no ermo
sorri a flor e a aurora!

Ignotas harmonias,
tremores jubilosos,
versos mysteriosos
na harpa das profecias,

presagios de venturas
á triste humanidade
na serra e na cidade,
no abysmo e nas alturas,

dizem que é vindo o Eterno,
reparador d'estragos;
dizem-n'o a estrella e os Magos,
e o rebramar do inferno.

Depois, o eco se calou dos jubilos,
e o cantico de *Hosanna* emmudeceu
após a lida, á hora do crepusculo,
o Semeador divino adormeceu!

Uma cruz solitaria sobre o Golgotha
ao mundo conta onde morreu Jesus;
e fulgente, vivaz, divina auréola
flammeja eternamente sobre a cruz.

E exulta o homem! sobre o chão curvado
colhe o legado que o Senhor lhe deu;
e a cruz de Christo, no Calvario erguida,
mostra a avenida que o conduz ao ceu...

IV

Como é bella a natureza!
o orvalho accende a deveza
do sol ao vivo clarão;
myrtos, cardumes de rosas
purpureas, frescas, viçosas
vestem as rugas do chão!
tendo a prumo o sol adusto,
lida o paisano robusto
colhendo a vida e o perdão!

Das aves casando ao canto
orações, e riso, e pranto,
chora e canta o camponez,
nas luctas d'uma anciedade
d'indefinida saudade...
do paraiso, talvez!...
São carmes d'um resignado,
saudades d'um desterrado!
Vinde escutal-o outra vez:

V

—"Senhor, se n'este caminho,
que do nada ao ceu conduz,
dispensas tanto carinho,
tanto aroma, tanta luz,

o castigo do meu êrro
não foi de juiz, não é!
que eu acho n'este desterro
caridade, esp'rança, e fé!

como a planta ao chão se aferra,
tal um poder infinito
nos prende e encadeia á terra
como um grilhão de precito!

Mas se a planta aos ceus envia
perfumes do seu abril,
e se o pó da flor d'um dia
vôa aos espaços d'anil,

nós temos o amor bemdito!
e, quando se acaba a dor,
noss'alma sobe ao infinito...
mais alto que o pó da flor!

Meus filhos, por minha morte,
sem o paterno carinho,
ficaes no mundo sem norte,
quasi sem patria e sem ninho!

Ai, meus filhos, meus encantos!
muito custa ao coração
quebrar os laços mais santos
que no desterro nos dão!...

Só vos deixa dois legados
bem santos, que vem de Deus:
Paciencia, desterrados!
Resignação, filhos meus!

Sabeis qual seja a ventura
do homem que padece tanto?
—Um sorriso sem loucura
d'uma tristeza sem pranto!»—

VI

Tal canta o pobre! e, sobre o chão curvado,
colhe o legado que o Senhor lhe deu;
e a cruz adora sobranceira erguida
como a avenida que conduz ao ceu!

Março de 1854.

CONSUMMATUM EST!

Filhos de Christo, consummou-se agora
o horrendo crime d'Israel, na cruz.
Trémula se abre a terra; o sol descora;
a Igreja chora, que morreu Jesus!

Levanta o soterrado a lousa dura:
do Templo augusto se espedaça o veu:
noite completa negrejou da altura!
densa negrura nos esconde o ceu!

Cumpriram-se as profecias!
Entre affrontas e agonias
trôa da morte o pregão!
Compungida a natureza
veste os crepes da tristeza,
pára d'assombro o Jordão!
Rei, pobre, escravo, pranteia!
lava-te em prantos, Judeia!
chora, perdida Sião!

Quem deu luz a vossos olhos
por que visseis os escolhos
da vida, olhae... já não vê...
Quem deu agua á rocha dura,
sustento á raça perjura
que sempre, sempre descrê,
morreu no Calvario exangue,
para vos lavar com sangue
as nodoas da vossa fé!

Nem o canto d'Isaias,
nem a dor de Jeremias
te lembrou, Jerusalem!
nem foste pedir conselho
ás aguas do Mar-Vermelho,
nem ás ruas de Salem,
nem ás torpes Medianitas,
nem aos falsos Gabaonitas,
nem ao sangue de Sichem!

Não te serviram de guia
as pedras da Samaria,
o castigo de Coré,
a Arca santa da alliança,
a soberana pujança
do braço de Josué;
nem Dalila, a má serpente,
nem a serena corrente
da fonte de Bersabé!

Pois de Saul a inclemencia,
de David a penitencia,
de Salomão o saber,
d'Absalão as concubinas,
do Templo as vastas ruinas,
os magos olhos d'Esther
não te arrancaram a venda
da tua cegueira horrenda?
não te fizeram tremer?...

Tantos annos de tormentos,
tantos fieis monumentos
na terra como nos ceus,
não dizem que o Nazareno,
tão forte, e sabio, e sereno,
era o Messias dos teus?
Pergunta ao fiel Caleb,
pergunta á sarça do Horeb,
pergunta se elle era um Deus!

D'Isaac pergunta á esposa,
pergunta a Lia chorosa,
pergunta á casta Rachel;
pergunta á formosa Dina,
ante a qual um rei se inclina!
ouve as filhas de Raguel,
ouve Débora aguerrida!
pergunta ao prego homicida
da forte, heroica Jahel!

De Moysés pergunta á vara,
pergunta ás penas de Sara,
e aos mil desprezos d'Agar;
vae de Geth ás sepulturas,
vae do Thabor ás alturas,
vae a Tharé perguntar;
vê Chanaan, vê o Egypto;
e has de achar seu nome escripto
no ceu, na terra, e no mar!

Que breve são esquecidos
os Lazaros resurgidos
da ingrata Jerusalem!
allivios de tantas penas!
vosso amor, ó Magdalenas!
os pastores de Bethlem!
e essa estrella peregrina
que o berço de Deus ensina
aos Magos que adorar vem!

Ai! tu perdeste a memoria
das profecias, da historia,
madrasta sem coração!
mas, de sangue salpicados,
serão teus aridos prados
espelho de maldição!
teus montes não terão selvas;
teus plainos, flores, nem relvas,
lethal, esteril Sião!

Como d'arbustos damninhos,
colherás somente espinhos
das rosas de Jerichó;
verão seculos inteiros
em toda a terra estrangeiros
os maus filhos de Jacob,
embora ao ceu, que te esmaga,
peça perdão cada chaga
do manso, divino Job!

Ai de ti! que penitencia
poderá ganhar clemencia
para o teu povo, Israel?
Idolatra, má, perjura —
desde Putiphar, a impura,
desde a corrupta Babel!
Altiva, ingrata, descrente —
desde o Horeb e a sarça ardente,
de sempre a sempre, cruel!? —

Um sepulchro dilatado
nas ondas do mar anciado
abysma o Egypto oppressor!
De Hemor culpada a cidade
paga em sangue a castidade
d'uma Virgem do Senhor!
Nas faldas do monte santo
custa um crime longo pranto,
muito sangue, e muita dor!

Pelo ultraje dos levitas,
o crime dos Benjamitas
faz o espanto de Judá!
De Babylonia a torpeza
cresce e reina em torno á meza
junto á meza a morte está!
Tu... mais que todas perdida,
a tua sorte, decidida,
que sorte horrenda será?

....
....

Perdôa, Christo, se uma dor mundana
vem fallar de castigos n'este dia...
Tu bebeste por toda a humanidade
o calix da agonia!

No tristonho Jardim das oliveiras
(tu só velavas, tudo o mais dormia)
eu vi-te aproximar dos labios tremulos
o calix da agonia.

O amargoso do fel te lacerava
fibra por fibra! a dor te consumia!
e lavaste com prantos mais amargos
o calix da agonia!

Pois quem se vinga? o homem! Deus perdôa.
Só a vontade humana se entibia
da morte aos umbraes; só Deus acceita
o calix da agonia.

Nós somos d'Israel filhos impuros,
cegos á luz do sol em pleno dia!
Tarde a venda caíu, mais tarde o pranto
pela tua agonia.

Senhor! tu que lançaste olhos bondosos
ao discipulo vil que te vendia,
oh! salva os desterrados filhos d'Eva
pela tua agonia!

. . . .
. . . .

Na eminencia do Calvario
morreu de Deus o cordeiro,
e o soluço derradeiro
foi o perdão de Jesus.
Treme em seus eixos a terra
que nos parece tamanha.
e é fraquissima peanha
para suster uma cruz!

D'uma dor sem semelhante,
a triste mãe traspassada
cae na terra ensanguentada.
e ao pé da cruz se abraçou.
Nos olhos tem tal angustia.
nos labios tanta meiguice,
que o anjo puro que disse
— *Ave Maria!* — chorou.

....
....

Tudo está concluido
segundo vós, profetas de Sião!
O Verbo eil-o cumprido: —
os prodigios! o crime! a redempção!

Parada de Gonta, 1859.

STABAT MATER

Brancas ossadas, sangue e rochas duras,
onde nem cresce o musgo das ruinas
nem passa a viração:
onde não cantam aves peregrinas
seus segredos d'amores e ternuras
nos ecos da solidão!

Cêrro de maldição, furnas perdidas,
onde abutres, só, vem á meia noite
ao putrido festim;
throno para quem foi do mundo açoite;
pedestal para estatuas de homicidas,
de Nero, de Caim!

Mal hajas, ó Calvario! — D'essa agrura
nas erriçadas pedras ha momentos
se arrastava uma cruz;
levava-a um semi-morto a passos lentos;
e, após os mil horrores da amargura,
n'ella morreu Jesus.

. . . .
. . . .

Emquanto lá por baixo em festins ledos
no tripudio febril de cem orgias
folga Jerusalem,
os restos sacrosantos do Messias,
sentinella perdida entre os rochedos,
guarda a chorosa Mãe.

Fugi de junto d'ella, almas descrentes;
não maculeis a dor da Virgem bella;
não tendes dó? passae!
Mães desgraçadas, panteae com ella!
Orfãos, pobres, meninos innocentes,
é vossa Mãe; chorae!

Guarda no seio o cofre dos amores;
por c'rôa tem o iris de bonança;
nos labios, o perdão.
Ai! quem recolhe a pomba da alliança,
que anda cançada sobre um mar de dores
pedindo um coração?

Ninguem! Ninguem, Virgem pura,
estrella d'alva chorosa,
pomba de meiga candura,
rainha d'anjos mimosa!
Ninguem! Na soidão cruel
em que ficaste, mesquinha,
emquanto choras sósinha,
folga a deicida Israel!

Hoje... hoje, tumulto e festa
n'essa cidade maldita;
ámanhã, viuvez funesta
na Babylonia incontrita:
que nas bodas de Caná,
onde houve tanta alegria,
já falta a Virgem Maria,
já falta o Deus de Judá.

Se na amargura d'est'hora
não achas um peito amigo,
dá-me os meus prantos, Senhora,
que eu quero chorar comtigo.
Da ingrata Jerusalem
sou reu de morte, é verdade;
mas, Virgem da soledade,
eu sou teu filho tambem.

Ao ver-te a face anuviada
de tantas, de tantas dores,
ante a fórma regelada
do teu filho, teus amores,
co'as azas brancas da fé
percorri mundos inteiros:
trago-te muitos romeiros,
ó Virgem de Nazareth!

Cheguei-me á porta dos vivos:
dos encantos que os algemam
os ricos vivem captivos,
os desgraçados blasphemam.
Fui os mortos evocar;
e os sepulchros, condoídos
d'escutar os teus gemidos,
se abriram de par em par.

Aqui tens santas imagens
da dor e do desconforto:
naufragaram nas paragens
do oceano que não tem porto.
Se é maior tua afflicção,
se não padeceram tanto,
ai! desfez-se-lhes em pranto
a seiva do coração.

Aqui tens Eva, a coitada,
tão bella, e tão desditosa,
tão amante, e tão amada,
tão pobre, e tão criminosa!
No seu martyrio cruel
chora em profunda amargura
do seu peccado a negrura,
saudades do seu Abel.

Vem, Agar, escrava... embora,
mãe que padeceste horrores;
n'este logar e n'est'hora
não ha servos, nem senhores!
Nos ermos de Bersabé
fugiu-te a luz dos teus olhos;
tinhas um cento d'abrolhos
nas chagas de cada pé.

Em vão buscavas torrentes
na aridez d'aquelle monte...
em vão: teus prantos ardentes
tinhas por unica fonte:
mas o teu caro Ismael
achou cristallinas aguas;
e o Martyr de tantas maguas
teve uma esponja... de fel!

Velho das barbas de neve,
Abrahão, lembras-te, valente,
de quem te o golpe deteve
sobre o teu filho innocente?
Ahi tens a Mãe de Jesus,
sem ventura e sem fastigio.
Quem obrou tanto prodigio
foi seu filho... olha essa cruz!

Quasi do sepulchro ás bordas,
teus prantos, tua agonia,
Jacob, se ainda os recordas,
pranteia a dor de Maria.
Deus, que ao teu casto José
cobriu de palmas no Egypto,
morreu corrido e proscripto
entre o seu povo sem fé.

Triste hebrêa, obscura e pobre,
sobe a encosta do Calvario!
tens um logar muito nobre
neste adjunto funerario!
a Virgem sabe quem és;
conhece o triste sigillo
de quando entregaste ao Nilo
o berço do teu Moysés.

Jephte, que em troca da gloria
a casta filha condemnas,
nunca se comprou victoria
á custa de tantas penas!
Na manhã do seu abril
(má jura que tu juraste!)
infeliz pae, que ceifaste
de Maspha a rosa gentil)

—"Quem és tu, vulto gigante,
de rei a fronte c'roada,
na dextra espada brilhante,
e na sestra harpa doirada?„
— "Eu sou David, o cantor,
o monarcha penitente,
rei, opulento, indigente,
a gloria, o remorso, a dor.

Da negra sorte aos rigores
nunca ninguem chorou tanto;
Senhora Virgem das Dores,
venho offertar-te o meu pranto.
A alva, o occaso, o norte, e o sul,
o rio, o valle, a montanha,
me viram curvado á sanha
feroz do ingrato Saul.

A dor que o peito consome
ninguem calcula, nem mede:
chorei de frio, e de fome,
e de cansaço, e de sede:
e sempre em cada manhã
eu pedia a Deus o esquife,
ou nos desertos de Ziphe,
ou nas covas d'Odollam.

D'Urias pranteei a sorte:
d'Isboseth... tarde, bem tarde,
chorei a aleivosa morte...
forte, o amor fez-me covarde.
Por mim, por Bethesabé,
nosso amor, nossas maldades
carpi; chorei de saudades
nos montes do Gelboé.

Fui pae, comprehendo os teus prantos:
perdi meu filho, Senhora:
do amor paterno os encantos
vê se os eu choro inda agora!
Minhas cans, meu coração
cobriu de vergonha infinda;
mas eu morreria ainda
pelo meu filho Absalão!» —

Vem tambem, Respha piedosa,
que os filhos que conceberas
por seis mezes, lagrimosa,
furtas aos corvos e ás feras!
Venham as mães d'Israel,
as viuvas da Judêa,
de Sarephta, a Chananêa,
a Sunamitis, Rachel!

Á Virgem prestae confortos:
na sua dor confundi-vos;
haja um cortejo de mortos
para vergonha dos vivos!
Lá em baixo, n'esse festim
de tão sinistro ruido,
ha de estar Jayro esquecido,
e a viuva de Naim.

Lá em baixo, risos e cantos
por entre os fumos da orgia;
aqui... soluços e prantos
nas convulsões da agonia...
Do mundo não vem ninguem
ás solidões do Calvario:
Chorae, sombras, no sacrario
do seio da virgem Mãe!

Virgem das Dores, na soidão chorosa!
pomba formosa, inconsolavel, só!
só, n'esta magua, e soluçando tanto!
só com teu pranto... e sem ninguem ter dó!

....
....

Se, reu de morte d'Israel perdida,
arrasto a vida encarcerado aqui,
lá nos teus reinos d'uma eterna aurora
lembra, Senhora, que chorei por ti!

Parada de Gonta, 2 d'Abril de 1860.

JESUS

Jesus autem, emissa voce magna, expiravit.

I

Se as flores do pomar vestissem luto,
e se as aves do ceu vertessem prantos,
cultos houvera a Deus puros e santos,
n'este dia solemne, ao pé da cruz:
o coração de pedra, o rosto enxuto,
o rir do scepticismo, a voz blasphema,
não viera insultar o santo emblema
regado pelo sangue de Jesus.

Um dia houve, um dia só... sangrento...
Quando a Hostia d'amor perdeu a vida,
teve a solemne marcha interrompida,
n'um momento d'horror, a creação:
o sol cobriu seu rosto macillento;
deu inda em côro a natureza um grito:
atraz um passo recuou o Infinito
ao vêr o crime da infiel Sião.

Hoje, este riso que nos veste o rosto,
hoje, este bronze que nos toma o seio,
esta indiff'rença que do inferno veio
seccar os prantos, insultar o amor;
todo este mundo por tuas mãos composto:
a ave, o prado que floresce e exulta,
a fera, o homem, não verá que insulta
um pae que morre, em sua extrema dór?

II

Jesus, descerra os teus olhos:
vê, vê teus filhos sem norte!
Por essa c'rôa d'abrolhos
enlaçada em teus cabellos,
quebra as algemas da morte!
descerra os teus olhos bellos!

Ó sentinella perdida!
da atalaya do teu lenho
vigia a grei pervertida!
olha este cahos sem luz,
chama o disperso rebanho,
abre os teus olhos, Jesus!

Olha esta Babylonia, em tantas linguas
dispersa, confundida!
pedindo pão, e semeando abrolhos,
pedindo leis, e barateando a vida,
pedindo paz, e incendiando a guerra,
e tentando prender nas mãos de lodo
o mar, os ceus, e a terra!

Olha esta nova Judeia,
onde é Calvario a Tarpeia,
e Roma, Jerusalem:
onde o teu Pio Vigario,
expulso do santuario,
já vai do Pretorio além,
e a turba que ali vagueia
em torno do seu palacio
é Galileia do Lacio
que a vêr o martyrio vem!

Nus os pés, e semi-morto,
a esp'rança posta nos ceus,
transpoz o portico horrendo
d'esse congresso tremendo
de Scribas e Phariseus
brazonados de christãos!
e ali, por medo d'*Augusto*,
novos timidos Pilatos,
traidores á sua crença,
lavram da morte a sentença,
lavando as tremulas mãos!

Mas tu, Jesus, pódes tudo!
do teu Vigario tem dó!
solta a lingua d'este mudo!
esmalta o chão dos abrolhos!
dissipa a nuvem dos olhos,
do cego de Jerichó!

Engasta no ceu de Roma
a estrella maga dos Magos!
converte em urnas d'aroma
os antros prenhes d'estragos
de seus repletos paioes;
Traz'-lhe á perdida memoria
que as tuas armas são cruzes:
que espadas, lanças, e obuzes,
nem servem aos teus heroes,
nem são para a tua gloria!

Dize ao Lazaro que surja
da sepultura em que jaz,
que troque o saial da guerra
pela estamenha da paz;
que deixe aos reis essa gloria
de se matarem sem dó,
sendo o premio da victoria
mais alguns metros... de pó.

Se os braços *cultos* da Europa
lá entre os *barbaros* chins
devastam, roubam, e queimam
palacios, templos, jardins;
se, além, a Polonia geme,
da Russia ao mando feroz;
se a Hungria braceja e freme
sob o cutelo do algoz;
se á pobre da Irlanda preza
a Inglaterra tyranniza,
e se a Austria manda em Veneza,
e a França em Saboia e Niza;
se contra as briosas Quinas
se empina o Leão de Hespanha,
como em eras que lá vão
contra Aragão e Sevilha,
tome Roma e não ruinas
a ovante cruz da Sardenha!
não vá de Christo o Vigario
macular o seu santuario
por um ignobil quinhão
de tão iniqua partilha!
. . . .

III

Jesus crucificado, abre os teus olhos
do alto d'essa cruz!
d'esta nova Babel salva-nos todos!
acode-nos, Jesus!

N'este dia solemne em que as cidades
só deviam chorar,
ferve em odios o mundo; e passa o homem
sem vêr o teu penar!

Do norte ao sul, da Assyria ao Novo-Mundo,
no dia da afflicção
a voz d'alarma só responde aos psalmos
do santuario christão!

Se o florído pomar vestisse luto,
soubera a tua dôr!
e se as aves do ceu vertessem prantos,
choravam-te, Senhor!

O homem perde as crenças, como perde
as flores um jardim!...
Em se finando a derradeira crença,
que ficará por fim?!

IV

Jesus! se o mundo se agita,
dá-me descanço, Jesus!
faz'-me grama parasita
encostada ao pé da cruz.

Faz'-me insecto da ramada
que ninguem vê na amplidão;
quero, á sombra do meu nada,
perder-me na solidão.

Faze-me fonte na serra
que ninguem bebe, nem vê:
tira-me os mimos da terra,
mas dá-me as crenças e a fé!

Que eu sinta sempre o teu nome
misturar-se aos prantos meus;
que eu possa morrer de fome
abençoando-te, ó Deus!

Sexta-feira santa, 29 de março de 1861.

II

ROSAS PALLIDAS

A MEU PAE

A ti, meu pae, as minhas *Rosas pallidas;*
não tenho mais que te offertar no mundo.
Distinctos ais! esmorecidos canticos!
mesquinha paga ao teu amor tão fundo!

Sempre em teus olhos me sorriam jubilos,
sempre os teus braços me acolheram francos!
Se alguma c'rôa me destina a gloria,
cinge com ella os teus cabellos brancos.

LE ROI EST MORT! VIVE LE ROI!

Na côrte do rei vivo o logar nobre
pertence ás ambições, ás excellencias,
ás honras, á vaidade.
Do rei morto no funebre cortejo
o povo tem brazões, e as preeminencias
decreta-as a saudade.

Quero pois vir ás festas do sepulchro
d'aquelle que as saudades nos roubaram
da vida no verdor.
Pago meu preito á morta magestade;
ultimo sou talvez dos que choraram,
não ultimo na dor.

Tomou-me o pasmo a voz, quando de luto
vi toda uma nação, muda, em quebranto,
ao pé d'um ataúde.
Quiz perguntar... cerraram-se-me os labios:
o coração negou-me os ais e o pranto;
os sons, o alaúde.

Julguei que um genio mau co'as azas negras
em sonho delirante me assombrava
pairando sobre mim;
e que o braço marmoreo d'um gigante,
sobre o peito poisado, me esmagava...
Mas acordei por fim!...

Não era sonho: a verdade
era ante mim assentada,
dura, cruel, sem piedade,
toda de crepe vestida,
mostrando na mão mirrada
a c'rôa real partida!

Não era sonho o cortejo,
e o rouco som dos obuzes
das fortalezas do Tejo,
nuncios de tantos martyrios,
nem as mil pallidas luzes
das longas alas de cirios!

Não era sonho a saudade
que um povo leal, inteiro,
na miseria da orfandade
em longo clamor carpia,
sobre o asylo derradeiro
onde seu pae se escondia!

Não era sonho! tão moço,
partiu-se de magua dura
esse coração tão nosso!
e, na estação dos amores,
quando todos têm ventura,
teve elle da campa as flores!

Era uma sina! a desdita
tinha-lhe a vida algemado;
como a silva parasita,
que ficou preza na leiva,
se enrosca ao roble copado
roubando-lhe sombra e seiva.

Um dia, a regia creança
perde o materno carinho;
foge-lhe a pomba da esp'rança,
que era a imagem da virtude,
e el-rei fica tão sósinho
entre a c'rôa e o ataúde!...

A alva flor da laranjeira,
que era na trança enlaçada
da regia esposa fagueira,
enlevo de povo e noivos,
caíu no chão transformada
em tristes, gelidos goivos.

Immerso em tanta orfandade,
ao ceu levantava os olhos!....
homem, lá tinha a saudade!
rei, não podia ter prantos!...
Ai! que cilicio d'abrolhos,
que eram tão duros e tantos!

E o calix não era enxuto!
Por complemento de maguas,
vem sobre o luto mais luto!
as tão queridas infantes
lá vão, por cima das aguas,
viver em terras distantes!

El-rei foge ao ermo paço
e ao vozear das cidades:
busca a fadiga, o cansaço;
mas, da desgraça no cumulo,
quando ia matar saudades
por suas mãos abre um tumulo!

Que larga historia de dores
é d'el-rei a curta historia!
Ó harpas dos trovadores,
memorae-lhe a vida em cantos!
n'uma epopeia de gloria,
n'uma elegia de prantos!

Vinde, altivos soberanos!
chorae o vosso modelo
no velho rei de vinte annos!
E os que o viram sobranceiro
aos vagalhões do flagello,
chorem seu regio enfermeiro!

Por isso é pezado o luto:
por isso a pena é martyrio!
Não se encontra um rosto enxuto
hoje, logo, no outro dia!
tornou-se a magua em delirio!
tudo el-rei nos merecia.

Por isso a Europa enlutada
veio ao funebre cortejo
chorar co'a grei consternada,
queimar-se nas mesmas fraguas,
e ás tristes aguas do Tejo
juntar o pranto das maguas.

Se do luto as tristes cores
são, das côrtes na pujança
prova d'affectos e amores,
os signaes de penitencia
eram na côrte da França
encargos de consciencia.

O mundo aprecia e aponta
n'um logar d'honra na historia,
tarda embora, a desaffronta.
Das Tulherias o pranto
vinga d'el-rei a memoria,
e a nação que o chora tanto.

É morto el-rei! Nas sombras do futuro
que novas eras guarda o tempo á grei?
Deus dê descanso eterno ao rei finado,
e bençãos, paz, gloria ao novo rei!

AVE LABOR

(A CIDADE INVICTA)

Poesia apresentada pela Imprensa Nacional de Lisboa na exposição do Porto

Porto, que viste o fogo, o sangue, e os lutos
que formaram cortejo ao novo solio
da augusta liberdade,
da arvore que plantaste colhe os fructos,
tu, que lhe foste berço e capitolio,
sempre leal cidade!

Tu, que a viste nascer, surdir do abysmo,
entre o immenso fragor de cem batalhas
na fratricida guerra,
deste-lhe: sangue e fogo — por baptismo!
por c'rôa — o teu diadema de muralhas!
por throno — a altiva *Serra!*

Faltava a sagração: — dás-lhe hoje o templo!
Romeiros liberaes, vinde ao festejo
do trabalhar fecundo!
para todos ha culto, e gloria, e exemplo:
a *Industria* espera em festival cortejo
a patria, a Europa, o mundo!

Nova *cruzada* os povos chama á gloria,
nova *Jerusálem* convida em brados
para novas conquistas;
canta a epopeia a incruenta historia
de melhores heroes; nomes laureados
d'*industriaes* e *artistas*,

dos que ao diurno labor o braço alteiam,
e que, após o serão, sonham co'a vinda
da preguiçosa aurora;
d'esses em cujas frontes se incendeiam
diamantes de suor; c'rôa a mais linda
que a mão de Deus inflora!

Vinde, que é Deus aqui; só d'elle ao nuto
surgem de tanta gloria estes fastigios.
Quer Deus que lhes consagres:
tuas flores, — jardim; pomar, — teu fruto,
industrias, artes, — vossos mil prodigios;
sciencia, — os teus milagres.

A *Imprensa* vem á festa! nem podia,
mestra d'exemplos, recusar o exemplo.
A hostia é do sacrario;
o apostolo, do mundo; o sol, do dia;
o verbo, da doutrina; o altar, do templo;
do altar, o lampadario.

Do *templo do trabalho* é hostia, verbo,
sacrario, luz, sacerdotisa, a *Imprensa*,
a mãe da liberdade,
que ampara o genio em seu trabalho acerbo,
e abarca as eras em sua esphera immensa,
prendendo idade a idade.

Dissera Deus ao sol: — "Surge, e alumia„!
e illuminou-se o valle, o monte, o albergue,
o fructo, a flôr, as palmas!
mas do espirito a luz?!... Chegára o dia:
o seu *fiat*, emfim, diz *Guttemberg*,
e fez-se o sol das almas!

A *Imprensa* é, pois, no templo. Entre os primeiros
tomando o seu logar junto ao sacrario,
proclama á sociedade:
— "Á festa universal! entrae, romeiros!
abre as portas, *Industria*, ao teu santuario!
Preside a *Liberdade*!„ —

NO ALBUM DE ARTHUR NAPOLEÃO

No reverso da primeira pagina
em que se achava escripta a seguinte carta:

Snr. Thomaz Ribeiro:—Rogo a V. que seja interprete da admiração que eu consagro ao talento d'Arthur Napoleão. V. tem ouvido que eu por muitas vezes tenho sustentado em publico, tanto quanto posso e quanto sei, aquelle preito que se deve a uma gloria da nossa terra; e mais sabe que eu estudo e trabalho para que a minha recitação não possa occultar as esplendidas imagens que o author derrama nos seus escriptos. Portanto, diga a Arthur Napoleão que nos applausos que merece o seu talento e nobre trabalho vão tambem os modestos elogios de

Maria do Céo da Silva Mendes.

Lisboa, 4 de maio.

Que queres tu de mim? Chamaste-me, senhora,
do ceu da minha Beira estrella a mais fulgente?
Que eu suppra a tua voz?!... Pois tu, canção da aurora,
precisas do meu canto a musica plangente?

Tu és o rouxinol; eu, rola que se queixa;
tu'alma vôa e canta; a minha chora e dece;
tu és o hymno altivo; eu, a singela endeixa!
tu és o amor e o mando; eu, a saudade e a prece.

Tu és a primavera; o outomno eu sou... sem fruto;
tu és a luz, e eu, sombra; és harmonia; eu eco;
tu és o lirio branco; e eu, lirio, com meu luto,
sou junto a ti... cypreste esmorecido, secco!

Eu fui, talvez, cantor; poeta és tu, que o leio
em teu formoso olhar, tão scismador, tão vago;
és cysne em lago ameno a refrescar teu seio;
eu sou a junça humilde a sombrear-te o lago!

Senhora, o genio é rei, e a formosura, esquiva;
tu és rainha, e vens, co'a fronte coroada,
dar-me tremendo, a mão, modesta sensitiva!...
És mais formosa assim! não és rainha, és fada!

Nunca me ergueu tão alto a caprichosa sorte!
Ao genio, teu irmão, queres mandar um voto,
e eu, plenipotenciario, hei de ir de côrte a côrte?!...
Irei, que o mandas tu! irei ao mundo ignoto!

Irei ao templo augusto, ao vosso capitolio,
onde o laurel e o throno é feudo de conquista!
e, após depôr a offrenda, e, após do augusto solio
ter os degraus descido eu lhe direi:

— "Artista!

abre esse livro, e vê na pagina primeira
o que é dar culto ao genio, o que é dar preito á gloria!
A sorte é-te propicia! a fada é-te fagueira!
e é mais que o dom dos reis ficar-lhe na memoria!„ —

Cumprido o voto assim, despede-me, senhora,
do ceu da minha Beira estrella tão fulgente!
Adeus, irmãos no genio, e ambos canções da aurora,
que eu volto ao meu sol-posto, e á musica plangente!

Lisboa, 5 de maio de 1866.

A FESTA E A CARIDADE

Composta expressamente para ser recitada pelo actor Santos
no theatro de D. Maria II,
por occasião do beneficio da Associação protectora
da infancia indigente

Qui donne aux pauvres, prête á Dieu.
V. Hugo.

Para uns, abre o ceu manhã de flores;
meio-dia de fructos e doçuras!
tarde d'encantos mil; noites d'amores;
sonhos de gloria, affectos, e venturas.

Para outros, as noites não tem lua;
o sol é sem calor; o ar, sem perfume;
o leito... sem enxerga! a meza... nua!
os armarios... sem pão! o lar... sem lume!

Eis o quadro da vida: entre matizes,
o grupo dos mimosos da existencia;
a lida, ao pé, morgado d'infelizes;
e, por fundo, os andrajos da indigencia!

Do pobre ao rico ha distancias
cortadas por muito abysmo,
que a sorte, ou, quem sabe? o egoismo
d'espaço a espaço afundou.

Salva-os com aereos passos
meiga virgem da piedade;
chamou-lhe Deus *Caridade*,
e o mundo o nome exalçou.

Á noite, a virgem modesta,
a casta filha de Deus,
furta-se aos hymnos da festa,
e, envolta em candidos veus,

desce a escada sumptuosa:
mãe aos maus, irmã dos bons,
lá vae levar, carinhosa,
a toda a parte os seus dons.

Aqui, perfuma, suavisa,
como a aragem matinal,
velho que triste agonisa
na enxerga d'um hospital.

Sáe: busca afflicta viuva
na sobre-loja sombria,
e aquece na mão sem luva
mão pobre, engelhada, e fria.

D'alli, sobe a estreita escada,
são-lhe guia afflictos ais,
e encontra na agua-furtada
filhos nus, famintos paes;

e leva esmola e carinho
ao casal desventurado,
que foi armar o seu ninho
entre os musgos d'um telhado;

imitando o que entre flores
faz o amante rouxinol,
que só conta os seus amores
á noite, ás auras, e ao sol.

Onde assoma o transparente
sendal da candida fada,
tudo é formoso e ridente
como os prismas da alvorada;

as rugas cáem das frontes;
os prantos fogem dos olhos;
as rochas abrem-se em fontes;
brotam lirios dos abrolhos.

Se descerra os purpurinos
labios de finos rubis,
suas palavras são hymnos
que Deus acceita e bemdiz!

C'rôa de mysticas flores
lhe entretece a loira trança;
nos olhos riem-lhe amores;
n'alma, a fé; no seio, a esp'rança.

E quando emfim desparece
aos infelizes da terra,
e, após a nocturna prece,
pousa a face, e os olhos cerra,

velam-lhe o leito os carinhos
que ella deu a tanta dor;
as preces dos pobresinhos;
e, á cabeceira, o Senhor!

É pois que vos disse qual seja a virtude
mais bella e querida na terra e na gloria,
deixae-me contar-vos, ao som do alaúde,
um só dos seus feitos que vivem na historia:

No tempo em que passou no mundo esse terrivel
Napoleão, o heroe! o immenso!! o incomprehensivel!!!
o anjo do exterminio! o raio! o deus da guerra,
que enriquecia a França empobrecendo a terra,
um arcebispo, um velho... um santo, era pastor
d'almas que apascentava aos olhos do Senhor!

Faminto era o rebanho, esteril a campina,
e á beira mar o aprisco,—a igreja.

Era divina
a missão do bem velho! Oh! sim! mas que tormento
para o triste pastor ouvir balar o armento!

queimada a urze ao monte, as relvas aos valleiros!
sem alimento as mães! sem leite os seus cordeiros!...
Deu-lhe o quanto podia: a prece, a esp'rança, o pão,
tudo o que lhe escogita o honrado coração!
e, quando achou vazia a sua mão tão nobre,
julgou-se mais ditoso: era o primeiro pobre!...

Uma noite o bom velho acorda antes da aurora;
rumor sinistro o esperta!...

— "Ai, Deus! pois lá por fóra
anda a chorar disperso o meu rebanho, e em risco?!
Quem sabe, ó Deus, se o lobo entrou no manso aprisco?!
Accode-lhe, Senhor!..." —

Corre para a janella...
abre... espreita... No ar não luz nem uma estrella!
O ceu negro a pousar nos tectos da cidade,
raios, a mil e mil, rasgando a escuridade,
os roncos do trovão, e o sibilar do vento,
um cahos revoltoso o mar e o firmamento,
foi tudo quanto viu, e ouviu!

Cheio d'horror
eleva o pensamento ao Deus do eterno amor
e cáe.

Horas depois, os raios da alvorada
foram beijar-lhe a fronte, altiva e tão sulcada
pelo minar do estudo e o reflectir da idade.
....

o vento adormeceu; caíra a tempestade.
Ergue-se, e da janella...

Ai! que montão d'horrores!
Falta na praia um bairro! Os pobres pescadores
lá viram perecer nas ondas do seu mar,
muitos, a propria vida! outros, o barco e o lar!

....
....

Empenha a cruz e o annel; e o triste bando implume
teve n'aquelle dia abrigo, e pão, e lume.
Mas... no seguinte, o almoço?! embora fosse parco!
e construir-lhe um ninho?! e dar-lhe a rede e o barco?!
N'isto pensava á noite o homem do Senhor,
co'os olhos rasos d'aguas, immerso em negra dor!
Elle, tão pobre e velho!... A quem pedir sustento?!

A ponto, uns sons d'orchestra entraram no aposento!
Ouviu... pasmou!...

—"Meu Deus! em noite assim funesta,
quando a miseria chora, os hymnos d'uma festa!...„—

Medita longo tempo!... Após, como se a chamma
do alto o illuminasse, humilde ajoelha, e exclama:

—"Meu Deus, que ouviste a prece ao pobre peccador!
comprehendo o teu decreto, entendo-te, Senhor!
Ha baile na cidade! a musica m'o attesta!...
Falta-me o annel e a cruz! embora! hei de ir á festa!„—

É meia noite. No baile
esplende inteira a alegria;
luzes, flores, e harmonia,
brilham na fausta mansão.
Inflamma-se o jogo e a dança;
recendem mais os perfumes;
ardem mais vivos os lumes;
pulsa mais o coração.

Reiua o prazer... Mas a orchestra
destôa, pára, emmudece;
o enthusiasmo arrefece,
e o redemoinho... parou.
Ninguem mais a voz levanta!
reina um silencio agoireiro!
Corre ao fundo o reposteiro,
e o velho arcebispo entrou.

Todas as frontes se acurvam
ante o pastor venerado,
que ao seu baculo encostado
percorre lento o salão.
Todos acorrem ás bençãos
que elle aos dois lados envia,
e tem por d'alta valia
beijar-lhe a rugosa mão.

Chega a dona do palacio,
que estava immovel, absorta,
regelada, semi-morta,
perante o vulto fatal.
Para ella, o santo velho
era um remorso qne entrava
no seu baile, e que a buscava
hirto, livido, mortal!

O velho quebra o silencio :
— "Em noite de tanta dita,
se vos faço uma visita
importuna, perdoae!
Na vossa casa, senhora,
tendes festa, á festa venho;
e nunca parece estranho
que os filhos visite um pae.

Sabeis o que vae lá fóra?
contraste dos vossos brilhos,
tenho um rebanho de filhos,
chorosos, famintos, nús :
deixei-os no meu albergue;
ia... nem sei para onde ia!
da vossa festa a harmonia
aqui meus passos conduz.

Encostae-vos ao meu braço;
tomae-me esta bolsa: agora
vamos mendigar, senhora,
erguendo supplices mãos:
— Pelo amor de Deus, senhores!
esmola, ricos e nobres!
esmola aos meus filhos pobres!
esmola aos vossos irmãos!„ —

Diz; e a turba dos convivas .
foi pressurosa á porfia
dar quanto ali possuia,
e prometter mais e mais.
As damas, dos seus enfeitos
arrancam oiro e brilhantes.
braceletes e diamantes,
anneis, perlas, e coraes.

O velho, chorando e rindo,
exclamou:
— "Estes penhores
heis de havel-os, meus senhores,
com largos juros nos ceus.
Vós, minhas candidas filhas,
ficaes assim mais formosas:
para rosas bastam rosas:
valeis mais ao mundo e a Deus!

Vou fazer outros ditosos;
a minha missão foi esta:
reviva, recresça a festa,
folgae, meus filhos, folgae!„
Eu digo como o bom velho:
folgae! que a festa consola
a quem hoje deu esmola
a tantos filhos sem pae.

Lisboa, 14 de novembro de 1862.

NO ANNIVERSARIO

DE

JULIO DE CASTILHO

(Improviso)

É rito nobre coroar poetas:
o marmore, o painel, taes os conservam,
fazendo-os immortaes.
As c'rôas são diversas: umas vezes
a dita as entretece d'alvas flores;
outras, os loireiraes
offerecem festões da rama illustre
para a epica fronte do poeta
que ergueu altas canções.
Muitas são de cypreste, e foi, bem sabes,
de loiros, malmequeres, e saudades,
a c'rôa de Camões.

Foi de saudade e myrthos a d'Ovidio;
d'astros e nuvens a d'Ossian e Homero;
de parras a de Horacio;
de raios a de Milton! a Virgilio
coube a corôa civica de loiro,
e flores do seu Lacio.
A tua... é bem singela: é só de rosas;
mas teceu-t'a a amizade e o enthusiasmo
d'ardentes corações;
a civica ha de vir, crê no futuro.
Canta, poeta, sem cuidar d'ingratos,
que assim cantou Camões!

Luz, 30 d'abril de 1863.

OS MEUS TRINTA ANNOS

(N'um album)

A vida é monte erguido entre dois mares,
que se avulta nas ondas arrogantes
do norte para o sul.
O seu manto, nem sempre é relva e flores;
o caminho, nem sempre suave e largo;
o ceu, nem sempre azul.

Do nascente ao sol-posto sóbe a estrada,
e eu por ella subi; da vida ao cume
eis-me chegado emfim!
A fatidica hora dos trinta annos
no relogio fatal que a vida conta
soou já para mim.

Antes que eu desça além, quero da altura
medir, entre os dois mares, a distancia
do meu peregrinar;
quero n'estes momentos de repouso
os dois barcos saudar, que me saudam,
n'este e n'aquelle mar:

Este... conheço-o bem! era o meu berço!
baixel em que embarquei do nada á vida,
ao pé de minha mãe!
N'aquelle... ergue-se a cruz negra do esquife!...
Hei de embarcar ali da vida ao nada,
sem me velar ninguem!

....
....

Pedir cantos, senhora, a quem da vida
perdeu todo o matiz dos roseos sonhos
d'aurora juvenil!...
Não porque a vida me vá longe ou negra,
mas porque est'alma é tão deserta e arida
que nunca teve abril!

A vida bonançosa, a paz eterna,
enerva o coração e o pensamento
nos braços d'ocios vis.
O genio nasce e cresce entre as tormentas!
Senhora, attenta bem como ha desgraça
até no ser feliz!

A vida sem paixões, sangue sem febre,
é calmaria d'alma, que vegeta,
murcha, inodora flor.
Os gozos faceis, a ventura placida,
são paraiso d'existencia inerte;
mas eu prefiro a dor.

Prefiro a dor; que essa exalta
o sentimento, a paixão;
se o riso nos labios falta,
o pranto nos olhos, não.

Nem dor, nem riso... Eis a calma
do morto mar do meu ser.
Não reverdece uma palma
na aridez do meu viver!

Existo... não sei se existo...
sem ter desejos, nem fé!...
Mas, se ao mundo eu disser isto,
o mundo pasma e não crê.

Tu acreditas, que és pura,
e eu não te posso mentir;
juro-o por tua candura,
por teu sincero sorrir.

Não tenho que dar... Trinta annos
morrem hoje para mim;
a idade dos desenganos
já vês que chegou por fim!

Trinta annos que o ocio esconde;
em que eu nem ri, nem chorei.
Trinta annos gastos... aonde?
em que?... com quem?... nem eu sei!...

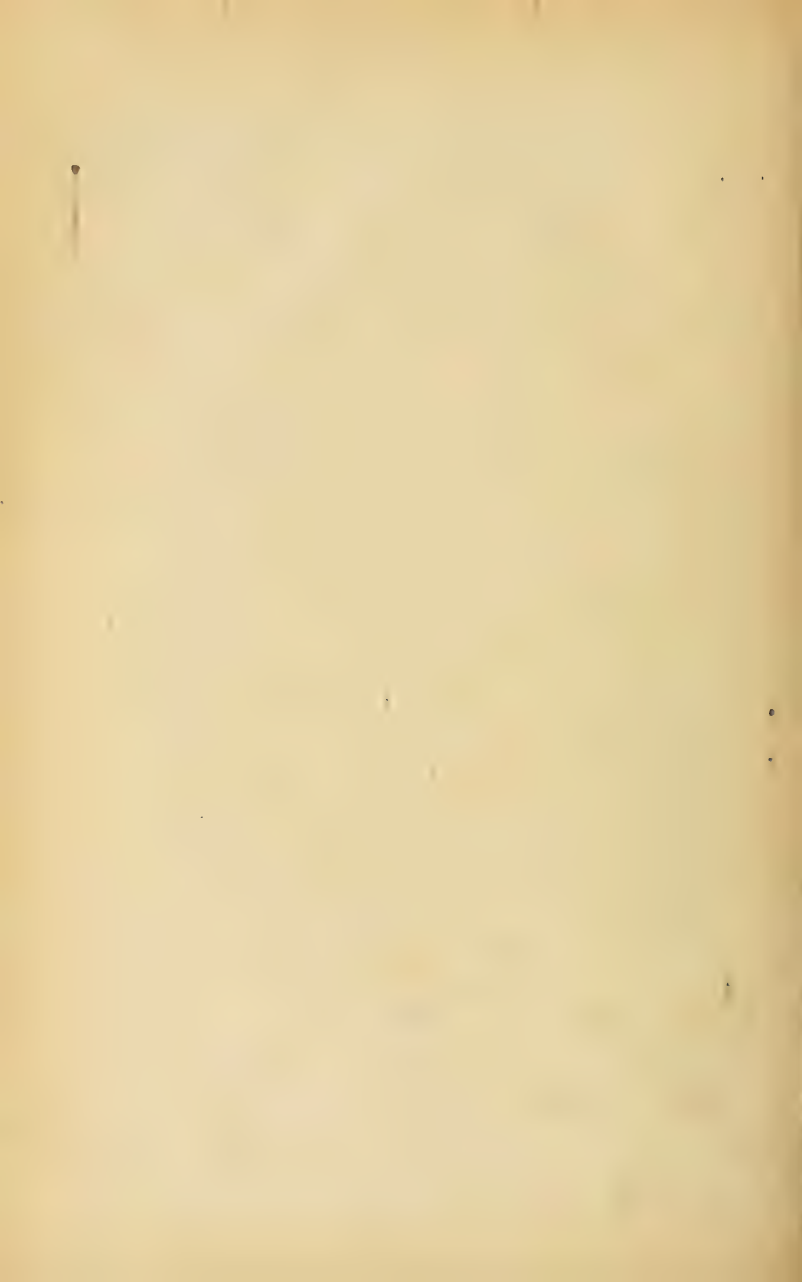
Subi ao zenith da vida,
vou prestes descer ao val:
na c'rôa da encosta erguida
cravei o marco fatal.

Adeus, mocidade, infancia,
que nunca mais hei de ver!
Tenho em frente igual distancia...
mas é mais facil descer.

Além acaba o desterro
ao infeliz que ali jaz.
No fim do ingreme cerro
começa o reino da paz...

—Ávante!—Desço a ladeira
sem saudade, ou riso, ou dor;
sem plantar uma palmeira,
sem semear uma flor.

Bem vês, é safara, ingrata,
vida sem risos, nem ais...
Consigno aqui uma data,
deixo um nome, e nada mais.

Lisboa, 1 de julho de 1861.

A MADAME LOTTI DELLA SANTA

(Na noite de seu beneficio) [1]

Quem, no templo da harmonia,
colhe hoje os louros e as palmas?
quem tem o sceptro das almas?
quem, o diadema real?
Que fada quebra o repouso
meditabundo e severo
d'este patriarcha austero,
d'este velho Portugal?

---

1 O producto d'este beneficio foi cedido aos pobres.

Que fada, que se transforma
ora em anjo de venturas,
ora em fonte d'amarguras,
que a loucura, ou a morte dá!
ora com ducal diadema
cinge a fronte de Lucrecia!...
Que fronte! nem mesmo a Grecia
as viu mais bellas por lá!

É Lotti, a filha das artes;
Lotti, a musa da harmonia,
a que possue a magia
das celestes vibrações:
é Lotti, que, dadivosa,
junto ás festas da grandeza
quer as bençãos da pobreza,
as palmas dos corações!

Tu sabes, filha da Italia,
que em nossas formosas praias
cresce o loiro, o myrto, as faias,
qual na terra de teus paes;
que este ceu tambem dá genios;
que este sol tem resplendores;
que as harpas dos trovadores
sabem hymnos triunfaes!...

Salve, Lotti! duas c'rôas
te enramam a fronte bella:
uma, é rica; outra, singela;
mas ambas de igual condão:
uma é devida ao teu genio —
luz d'ethereos esplendores;
outra é prenda dos amores,
deve-se ao teu coração.

É pobre, que vem dos pobres:
é simples, mas traz encantos;
vem orvalhada de prantos,
mas prantos de quem sorri:
fazer chorar os felizes
e sorrir os desgraçados!
que fados, Lotti, que fados
o ceu guardou para ti!

Á nobre irmã de Tasso, á bella irmã d'Ariosto,
ao anjo da harmonia, á musa das canções,
i que a alma nos enleva, e nos inunda o rosto,
saúda jubilosa a patria de Camões!

CYPRESTE E ROSAS

(No album da Excellentissima Senhora D. Maria Carolina Berquó)

Assim o pedes, senhora!
um canto triste, tão triste,
como a saudade que existe
dentro d'ess'alma que chora,
quando o rosto enxuto e ledo
mostras ao mundo contente,
para esconder-lhe o segredo
da dor que elle ouve, e não sente

Oh! tens razão! no mais fundo
do peito resguarda as dores!
não sabe o que são amores,
não sabe ter pena, o mundo!
D'um coração que padece,
as profundas tempestades
não sonda, que não conhece
prantos, martyrios, saudades!

Que penas que me dissestə!...
Festa aziaga, infausto dia,
quando ás rosas da alegria
veio enlaçar-se o cypreste!...
Ai! que tristeza nas salas!...
ai! quantos prantos vertidos!...
o crepe ensombrando as galas!...
em vez de cantos, gemidos!...

Da mãe frustrado o agasalho
vós em dor profunda immersas
por sobre as flores dispersas,
lagrimas em vez d'orvalho!...
em vez da orchestra, os plangentes
cantos, nuncios de martyrios...
e, por lustres esplendentes,
da morte os pallidos cirios!

Comprehendo essa dor, senhora!
sei como a formosa Amelia,
candida como a camelia
que se abre aos risos d'aurora,
no seu dia anniversario
se ergueu risonha d'esp'rança,
e foi topar co'o sudario
em que era envolta Constança!

Constança! a doce! a formosa!
que na aurora da existencia
sentiu roubarem-lhe a essencia
da vida! tal como a rosa
que ostenta os seus esplendores,
luz, matiz, perfumes, gala,
e após um'hora d'amores
vem um tufão arrancal-a!

Triste, triste anniversario!...
Que infausto dia foi este!...
c'rôas, ramos... de cypreste!
sedas brancas... d'um sudario!
brilhantes... fios de prantos!
musica... os ais dos martirios!
poesia... a dos psalmos santos!
luzes... o clarão dos cirios!...

Que dia d'annos, senhora!
que festa triste! e que afflicta
é ainda a imagem que habita
dentro d'ess'alma que chora!...
Ó minha lyra plangente,
cala os sons! porque persistes,
se para dor tão vehemente
não achas notas bem tristes?!...

Pomba: acolhe no teu seio
meu pobre canto.
                    Disseste,
quando o teu livro me déste:
— "Vou dar-te o assumpto.„ —
                              Acceitei-o.
— "Não falles d'amor, d'esp'rança,
mas da dor que me consome!„ —
. . . .
Possa o nome de Constança
fazer-te lembrar meu nome.

Lisboa, 26 de maio de 1864.

N'UM ALBUM

Somos dois viajantes: vós, senhora,
andaes talvez em busca de prazeres;
        eu... sem destino! á toa!
Percorremos um dia a mesma estrada;
o acaso nos juntou, e pernoitámos
        no grande hotel—*Lisboa*.

Pois que partis primeiro, auras benignas
vos acompanhem sempre, e vos segredem
        meus votos d'amizade.
Se ellas voltarem junto a mim de novo,
que me tragam de vós uma lembrança;
        se fosse uma saudade!...

Lisboa, 16 d'abril de 1863.

DIZEM

(N'um album)

És bella?... *dizem* que és bella
os que tem tido a ventura
de viver junto de ti;
dizem que és meiga e singela,
que tens alma e tens candura,
e mananciaes de ternura
no teu seio.
Eu nunca te vi, mas creio
nos mil louvores que ouvi!
Porque este *dizem*, senhora,
esta vaga voz que passa
por junto do trovador,
como entre os risos da aurora
mago som que se esvoaça
nas franças do roble em flor;

esta musica celeste
de bem-dizer, que vai longe,
tem não sei quê de suave,
que lembra o perfume agreste
que entra na gruta do monge!
tem notas dos trillos da ave
que á hora em que morre o dia
vai poisar na cruz d'um ermo,
e exhalar do seio enfermo
caudaes de melancolia!

É pois santa a voz que passa
atravez do espaço immenso,
como um canto solitario;
lembra o hymno que esvoaça
por entre as nuvens do incenso
sob as naves d'um santuario!

Creio, sim, por que a minh'alma,
dos cantos filha e da luz,
nunca poude ser esquiva
ás seducções da poesia!
tudo que é bom a seduz!
tudo que é nobre a captiva!
tudo que é bello a inebria!

Mas, senhora, a minha lyra,
quando só *oiço*, e não vejo,
geme triste, não se inspira,
como eu quizera, por ti.
Manda, pois, o meu destino
que o signal, só, d'um desejo
eu deixe marcado aqui:
—Quero offerecer-te um hymno,
mas quando eu disser:—*Já vi!*—

Parada de Gonta, Setembro de 1864.

NO ALBUM DO MEU AMIGO ROCHA PÁRIS

Páris: tens um lindo nome,
mas tens um nome fatal;
não te mettas com *Helenas;*
não queiras ir dar mais penas
ao teu pobre Portugal!

Pódes ter irmão valente,
e acoitar-te ao seu valor;
mas se o pae da rapariga
fôr *Achilles,* e na briga
nos matar o nosso *Heitor?!...*

Todos nós ficamos *gregos!*
Muitos *Enêas* então
treparão pelas encostas,
levando *Anchises* ás costas
e *Ascaninhos* pela mão.

Lê muito a historia d'*Andrómacha*,
não a esqueças nunca mais:
no meio dos teus amores
lembra de *Troia* os horrores,
o incendio, o sangue, e os ais.

Tu pódes amar um anjo...
quem não ama o que ama Deus?!
Chamasse-se o anjo *Helena*,
que eu cá, fazia-o sem pena,
dizia-lhe logo — adeus! —

ARBUSTO MANINHO

(Ao meu particular amigo Luiz Antonio Nogueira,
d'Angra do Heroismo,
quando me participou o nascimento de sua primeira filha)

Tu já tens visto arbustos na montanha
que se vestem de flor na primavera,
mas de pallida flor triste e inodora,
e a quem jámais dos vendavaes a sanha
consentiu que ao pastor, á abelha, á féra,
désse um fruto no outomno? Attenta agora
para mim um momento, e has de, sem custo,
achar o meu retrato
n'esse infecundo arbusto.

Pensa depois em ti! vê como é grato,
após o trabalhar, achar-se um berço,
ninho alvissimo e quente, em que descança
avesinha que ri!...
És pae!... Ser pae é viver sempre immerso
em ondas de poesia e d'esperança;
é ser mais seu e não pensar em si;
é trasbordar d'amor;
é derramar prazer do seio a flux;
é correr, correr sempre cauteloso
e não saír do quarto, em derredor
do seu morbido ninho,
como anda a borboleta em torno á luz,
a abelha em torno á flor;
é presentir um ai, e alvoroçar-se;
aprender só de si que se resume
o almo sustento para o caro implume
em manjares... de leite e de carinho!...
Ser pae é ser bemdito do Senhor!

Triste do sêr que ha de viver sósinho
sem ver um fruto do bemdito amor!
triste do arbusto que nasceu maninho,
ornando-o apenas... descorada flor!
flor que te envio, porque o vento adverso
m'a quiz poupar a mim!
depõe-na sobre o berço,
e ao teu anjo dormente dize assim:

—"Dorme, filha, meu thesoiro,
ao som das vagas do mar!
roseos anjos d'azas doiro
venham teu somno embalar!

No mez dos cantos e flores
nasceste, ó rosa gentil!
Deus te dê eden d'amores,
e aromas d'um longo abril!

Primeira estrella fagueira
d'enamorado pallor,
primeira flor da roseira,
primeiro beijo d'amor,

c'rôem-te os iris da esp'rança,
formem teu leito os rosaes,
mensageira de bonança,
pomba da arca de teus paes.

Bafeje a Virgem teus olhos;
o Senhor te firme o andar;
o vento varra os abrolhos
do chão que tens de pisar!

Dorme, filha, meu thesoiro,
que eu velo e guardo-te aqui!
roseos anjos d'azas d'oiro
segredam em torno a ti!

Bem longe, em saudade immerso,
tenho um amigo, um irmão
que te daria por berço,
minha filha, o coração!„ —

Á SENTIDA MORTE

DO MEU ESPECIAL AMIGO

ANTONIO D'ALBUQUERQUE DO AMARAL CARDOSO

Eh bien! prends, assouvis, implacable justice,
D'agonie et de mort ce besoin immortel!

Lamartine

O sacrario das preces e dos prantos
abriu-se e nos espera!
dae ao luto monção, calae-vos todas,
aves da primavera!

Deixae da penitencia aos psalmos tristes
as notas da tristeza!
Onde chora a amizade, é bem que chore
amiga a natureza.

No verão da existencia a vida é bella,
risonha, e festival!
porque pois do ataúde assim nos pedes
prantos no funeral?!

E nós trazemos prantos bem sentidos
d'alma na viuvez
por ti, de quem ficou, triste orfandade!
orfã segunda vez!

Por ti, a cuja porta nunca embalde
se encostaram afflictos!
Por ti, que tantas vezes enxugaste
o pranto de proscriptos.

Mais ricos do que tu eram teus pobres,
exemplo de virtude!
Nobre e amigo modelo, em paz descança
além do ataúde!

Começou-te na infancia o teu martyrio:
mas, sereno e leal,
tomaste o amor da patria por divisa!
por senha — Portugal.

Para longe, bandeiras bellicosas!
acurve-se o dever
ante esse vulto digno d'Albuquerques...
até no padecer!...

Amigo: pouco vale o meu tributo
de preces e de pranto;
como pae, como esposo, o que recebes
vale mais, é mais santo.

Pezou-te Deus da vida na balança...
o fiel estremeceu!...
Poz na concha d'além tuas virtudes...
e devia-te o ceu!

6 d'abril de 1859.

TRINTA E DOIS ANNOS

(Improviso)

Trinta e dois annos! É tarde!
voltar atraz quem me dera,
a vêr nos campos da vida
as flores da primavera!

Vou no pendor da ladeira,
e este declivio é fatal!
Como vem dar-me tristezas
o dia do meu natal!

Tudo o que vejo é tão triste!
Tudo que deixo é tão bello!...
Como hoje tenho saudades
do meu berço tão singelo!

Como o estio da existencia
me abraza de fogo interno!
como se levantam negras
as nuvens do meu inverno!

Não é que ao vêr o futuro
me estremeça o coração;
a sorte póde vencer-me...
intimidar-me, isso não!

Mas sempre, sempre o meu berço,
a campa lembrar-me vem;
porque para a eternidade
a campa é berço tambem.

E faz tal pena a quem lida
não vêr chegar um conforto!...
Vamos! lidar n'esta faina,
até que Deus mostre um porto!

Para bem longe as tristezas!
valem mais ledos enganos!
bem haja a pura amizade
que hoje festeja os meus annos!

Um brinde por vós, formosas!
por vós, amigos leaes!
por todos os que são nossos:
esposos, irmãos, e paes!

Um brinde pelos futuros
de tanta esp'rança em botão!
Vae n'elle inteira amizade,
e completa a gratidão!

Casa da Povoa do Arcediago, 1 de julho de 1863.

MIRAGEM

(A' Excellentissima Senhora
D. Maria da Gloria da Motta P. Velho)

Eu viajo no centro d'um deserto;
um mar d'areia ardente os pés me escalda;
lume vivo do sol, a prumo aberto,
me tisna a fronte e me incendeia a espalda.

É de chumbo este céo triste e inclemente;
o vento estruge em harmonias bravas
o paiz dos bulcões d'areia ardente,
onde tem sangue a luz e o sol tem lavas.

Paiz immenso, e triste, e sem conforto,
sem virações do mar, sem frescas fontes!
tudo uniforme, esteril, mudo, morto,
dos confins aos confins dos horisontes!

Que mysterio fatal, que negro arcano
esconde ao mundo este areal tremente?
berço talvez do temeroso oceano!...
tumba talvez d'um povo impenitente!...

Se tivessem chorado, os que morreram,
aqui houvera fonte abençoada;
mas, quaes seus corações aridos eram,
arida campa lhes requeima a ossada...

É pois de meus irmãos cinza esta areia,
onde não voltou mais a primavera?!
E eu... que serei? espectro que vagueia
entre pó que foi nobre, e é pó, qual era!

Em vão procuro na solidão calada
um ponto firme a que segure os braços;
sempre estas mãos a tactear o nada;
sempre esta areia a falsear-me os passos!

E vejo nos confins dos horisontes,
em distancia que a vista nunca mede,
cidades e rosaes, pomos e fontes,
e morro de fadiga, e fome, e sede.

E diz-me a febre: — "Além, entre essas flores,
ha glorias, ha delicias, ha mulheres!
poeta, accende o estro! eia! aos amores!
a dita é perto, e tua é já se a queres!

Sus! sus! caminha! um dia mais! ávante!
que amor e gloria te reaccenda a esp'rança!
Poeta, apressa a tua marcha ovante!
sob o myrto e os laureis feliz descança!

Enxugo o meu suor; no eden visinho
seguro a vista, recomeço a viagem;
e, gasto em luta o dia... ou não caminho,
ou de mim foge a tentadora imagem!...

Perdi n'esta luta os annos
da infancia, que vi morrer
no ermo dos desenganos,
no areal do meu viver.

Cancei; sentei-me na areia;
meus olhos não mais ergui,
convicto, firme na ideia
de que hei de morrer aqui!

O sol mirrou-me os encantos
de tanta nobre ambição;
calcinou-me o riso e os prantos
a lava do coração.

Que tentadora e que bella
miragem que eu persegui!...
Foge, se chamam por ella,
e chama, quando sorri!...

Se espreitar, n'esse horisonte
hei de encontral-a!... bem sei!...
Não quero vel-a defronte;
não posso correr; cancei!...

Sobre esta convulsa areia,
firme espero as contorsões
da morte, que me rodeia
no esbravejar dos tufões.

'té que o vento, despenhado
das azas do vendaval,
cá me deixe amortalhado
nas dobras d'este areal.

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

Tal a sorte de quem sonha!
Um sonho só me perdeu!...
Tudo é miragem risonha!...
Verdade, estarás no céo?...

1858.

UM MOCHO

(Passatempo de um serão de inverno)

Off. a uma excellente e illustre mãe

Inda ha muita gente que treme d'agoiros
de sapos, corujas, aranhas, lacraus!...
Eu tenho arripios d'ouvir os besoiros.
e fujo dos mochos! Os mochos são maus!

Bem sei que se riem de ver-me tão fraco,
que estamos no tempo dos sabios profundos,
mas eu terei culpa d'odiar um macaco,
e os olhos d'um mocho redondos e fundos?!...

Se eu fosse contar-vos milhares de historias,
que sei, de bizarmas, bruxedos, e fados,
daria volumes de bellas memorias...
mas Deus me defenda de tantos peccados!

Um caso... esse conto, que foi verdadeiro;
e, visto que estamos tão juntos e sós,
ouvi-me as maldades d'um mocho agoireiro...
mas isto, segredo! que fique entre nós!

Deu-se o caso n'uma aldeia
d'este nosso Portugal,
porque na bella Ulysseia
quem podia crer em tal?

Senhora nobre e formosa
foi n'uma granja viver;
era uma mãe tão carinhosa
como as mães que o sabem ser.

As faces alvas e bellas
faziam lirios corar;
e invejavam-lhe as estrellas
os raios de puro olhar.

Nas horas dos seus tormentos
erguia os olhos aos ceus;
todos os seus pensamentos
voavam puros a Deus!

Se orava por seu esposo,
por seus filhos, pae, e irmãos,
Deus sorria carinhoso,
e eram dons a plenas mãos.

Entra um dia a febre ardente
n'aquelle asylo do amor,
e uma filhinha innocente
caíu no leito da dor!

Era o quadro do martyrio
aquelle grupo gentil!
É triste murchar-se um lirio
e nas alvoradas de abril.

A filha, encostando a fronte
no seio da triste mãe,
derramando pranto ardente,
e a mãe a chorar tambem!

— "Mãe: eu tenho frio e sede!
Minha mãe, por teu amor!
põe as mãos! ajoelha e pede
por tua filha ao Senhor!„ —

—"Não chores, filha! são tantos
os rogos que envio a Deus!...
Já me conhece os meus prantos,
e basta que elle oiça os meus....—

—"Mãe, faze-me outros carinhos;
leva-me longe d'aqui...
mostra-me o rio e os barquinhos
e as flores que inda hontem vi!...

Se abririam mais os talos
que nos arbustos deixei?!
Quero ver os meus cavallos
que tanta vez abracei.„ —

—"Irás, filha, e nos meus braços
lá te espera o sol e o ar,
e a harmonia dos espaços,
aves, flores, terra, e mar.„ —

Saíram. O mar e os montes
sorriam á triste mãe;
o seio dos horisontes
tem seus affectos tambem.

A filha entre-abre um sorriso;
á bocca volta o rubi.
Um raio do paraiso
descêra e poisára ali!

Expande-se o firmamento!...
Os olhos têm fogo e luz!...
Eis n'isto um mocho agoirento
bateu as azas... — "Jesus!...

um mocho na minha herdade!
e a poisar tão perto... ali!...
Mansageiro da maldade,
mocho disforme, fugi!

Meu Deus, não temaes que esteja
a tremer do encantador!
mas se olha com tanta inveja
o meu thesoiro, Senhor!...

Vede-o! vede-o tão pasmado!...
Ai, filha!... esconde-te aqui!...
Senhor, despede o malvado!...
Mocho, deixae-ños! fugi!

Não venhas trazer desgraça:
estes lares não são teus!
No manto da tua graça
esconde-a d'elle, meu Deus!

Salva-a, Senhor dos senhores,
já que outro amparo não tem!
d'um mocho contam-se horrores...
eu sou christã... mas sou mãe.

Um mocho na minha herdade!
um mocho que eu nunca vi!
Senhor mocho, por piedade,
eu tenho medo! fugi!„ —

Em vista da senhoria
o mocho ergueu-se e partiu.
A innocente, no outro dia,
cheia de vida surgiu,

Fique a historia registada;
Mas em segredo... entre nós!
Um mocho não vale nada;
mas eu tenho medo! e vós?

Lisboa, 1864.

NO ALBUM

DO MEU AMIGO

A. DE GOUVEIA OSORIO

(Visconde de Villa Mendo)

Album, és junto ao mar a inaccessivel plaga
onde todo o poeta encalha e emfim naufraga.
Na capa deve ler-se: — "Amigos, aqui jaz
a fama d'escriptor de muito bom rapaz!..." —

. . . .
. . . .

Antonio, a praia má não tem sequer um porto!
aqui te digo adeus, e dou-me já por morto.

ADEUS

(Para ser recitado, no Brazil, pela nossa primeira actriz Emilia das Neves)

Brazil, já vou partir! Eis o tremendo instante
de vos deixar emfim, a vós, que sois tão meus!
á patria irmã da minha, irmã formosa e amante!
e ás palmas! e ao triunfo! Adeus, Brazil! Adeus!

Vim, peregrina da arte, em férvida romagem
pedir ao mundo novo — amor, ardencia, e luz.
De muito me sorria em celestial miragem
teu rosto virginal, terra de Santa Cruz.

Ha muito que anhelava o enthusiasmo ardente
que me de cá sorria e me bradava além:
—"Oh! vem, sacerdotisa! o templo está patente: —
o altar, accezo; e a orchestra, á tua espera! — vem! -

Vim demandar o templo... achei um capitolio!
palmas, o pavimento; o sobreceu, laureis;
a arte, que me sorri, diz-me que ascenda ao solio;
vestem-me a stringe e o manto os crentes mais fieis!

Subo ao altar submissa... eis o estrondear da festa
a dar-me fogo ao seio, a erguer-m'o de paixão!
Onde era a pobre actriz que vinha tão modesta?!...
Ó enthusiasmo! ó gloria! ó alma! ó coração!

....
....
....
....

Não mais!... Corre, meu pranto! Após o sol da gloria
as trevas da saudade, a inconsolavel dor!...
De tudo resta só... fiel, grata memoria,
que sempre hei de guardar entre a saudade e o amor!

Que luto é o luto d'alma! alma que desterra
partido o seio em dois, e em dois affecto igual!
eu volto ao meu paiz... mas deixo a minha terra!
Consente-m'o, Brazil! consente-o, Portugal!

Adeus! já vou partir! Eis o tremendo instante
de vos deixar emfim, a vós, que sois tão meus!
á patria irmã da minha, irmã formosa e amante!
e ás palmas! e ao triunfo! Adeus, Brazil! Adeus!

NO ALBUM

D. MARIA ANNA PAES BARRETO

(De Pernambuco)

Ave estrangeira, soltas
o vôo altivo ao largo!
é-me tão triste e amargo
pensar que já não voltas!...

Vi-te um momento, e após,
fantastica visão,
levas comtigo a luz!
e n'esta cerração
fica a pesada cruz
d'uma saudade algoz!

Não crês? teu alto espirito,
que n'esse olhar transluz,
abona-te os protestos
que solta a minha voz.

Vae! vae-te! e lembra sempre
est'hora em que te vi!
que não te esqueça o culto
que ficas tendo aqui.

Ave estrangeira, soltas
o vôo altivo ao largo!
oh! como é triste e amargo
pensar que já não voltas!

Lisboa, 9 d'abril de 1865.

A MINHA ESTRELLA

(A...)

A minha estrella é tão bella,
é tão brilhante no ceu,
que eu vivo e morro por ella!
mas este amor é só meu;

só! que este segredo amigo
ninguem no mundo ouvirá:
commigo sempre, commigo
na sepultura entrará!

Ai d'ella, ai de mim, se um dia
transluzisse o meu amor!
Estrella, quem julgaria
virginal o teu pallor?!

Coráras d'outras estrellas
ao motejo desleal,
tu, a formosa entre as bellas!
tu, a angelica vestal!

que tudo se crê manchado
ao fatal contacto meu!
se digo um nome adorado,
na pobre lanço um labeu!

Sou tal como ave agoirenta
em seu nocturno pregão
fazendo côro á tormenta!
Vê tu que negro condão!

Já vez, estrella, que o nivel
que nos deu raias fataes,
poz entre nós o impossivel!...
Por isso te amo inda mais!...

Vive entre os astros, ó bella,
não queiras nunca descer!
antes quero amar-te *estrella*,
do que abraçar-te *mulher!*

Não desças do firmamento,
do teu ceu, do teu altar,
ao baixo nivelamento
em que me vês rastejar.

Se do ceu teu rosto é filho,
se é teu pallor divinal,
não queiras manchar-lhe o brilho
nas lamas do tremedal.

O Deus que tudo reparte
compensa-nos tudo aqui!
sei que não posso lograr-te...
mas posso morrer por ti.

E por ti morro, alto o digo!
por ti, meu santo fanal!
meu astro bondoso! amigo!
minha candida vestal!

Sou qual nauta aventureiro,
que, a sua estrella a mirar,
busca um porto hospitaleiro...
e acha sempre o ceu e o mar.

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

Nunca! nunca!... pois é crivel?!
que fazeis, marcos fataes?
fazeis... tentar o impossivel!
querel-a, amal-a inda mais!...

Parada de Gonta, outubro de 1856.

MINHA BARCA[1]

(A' Excellentissima Senhora D. J. G. Gavicho)

Minha barca, ao largo! ao largo!
longe a praia, longe o mundo!
ao sentir, que é tão profundo,
a soidão sómente apraz.
Fiquem lá na terra embora
os mimosos da ventura;
barca, dá-me a aragem pura,
as soidões, o ermo, a paz!

Dá-me a paz, que entre os humanos
chamo em vão, e em vão desejo;
onde busco e nunca vejo
o que pede o coração;
onde espiam nos meus olhos
um segredo, um sentimento,
e um ouvido ha sempre attento...
Barca, dá-me a solidão!

Prôa ao mar, e rumo á sorte,
minha barca airosa e bella!
venha o sul! venha a procella!
que te importa o temporal?
Sobe as vagas! desce! vôa!
rasga a vela! quebra o leme!
Coração triste não teme
escarceus, nem vendaval!

Adeus, praia! adeus, familia!
adeus, prados! adeus, relvas!
adeus, canticos das selvas!
adeus, rosas dos salões!
minha barca, solta e livre
como a rosa destroncada,
vai contente acalentada
entre os braços dos tufões.

Se eu achar por sepultura,
ao fugir do mundo ás maguas,
vosso abysmo, ó fundas aguas,
quem pranteia o martyr? quem?!
E se um vento bonançoso
me encontrar sósinho e absorto,
e levar a barca a um porto,
quem me acolhe ali?—ninguem!...

Minha barca, ao largo! ao largo!
longe a praia, longe o mundo!
ao sentir, que é tão profundo,
a soidão sómente apraz.
Fiquem lá na terra embora
os mimosos da ventura;
barca, dá-me a aragem pura,
a soidão... a morte em paz!...

VERSOS

Que os filhos de Camillo Castello Branco offereceram
com uma corôa de louros
a Antonio Feliciano de Castilho
na occasião em que elle assistia á inauguração
d'um monumento
que lhe era consagrado
na quinta de S. Miguel de Seide

Por entre cantos e flores
chegaste, rei da poesia,
como um clarão d'alegria
jorrando em mansão d'amores.

Onde ha rei, ha sceptro e solio!
Rei, vimos trazer-te a c'rôa.
Tens maior côrte em Lisboa,
não tens melhor capitolio.

Somos de troncos robustos
os loiros, os tenros gomos.
Das flores surgirão pomos?...
se Deus regar os arbustos!

Por que és grande, hão de os vindoiros
dar-te a sagração dos hymnos;
porque és bom para os meninos,
toma esta c'rôa de loiros.

Nossa c'rôa e nossas flores
guarda em saudosa memoria; —
o monumento é da gloria;
a c'rôa é só dos amores.

Vaes partir! leva-a comtigo,
e jura por teus carinhos
que, em nós já sendo homemzinhos,
serás nosso mestre e amigo.

Quinta de S. Miguel de Seide, julho de 1866.

JÁ?!

(A...)

Já?! tão cedo o sol fulgente
foge do nosso hemispherio,
e ficamos sob o imperio
d'uma noite escura e só?!
Porque veio a luz do oriente
mostrar-nos tantos fulgores,
para venturas e amores
tudo vermos feito em pó?!

Não vale mais nascer cego
do que ter vista e perdel-a? [1]
Lembra a flor, e lembra a estrella,
que amámos. Que negra dor!...
E que ancioso dessocego,
nos effluvios da saudade,
que exhala a flor da amizade,
que chora a estrella do amor!...

— Adeus — é triste e agoireiro
e os corações que desune,
se nova estrella os reune
ás vezes... nem todos são.
No momento derradeiro
d'um adeus de despedida,
murcha sempre a flor da vida,
chora sempre o coração!

Adeus! Que tristeza agora!
que longa melancolia!
vermo-nos inda outro dia
quem sabe se a Deus apraz?!
Adeus, fulgores d'aurora!
adeus, iris de bonança!
ó rosas, nuncias d'esp'rança!...
adeus, ó pombas da paz!...

1 Cantiga popular.

O prazer dura momentos;
e lega sempre a amizade,
n'um tributo de saudade,
tristezas de solidão!
De solitarios tormentos
cheia a balança da vida,
chega a quebrar d'opprimida
seu fiel, — o coração!

Parada de Gonta, 15 d'outubro de 1858.

LOUCURAS

(A...)

Tudo assim vae! tudo vacilla e verga!
tudo se esfolha, se esmorece e pende:
o roble adusto que o tufão posterga,
a flor d'um dia que uma brisa offende!

Tudo assim vae! Na solidão, perdida,
morre a affeição, á mingua d'uma palma;
a fé mais viva se esmorece na alma;
no seio, a flor; e no sepulchro, a vida.

O ramo que hontem, conchegado ao peito,
sorria aos olhos, perfumando as galas,
hoje esfolhado pelo chão, desfeito,
vôa disperso tapetando as salas.

A virgem que hontem scintillava pura,
estrella d'alva d'um risonho dia,
hoje... dá risos que não têm magia,
hoje... tem frases que não dão ventura!

Tudo assim vae! tudo vacilla e verga!
tudo se esfolha, se esmorece, e pende:
o roble adusto que o tufão posterga,
a flor d'um dia que uma brisa offende!

Tudo assim vae! Na solidão, perdida,
morre a affeição, á mingua d'uma palma;
a fé mais viva se esmorece na alma;
no seio, a flor; e no sepulchro, a vida!

Que triste que estou n'esta hora
de desconforto mortal!
como asylo sepulchral,
onde um sorriso não mora!

Parecem meus tristes ais
prantos de noite sem brilhos.
lamentos d'aves sem filhos
nas franças dos cyprestaes.

Alma presa, esmorecida
entre as algemas da dor,
como entre cardos a flor
em rocha d'ermo nascida!

Seu brilho escondido em pó,
bastarda das primaveras!
estranha ás auras e ás feras,
triste, murcha, ingloria, e só!

Mirram-te n'esses algares
as lavaredas do sol;
vaes apagar-te, pharol
dos meus inhospitos mares...

vaes, que ninguem te conduz
mais oleo durante o dia,
nem tens nocturno vigia
que alimente a tua luz!

Mirra a flor o sol ardente,
se o orvalho a não vem salvar;
e apaga as luzes do altar
do vento um sopro vehemente.

Como a planta sem frescor,
e como a luz do ar batida,
morres afogada em vida,
morres á mingua d'amor.

Mulher, não tens culpa; eu sei
que foi sina do meu berço
perder-me, em ancias immerso
de mil sonhadas quimeras:
sonhei-te qual tu não eras;
busquei-te... não te encontrei...
foi minha a culpa, mulher!
As rosas que tu me deras
vi-as murchar e morrer...
eu bem sei o que são flores!
As fallas que me disseras
porque as havia de eu crer
mais que de banaes amores?

Tu não tens culpa das dores
que ando a padecer na vida

dês que te vi; não tens, não!
as minhas penas, querida,
devo-as... ao meu coração.

Ver-te e amar-te em doce enleio
era uma religião,
de que me déste o baptismo:
o Deus, era o teu amor;
teu seio d'almo candor,
era o vaso d'eleição,
em que o fogo do heroismo
ardia em vasto clarão.

Cheguei vacillante e só
á mesa da communhão...
mas a hostia, o sacro pão,
amargava a scepticismo!...
o Deus dissipou-se em pó!...
o altar tornou-se balcão!...
caí do templo no abysmo!

Eu quiz o teu amor como um conforto.
No pelago das mil tribulações
serias galvanismo d'este morto,
que boiava á mercê sobre baldões;
e nas horas de dor e d'afflicção
nunca o teu nome invocaria em vão.

Eu quiz o teu amor para meu guia
nos caminhos da vida que eu não sei...
cegou-me o teu olhar; fugiu-me o dia;
e após, da minha mão, a mão que amei!
e nas penas da minha escuridão
era o teu nome que invocava então.

Eu quiz o teu amor para a meus cantos
dar fé, calor, e vida, que não têm;
para ensinar-me á lyra o riso e os prantos,
os fogos da paixão e os ais tambem;
e, quando a Deus pedia a inspiração,
era o teu nome que invocava então.

Eu quiz o teu amor como um sacrario,
onde eu fugir pudesse á minha dor.
Doía-me o rigor do meu fadario?
ia buscar allivio em teu amor:
pois, quando me expulsava a ingratidão,
era ao teu seio que eu voava então!

....

....

Fallo, e não me ouve ninguem!
eis-me assentado sósinho
junto á beira d'um caminho
que não sei onde conduz!
pobre mendigo d'amores,
sem pão, sem agua, sem luz!...

....
....

Não tens culpa! eu bem conheço
que fado nasceu commigo!
De ti sei... que és meiga e pura!...
Deus te dê tanta ventura
quanta me fugiu comtigo!...

Julho de 1854.

OS SONHOS DO ESCRAVO BRANCO

(Fragmento)

Ao meu particular amigo
Julio Cesar de Faria Coutinho e Castro
auctor do drama
«Antonio, o engajado»

Nas soidões do novo mundo,
passando as virgens florestas
onde o paiz não tem sombras,
nem o trabalho tem sestas,

junto aos sulcos fecundantes
das plantações d'uma roça,
dormia um branco algemado
no centro d'immunda choça.

Fugiu por matar saudades:
cortou-lhe os membros o açoite;
em prantos gastára o dia,
em visões passava a noite.

Por entre os fundos gemidos
escutae-lhe as amarguras...
(Inda o pincel da ironia
a desenhar-lhe venturas!):

....
....
....
....

— "A patria, os irmãos, a esposa,
todos chamando por mim!...
Se vissem como é formosa
esta terra... este jardim!...

Bem vejo o triste colmado
a reclamar-me d'além...
e o lenço branco ensopado
co'os prantos de minha mãe!...

Como hei de ás praias amadas
voltar da patria gentil,
se *tenho as mãos carregadas*
co'as riquezas do Brazil!..

Oh! se elles d'além, das aguas
vissem meus *aureos grilhões*,
não mais curtiriam maguas
dentro de seus corações!...

Mataram-me estes algozes...
mas que o não saibam meus paes!... „ —
. . . .
. . . .
Perdeu-se o resto das vozes
entre gemidos e ais.

Vigore-se o trabalho ao sol da liberdade!
pereça a escravatura, opprobrio das nações!
morra-se de fadiga... é lei da humanidade!
mas nunca acceite um livre açoites, nem grilhões!

Brazil, terra d'irmãos! aqui no *mundo velho*
fugiu de nossas leis a condição servil!
Tu que és do *novo mundo* o sol, o guia... o espelho...
és muito grande já... pois sê maior, Brazil!...

Lisboa, 3 d'abril de 1863.

ESTERILIDADE

(No album da Excellentissima Senhora
D. Maria Leonor de Castilho)

Chego, após tanta demora
em te pagar o meu preito,
cançado, triste, e desfeito,
á tua porta, senhora.

É tão crua a sorte minha
que, após um anno d'espera,
trago o teu *cofre* qual era...
só rico do que já tinha.

Não sabes quanto consome
os campos o inverno enxuto?...
não colhi flores, nem fruto...
foi mesmo um anno de fome!

Na primavera inda os gomos
dos meus arbustos sem seiva
pediram á sêcca leiva
sustento para os seus pomos;

mas veio o abrazado estio
trazer-lhe' affrontosa morte,
completando d'esta sorte
as gentilezas do frio!

Tens tantos dons, és tão nobre,
que certo has de ter piedade
de tanta esterilidade,
do teu rendeiro tão pobre

Esp'rando em annos futuros
mais formosa primavera,
venho hóje pedir-te espera
do capital e dos juros.

Lisboa, 14 de fevereiro de 185[illegible].

AS NOVAS CONQUISTAS

(Off. ás classes operarias de Portugal)

As nobrezas d'outr'ora são da historia,
que em lettras d'oiro illustra acções de guerra.
Correram tempos; transformou-se a gloria:
Mais val que a luz do incendio, a que illumina;
mais faz que espada ou lança, escopro e serra;
mais que mil arsenaes, uma officina.

Hoje é o trabalho o campo da batalha;
a industria faz plantão, fachina, e guarda;
soldado e general é quem trabalha;
é mais condecorado o que mais faz;
é-lhe bandeira, a sciencia; a blusa, farda;
o santo e senha — diligencia e paz.

Não condemno o que foi: canto o que vejo
dar lustre ao meu paiz, e á minha idade:
respeito a gloria antiga, não n'a invejo,
que me não vale os bens que ora contemplo
surdir d'entre o labor da humanidade.
Tem fastos o presente! Ouvi-me um exemplo:

. . . .

. . . .

Tinha acabado a festa; e eu vim sósinho
escutando os conceitos dos convivas
que saíam, como eu, do templo civico
tão rico de lições.

Fôra a festa brilhante: enlevo d'olhos,
as mulheres e as rosas;
enlevo d'alma, as oblações saudosas
a dois grandes varões,
filhos e astros da patria em que nasceram,
que viveram por ella, e que lhe deram
almas, braços, palavra, e corações;
exemplo a registrar: a paga á vista
d'uma divida santa ao varão forte
que emprega a vida em arrancar á morte
naufrago que anceia entre os baldões
das ondas procellosas.

A esmola ao pobre; o refrigerio ás dores;
os premios ás fadigas do operario;
e, como para esmalte ao santuario,
as graças da mulher, musica, e flores.

Á porta baixa de modesto albergue
o que escutei é bem que oiçaes tambem,
são sinceras palavras d'um artista
fallando a sua mãe:

—"Eis-me! cheguei, velhinha! acceita o meu diploma,
premio do meu trabalho, honra de minha mãe!
O meu formoso quadro!... hei de envial-o a Roma!
e o diploma na arca, oh! guarda-o, guarda-o bem!

e quando algum visinho... um d'esses preguiçosos
que choram noite e dia o alheio galardão,
vier fallar de mim com olhos invejosos,
e desdenhar do artista ennobrecido, então

tira-o do fundo da arca, e aponta-lhe o meu nome!
que leia, que decore as frases de louvor!
e dize-lhe, ateando a inveja que o consome:
—Vêde! meu filho é isto! e vós que sois, senhor?„—

—"Deixa abraçar-te, meu filho!
meu pequeno artista! vae
seguindo sempre esse trilho
que te ensinára teu pae.

Teu pae, sim, que te abençôa
d'além da campa onde jaz;
do reino, onde a eterna c'rôa
floresce em perpetua paz.

Conta-me, filho, o que viste
n'essa festa que eu não vi;
e que tudo quanto é triste
fuja bem longe d'aqui."—

E a mãe beijava-lhe a testa,
e o filho abraçava a mãe!
Era o epilogo da festa;
olhos profanos não o vêm.

"Mãe: imagina um templo armado em grande gala!
entre modesto e rico, entre officina e sala;
altar, sem supedaneo, ou cruz, ou sobreceus,
onde o trabalho só tenha o logar de Deus;

flores, luzes, orchestra, enchendo o santuario:
e pontifice — o puro, o férvido operario:
entre o opulento e o pobre, os homens do saber;
entre o ministro e o par. as graças da mulher.

Ahi tens o templo.

Agora o que lá foi d'encanto
já sei que vaes ouvil-o, ó mãe, banhada em pranto,
que os extasis traduz d'um grande coração!

Qual em sagrado altar, no topo do salão
ha tres retratos. tres, em tres molduras d'oiro,
e cada um d'elles, mãe, vale o melhor thesoiro.
Os nomes ouve agora, e vê que a minha voz
treme de os proferir, mesmo de sós a sós!
Se isto não é o assombro ante os clarões da gloria,
desça da base a estatua! acabe o preito á historia!
Não! não! que o sinto aqui, no coração fiel!

Um d'elles (curvo a fronte), é Passos Manoel!
dos liberaes sem mancha exemplo e incitamento:
o que do povo ouviu lamento por lamento,
e a cada pranto novo abria o coração.
Teve dos seus o amor; não quiz mais galardão.
Modesto e bom viveu; morreu honrado e pobre.
Que nome tão singelo! e que alma grande e nobre!
O coração, a vida, a paz, tudo elle deu
á patria, á liberdade, a tudo o que foi seu!

O outro... era... o amigo... o pae dos opprimidos...
Quero dizer-lhe o nome, e abafam-m'o os gemidos!
Esse tribuno invicto, essa inspirada voz,
que era o terror, o encanto, o amor de todos nós!
Sabes? quem não conhece esse orador sublime?
o abrigo da virtude? o ràio contra o crime?!
Era impossivel, mãe, quando elle ia a passar,
ver-nos sem nos sorrir, vel-o sem o saudar.
Animava-se a patria em elle erguendo o braço!
media d'um só vôo as amplidões do espaço!...
Parece-me aínda vel-o, o augusto campeão,
cheio de fé e esp'rança o altivo coração
em que do amor da patria o sacro incendio lavra.
Gigante da tribuna! artista da palavra!
Corôa-lhe um fulgor sublime, divinal,
a fronte mais gentil que teve Portugal!
Falla!... prendeu-nos já! somos do seu encanto;
choramos entre o rir: rimos por entre o pranto;
fulmina, implora, manda... ás vezes sem fallar,
que tudo falla n'elle: o rosto, o gesto, o olhar!
Nas lidas do trabalho andou a sua enxada;
e nas da liberdade, a voz, a penna, a espada.
Se um despota assomar... Tu choras, minha mãe?
o morto deixa a campa! Oh! vem! juro que vem!
Chora... por elle não: foi-lhe madrinha a gloria;
e pantheon a campa, e apotheose a historia.
Chora, porque lhe é grato o preito funeral:
chora por ti, por mim... por este Portugal!

Ao pé de taes varões, á sombra d'esta gloria,
quem pódes tu suppor que estava ali? que historia
te parece condigna á historia d'estes dois,
que désse um companheiro ás sombras dos heroes?
Um navegante audaz, temido em toda a parte,
que fosse além do oceano erguer nosso estandarte?...
um sabio conselheiro?... um general, talvez,
que désse fama e lustre ao nome portuguez?...
Mas se elle é tão modesto, e o nome é tão singelo!
Se fosse Gama, ou Castro, ou Pinto, ou Sousa, ou Mello!
se, á mingua d'appellido illustre, fosse... par,
conde, barão, ou duque... emfim um titular!...
se, ao menos, do thesouro houvesse um bom salario!...
mas é plebeu e pobre o triste do operario!...
Eu disse — *do operario?* achei-lhe a profissão!
n'isto se cifra idéa, e braço, e coração.
Seu nome vou dizer, roubal-o a ingrato olvido:
Joaquim Lopes!... vês? nem mais um appellido!
Defronte do retrato estava o original.
Votar a gloria em vida é raro em Portugal;
pois fez-se ali! Por Deus! consola que aos artistas
coubesse o posto d'honra á frente de conquistas
que hão de livrar do opprobrio a historia das nações,
livrando da miseria os Miltons e os Camões.
O velho estava ali, ao pé da sua gloria,
entre os seus bons irmãos, ante o sorrir da historia.

Mas d'este honrado velho a grande acção qual é?
porque teve honras taes? Queres saber porquê?
Pergunta aos vagalhões do oceano revoltoso
se elle tremeu jámais ante o seu ronco iroso;
se os filhos, com seu choro, a esposa, com seus ais,
com seu escuro a noite, o raio, os vendavaes,
fizeram trepidar o velho ante o presagio.
as lutas, o clamor, as ancias d'um naufragio.
Mal que do mar á praia assoma um ai de dor,
na salvadora barca o homem salvador
lá corre, sobranceiro ao horror do cataclysmo,
salvando a vaga e vaga abysmo sobre abysmo!
o corpo sem vigor, que a onda ia tragar,
encontra um braço e um lenho, e sobre a praia um lar.
Ganhou (que os traz ao peito) habitos e medalhas,
nunca matando irmãos, mas a rasgar mortalhas!
Olha a distancia, ó mãe, que vae de heroe a heroe:
um mata, outro dá vida; um salva, outro destroe.
Que é do que em prol d'irmãos a sua vida emprega?
ninguem na turba o vê! pois se a justiça é cega!
Ao filho, pois, do povo, o povo ennobreceu;
mais que reaes mercês o povo ao povo deu.

Quando orares aos pés do celestial monarcha,
roga-lhe ampare sempre o remador e a barca!

Era a noite para as glorias
do homem que lida e sua,
co'a fronte curvada e nua,
noite e dia em seu mister;
para artistas e operarios,
de cujas mil officinas
surdem creações divinas
que o mundo pasma de vêr.

Ali, pois, houve seu premio
todo o esmerado trabalho
que a serra, o tear, o malho,
buril, escropo, ou pincel,
mandou á cidade heroica;
lidei por elle, ganheio-o;
inda guardas no teu seio
o documento fiel.

Escuta o final:— A America,
senhora d'além dos mares,
terra dos virgens palmares
e dos virgens corações,
levou seu facho a discordia
com seu cortejo d'horrores,
e sobre frutos e flores
jorra o sangue em borbotões.

Lambem as linguas do incendio
villas, plantações e roças,
e dos casaes e das choças
foge o colono infeliz.
Deixa a aldeia pelo exercito...
a lida pelas batalhas...
o sulco pelas muralhas...
E assim se mata um paiz!

Perde a canna o humor dulcissimo:
seu doce fruto, o coqueiro;
e o modesto cafézeiro
perde o seu próvido grão;
o ananaz, a pinha opipara;
a bananeira, os seus cachos;
perde os seus alvos pennachos
ó humanitario algodão!

O algodão, que da indigencia
era a barata limpeza,
o aceio de leito e mesa,
roupa, mortalha, enxoval;
o algodão, que a tanto artifice
dava o pão quotidiano,
eil-o extincto além do oceano,
eil-o extincto em Portugal!

Andam por isso operarios
nas vastas praças do Porto,
sem trabalho e sem conforto,
a mendigar o seu pão...
Mãe, deixa correr as lagrimas,
porque o pranto a dor acalma!
Isto ennegrece a nossa alma!
Isto parte o coração!

Já vês que á festa, que a gloria
deu para exemplo á cidade,
veio meiga a caridade
erguer as sagradas mãos.
Ninguem lhe negou seu óbolo!
Entre artistas como é nobre
a esmola de pobre a pobre!
soccorro d'irmãos a irmãos!

A porta da sala esplendida,
Ai, mãe! como isto consola!
ia dar... *a grande* esmola
do parco dinheiro meu,
e duas donzellas candidas,
tão lindas como os amores,
trocaram-m'o todo a flores,
que têm aromas do ceu.

Toma-as; põe-n'as no oratorio
aos pés da Virgem Maria,
e has de vêr quanta alegria
o bento ramo nos dá.
Nas horas das tuas maguas
conchega-as ao peito, aquece-as;
a caridade conhece-as,
e a Deus por nós pedirá!„ —

E a mãe beijava-lhe a testa,
e o filho abraçava a mãe!
Era o epilogo da festa;
olhos profanos não o vêm.

Ahi tendes loiros d'hoje; as ultimas conquistas
d'um povo culto e bom não têm outro brazão.
Pede o trabalho a c'rôa ao templo dos artistas
para a levar, submisso, ao templo da nação.

Olhae pelo presente, idolatras da historia!
deixae o cemiterio! ao berço vos chegae!
pelos cuidados de hoje haveis riqueza e gloria;
é bom filho o trabalho a quem souber ser pae.

6 d'outubro, de 1863.

FOGE!

(N'um album)

Lisboa é como o abysmo: espanta, prende e mata!
fascina, attrae, algema, o eterno borborinho!...
Feliz, oh! bem feliz, o que o grilhão desata,
e póde ainda fugir buscando o patrio ninho!

Circumda-a florea relva, aromas, oiro e cantos,
palacios, e jardins; no centro, o antro, o inferno,
profundo, cavernoso, a vomitar espantos,
onde o prazer se esvae ante o lamento eterno.

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

Ave da brenha alpestre, ao ledo canto esquiva,
fadada já por Deus para cantar só maguas,
cruzei o espaço azul buscando uma luz viva
que vi lá da montanha a dardejar nas aguas.

Voei... voei... a luz crescia no horisonte!...
— "Adeus, gratas canções! adeus, soidão celeste!..." —
Era já longe o extremo alcantilado monte,
onde ha mato florido, onde ha perfume agreste.

Aqui o plaino infindo; aqui, o mar immenso;
aqui, o hymno altivo em vez da humilde prece:
além, ar transparente; aqui, profano incenso,
que torna fosca a luz, que embriaga, que endoidece.

Cheguei; pairei; desci; poisei n'esta voragem,
que rouba o amor do seio, a candidez das almas!
crestou-me a chamma a branca, a mórbida plumagem;
poisei sobre um pragal onde sonhava palmas!

Tudo perdi!... 'té mesmo o raio d'alegria
que em triste coração no intimo sacrario
arde escondido e só, como da campa fria
nas fendas nasce e cresce um goivo solitario,

por fim se me apagou!... Tudo perdi, senhora!
Troquei, pela do incendio, a luz da primavera.
Volto bem outro á vida, ao meu paiz d'out'rora,
mais pobre do que vim, mais triste do que eu era.

Ó pomba, foge! foge! Este murmurio eterno
aturde e abafa a voz da patria tão querida;
mas não leves, como eu, saudades d'este inferno,
onde me fica morta... uma porção da vida!...

FAÇO IDEIA

(N'um album)

—"A proprietaria do livro
que te aqui deixo, Thomaz,
é minha amiga; e verás
que não tem nada de feia.„—
—"Faço ideia.„—

—"É Beatriz.„—
—"O nome é lindo...„—
—"E o corpo? airoso e gentil...
e aquelle nobre perfil...
e a fronte que o orgulho alteia...„—
—"Faço idea!„—

—“E vai fugir-nos, poeta!...
cançada já de festins,
troca os salões por jardins,
a capital pela aldeia!...„ —
—“Faço ideia.„ —

— Não fazes ideia; enganas-te:
não póde haver fantasia
que sonhe inteira a magia
de que Beatriz se rodeia.„ —
—“Faço ideia...„ —

—“Ai fazes?!... pois n'esse caso
descreve-a assim — tal e qual.„ —
—“Mas... sem vêr o original?...„
—“Amigo, não se arreceia
quem faz ideia...„ —

O meu amigo, senhora,
que a verdade não falseia,
fez assim vosso elogio,
e eu fiquei... *fazendo ideia!*

Lisboa, 3 de junho de 1862.

A JUDIA

Recitada
pela actriz Emilia Adelaide Pimentel, no theatro de D. Maria II
em a noite de seu beneficio

Corria branda a noite; o Tejo era sereno;
a riba, silenciosa; a viração subtil;
a lua, em pleno azul erguia o rosto ameno
no ceu, inteira paz; na terra, pleno abril.

Tardo rumor longinquo; airoso barco ao largo
bordava aureo listão do Tejo ao manto azul;
cedia a natureza ao celestial lethargo;
traziam meigos sons as virações do sul.

Ó noites de Lisboa! ó noites de poesia!
auras cheias d'aroma! esplendido luar!
vastos jardins em flor! suavissima harmonia!
transparente, profundo, infindo, o ceu e o mar...

Se a triste da judia ousasse ter desejo
de patria sobre a terra, aqui prendêra o seu:
um bosque sobre a praia, um barco sobre o Tejo,
e eleito da minh'alma um coração só meu!...

....
....
....
....

Corria branda a noite; immersa em funda magua
fui assentar-me triste e só no meu jardim:
ouvi um canto ameno! e um barco ao lume d'agua
vogava brandamente. A voz dizia assim:

—"Dormes? e eu velo, seductora imagem,
grata miragem que no ermo vi;
dorme—Impossivel—que encontrei na vida!
dorme, querida, que eu descanto aqui!

Dorme! eu descanto a acalentar-te os sonhos,
virgens, risonhos, que te vem dos ceus:
dorme; e não vejas o martyrio, as maguas,
que eu digo ás aguas e não conto a Deus!

Anjo sem patria, branca fada errante,
perto ou distante que de mim tu vás,
ha de seguir-te uma saudade infinda,
hebreia linda, que dormindo estás.

Onde nasceste? onde brincaste, ó bella,
rosa singela que não tens jardim?
Em Jafa? em Malta? em Nazareth? no Egypto?...
mundo infinito, e tu sem berço?! oh! sim,

folha que o vento da fortuna impelle,
victima imbelle que um tufão roubou!
flor que n'um vaso se alimenta, crece,
ri, desparece, e nunca mais voltou!

Filha d'um povo perseguido e nobre,
que ao mundo encobre o seu martyrio, e crê:
sempre Ashevero a percorrer a esphera!
desgraça austera! inabalavel fé!

porque ha de o lume de teus olhos bellos,
mostrar-me anhelos d'infinito ardor?
porque esta chamma a consumir-me o seio?...
Deus de permeio nos maldiz o amor!...

Peito! meu peito, porque anceias tanto?
pranto! meu pranto, basta já, não mais!
é sina, é sina! remador, voltemos;
não n'a acordemos... para quê, meus ais?...

Dorme, que eu velo, seductora imagem,
grata miragem que no ermo vi:
dorme — Impossivel — que encontrei na vida!
dorme, querida, que eu não volto aqui!„—

Sumiu-se a barca, e eu chorava
debruçada sobre o Tejo;
a aragem trouxe-me um beijo
que nos meus labios tomei...
ergui-me cheia d'affecto;
vi scintillar inda a esteira
da barquinha feiticeira,
e disse ás auras: — "Correi!

trazei-m'o! quero contar-lhe
o fundo tormento enorme
da judia que não dorme
a penar d'ignoto amor!
voae! trazei-me o seu nome,
o seu retrato, o seu canto,
uma baga do seu pranto...
que venha! o meu trovador!...

Ai, não! que ha na minha historia
que lhe suavise e tristeza?
Nasci na triste Veneza,
onde perdi minha mãe;
acalentaram-me lagrimas
que derramava a saudade,
na desgraçada cidade
que não tem patria tambem. [1]
Cresci; meu pae uma noite
disse-me: — "É já tempo agora;

ergue-te ao romper da aurora,
vamos partir ámanhã;
vamos vêr as terras santas,
sepulchros de teus monarchas;
a patria dos patriarchas,
desde o Egypto ao Chanaan... —

1 A data da poesia explica este verso.

Fui: corri o mappa immenso
das montanhas da Judeia:
ai, patria da raça hebreia!
ai, desditosa Sião!
que extensos montes sem relva!
que paragens sem conforto,
onde se estende o Mar-Morto
e onde serpeia o Jordão!...

Aqui, de Hemor os vestigios;
de Ziphe, além o deserto;
longe, o Sinay encoberto;
d'Horeb o morro, inda além;
d'este lado, o Mar-Vermelho;
d'aquelle... nada! uns destroços:
ruinas, campas sem ossos,
e, ao fundo, Jérusalem.

Meu pae chorava, e eu chorava,
vendo morta e sem prestigio,
terra de tanto prodigio,
maldita agora de Deus.
Tudo silencioso, esteril,
tudo vastos cemiterios
onde ruinas d'imperios
ficaram por mausoleus!

— "Meu pae — disse eu — tenho sede.„
— "Vê, filha, a aridez do monte:
só Deus dava ao ermo a fonte
em que bebia Ismael.„
— "Pae, cancei; mostra-me a patria,
quero dormir sem receio...„
— "Filha, encosta-te ao meu seio,
que não tem patria Israel.„

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

Em todo o mundo estrangeiro,
toda a vida peregrina!
Vêde se ha mais triste sina;
ser rica e não ter um lar!
Sempre a lenda do Ashevero!
sempre o decreto divino!
sempre a expulsar-me o destino,
como Abrahão á pobre Agar!

Que póde valer á hebreia
sentir n'alma chamma infinda,
como a linda Esther ser linda
e amada como Rachel?
Se o coração da judia
se entre-abre do amor aos lumes.
não lhe dá tempo aos perfumes
o seu destino cruel.

Ai, trovador nazareno,
não voltes! tenho receio...
Dizes que é Deus de permeio?
não, blasphemaste: Deus, não.
Poz o mundo esse *impossivel*
entre o desejo e a ventura;
o amor chama-lhe — loucura,
e o preconceito razão.

Deus é Deus, e um só existe;
cégo é o mundo, e vária a crença;
mas esta cupula immensa
é tecto de todos nós:
este ambiente que respiro,
da lua e do sol os brilhos,
hão de ser de nossos filhos,
foram de nossos avós.

Mas se a crença nos separa
e o mundo exige o supplicio,
dê-se o amor em sacrificio,
deixando-se o pranto á dôr;
eu, cerro o peito á ventura;
tu, esmaga o teu desejo;
não mais virei junto ao Tejo...
não voltes mais, trovador!

Lisboa, abril de 1864.

TANTALO

(N'um album)

Sabeis quem era Tantalo? o coitado.
por mais que fez, não poude entrar no ceu:
foi ás penas eternas condemnado!
e tão grave castigo mereceu...
não sei por que peccado...
por glotão? que sei eu?

Tanto comeu, tanto bebeu, que o eterno
Jove, cançado ao serio com tal méco,
o condemnou, com todo o amor paterno,
a perpetua abstinencia. E magro, e pêco,
lá vive no inferno
a engulir em secco.

Vê pomos junto aos labios, mas não come:
vive mettido n'agua, e o seu frescor
não lhe mitiga a sede que o consome:
foge-lhe o fruto e a fonte! e n'este horror
morre de sede e fome...

....

Ha Tantalos d'amor!

Lisboa, 13 de junho de 1864.

UM CANTO DA PUERICIA

(Recitado por um dos alumnos do collegio de S. Pedro d'Alcantara na festa do seu primeiro anniversario)

Salve, augusto anniversario!
Finda um anno... (erguei as mãos!)
dês que entrámos no santuario
da nova fé, meus irmãos!

Gratidão á caridade!
ao mestre as bençãos dos ceus!
paz e bens á humanidade!
honra aos nossos! gloria a Deus!

É findo um anno : a innocencia
deve-lho preito d'amor;
foi na manhã da existencia
o nosso primeiro alvor;

foi quem abriu nossos olhos,
e o leite d'alma nos deu:
fez-se a luz! trevas e abrolhos
a caridade os varreu!

A primavera tem hymnos,
relvas, flores, fogo, e luz!
Os pobres e os pequeninos
amava-os muito Jesus!

De Deus foi seguido o exemplo;
folgar, meninos, folgar,
que, após as festas do templo,
ri-se a escóla, as mães e o lar!

Somos de plantas mimosas
esperançoso embryão;
ámanhã virão as rosas;
depois; os frutos virão.

Co'os velhos a caridade
só no ceu seus premios tem;
mas se abriga a nossa idade,
acha-os na terra tambem.

Que pois d'esp'ranças bemditas!
faça Deus homens por fim,
e que as hervas parasitas
fujam do nosso jardim!

Se o manto da caridade
tão santo abrigo nos dá;
se o sol da eterna verdade
seus raios nos manda já, —

abramos os olhos d'alma
a tão vividos clarões:
a patria tem muita palma
á espera de bons varões.

A escóla é próvido ninho;
a escóla é templo d'amor;
dão-lhe luz, vida, e carinho,
a patria, as mães, o Senhor.

E do nosso asylo a historia
que nobreza tem! sabei
que foi sagrado á memoria
d'um grande e chorado rei.

Chorado como até agora
nenhum foi n'este paiz!
ai! porque nunca uma aurora
se ergueu com tanto matiz!

Seu nome... nem a saudade
m'o deixa aqui repetir!
Vós o sabeis, que a orfandade
soube-o amar, sabe-o carpir!

Sabem-n'o: o artista, o poeta,
os sabios, os seus iguaes,
a officina, a choça infecta,
e os leitos dos hospitaes;

a piedade, que na esmola
que dá, mostra a sua dôr;
sabe-o mais que tudo a escóla,
que lhe deveu tanto amor!...

Por isso, ó candidas almas,
sempre o seu nome louvae!
ficam tão bem entre as palmas
as saudades por um pae!

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

A vida, após a memoria!
após a saudade, o amor!
sobre uma gloria, outra gloria!
sobre a cruz um resplendor!

Novo monarcha ergue o braço;
chovem dons da regia mão;
e um real augusto abraço
nos conchega ao coração!

Pois que o passado saudoso
do ceu nos olha e sorri;
pois que o presente esperançoso
nos protege e ampara aqui,

desdobrem-se os tenros gomos
das plantas que hão de florir!
Fé, esperança, irmãos, que somos
operarios do porvir!

Cubrámos d'osculos puros
santa mão que nos conduz
Agora... peito aos futuros,
e caminhar para a luz!

Lisboa, 29 de junho de 1863.

BEM VINDA

(Por occasião do consorcio de Suas Magestades Fidelissimas o Senhor D. Luiz e a Senhora D. Maria de Saboya)

Bem-vinda ao nosso Tejo, ó triumphal bandeira!
iris da bella Italia! astro de muita esperança!
segues do nosso rei a augusta companheira!
Dissipe-se a tormenta aos risos da bonança!

Emfim respire a grey! levante um hymno em côro
de bençãos, d'alegria, após o immenso luto!
aos pés do throno em gala, inverta em riso o choro
inteiro o coração! É justo esse tributo.

Tu não sabes, rainha? ... o peito era opprimido
d'anciar por esta patria, a quem queremos tanto!
Ao vêr chegar tão só, pallido, compungido,
o rei junto do throno, a disfarçar seu pranto,

pedimos muito, muito, ao martyr do Calvario
que lhe arrancasse da alma essa amargura infinda!
Foi Deus que te mandou, pomba do santuario!...
Vens consolal-o emfim! Bem-vinda! oh! sê bem-vinda!

Se no teu berço augusto a paz é combatida,
se os hórridos vulcões tem flammas na cratéra,
a causa do opprimido a Deus é commettida!
Confia no juiz, acalma a dor, — espera!

A vasta nau da Italia abriu todas as velas
sem medo ao pego fundo e ao turbilhão que freme.
Tem, a mostrar-lhe o porto, ou iris, ou estrellas!
a liberdade, á prôa! a lealdade, ao leme!

E se inda irado mar em torno ao teu palacio
brama aos duros tufões da *Austria* e d'*Aspromonte*,
em breve um sopro do alto ha de limpar do *Lacio*
a escuma da tormenta, as nuvens do horisonte!

E tu no entanto a nós, ó pomba espavorida,
acolhe-te, da paz formosa mensageira!
na arca do nosso peito has de encontrar guarida:
nos braços d'este povo — os ramos da oliveira.

Terás na lusa praia as ribas italianas;
sólo que diz — fartura, e ceu que diz — bonança.
searas da Sicilia; auras napolitanas;
e flores de Saboya em prados de Bragança.

Terás do povo o amor, que te foi dado inteiro
mal que a paterna mão de nós te confiára;
o braço, o coração de D. Luiz Primeiro,
e as bençãos que te guarda o martyr de Novara.

....
....
....
....

Senhora, pois que vens a semear venturas
no campo que inda enxuga os prantos da saudade,
rainha, ajuda o rei a ter-nos bem seguras
a paz, a independencia, a honra, a liberdade.

E nós, cheios d'amor e d'alegria infinda,
iremos supplicar ao Martyr do Calvario
haja de transformar á que nos foi bem-vinda
a patria n'um altar, o solio n'um sacrario.

A HORTENSIA

O pobre cão... De que vos rides, bellas ?
affecto por affecto... Olhae que é cega
e surda a taboada! e não vos toma
    em conta essas estrellas
    de vividos carbunculos
que em vossas frontes de marfim scintillam,
    nem o suave aroma
    e o mel que se distillam
de entre-aberto raminho d'essa bocca
    de jasmins e rainunculos!

Affecto por affecto... ha mais e ha menos;
e sobretudo o enthusiasmo, a ardencia
que scintilla, trasborda, e se derrama
em gottas d'affectuosa effervescencia,
é mais de vós, humanas divindades.
Mas os brandos carinhos? e os serenos
affectos das profundas amizades?
    a branda, casta chamma,
    que, em vez d'expandir-se, entra
    no peito, e aquece, e dura;
affecto que, saudoso e paciente,
se conchega, se aninha, e se concentra,
    e faz morrer um ente
    sobre uma sepultura...
póde sentil-o assim o pobre cão!
    e, exposto ao sol e á chuva,
    velar o ultimo somno
    e a ingrata solidão
    da campa de seu dono,
chorando... mais viuvo... que a viuva!...

Canta-se a pomba — a casta mensageira,
a rolinha viuva, e o rouxinol
    cantor das solidões,
a andorinha das ruas — forasteira
creoula a baloiçar-se entre os festões
e as messes das ferazes estações
    preza aos raios do sol,
    e o mocho — o mais cruel

de tantos feiticeiros,
vem aturdir o mundo
com pios agoireiros,
e hei de calar do amigo mais fiel
o puro, o immenso amor,
terno, constante, bom, cego, profundo?...
Hei de cantar-te, *Azor!*

Chora-o, sim, formosa Hortensia,
que os teus olhos por chorosos
não ficam menos formosos.
Custa muito a eterna ausencia
de quem nos amou na vida,
que é sem remedio essa dor!
Chora, sim, chora, querida;
perdeste um servo e um amor!

Mostrava tanta saudade
quando acaso te não via!...
Que delirios d'amizade!
quando o afagavas, tremia!
quando eras triste, gemia!
cantavas... endoidecia!

E quando, em crueis momentos,
de ti o lançavas fóra,

com que penas e lamentos
o pobre *Azor* se carpia!...
Chora, bella Hortensia, chora!

Tambem eu tenho gravada
no meu peito a mesma dor,
lembrando a immensa alegria
com que elle, quando eu subia,
vinha saudar-me na escada
como um prenuncio d'amor;
Que pena me faz agora
entrar onde já não mora.
Hortensia, o festivo *Azor!*

....
....

Sou como o pobre faminto
que as tremulas mãos estende
á bem-vinda, escàssa esmola;
todo o carinho me prende!
todo o affecto me consola!

....
....

Como tu eras querido,
meu pobre amigo! que amor
que tu, morrendo, abandonas!
quanto affecto estremecido,
e quanta saudade, *Azor*,
nas almas das tuas donas,
no peito do teu senhor!

Um dia a formosa Hortensia,
da morte prevendo o insulto,
tirou-te o retrato, e a tela
com surprehendente eloquencia
te mostra vivo e presente;
e no olhar intelligente
inda nos pedes um culto
de saudade para a ausencia!

Foste bem feliz, amigo!
que te deu propicia sorte,
na vida — tão doce abrigo,
tantas saudades na morte.

Não morreste! não te esquivas
ao amor que nos inflamma!
quiz o pincel da tua ama
que, inda além da morte, vivas!...

Se teve o cão do Louvre trovadores,
guarde o nome d'*Azor* grata amizade;
tu deste-lhe na tela eternas côres,
eu dou-lhe no meu canto uma saudade.

Lisboa, 1867.

ANNIVERSARIO

(A' excellentissima Senhora D. Maria Amalia Vaz de Carvalho)

I

Eis seu dia de festa, eil-a ditosa,
flor a desabrochar entre delicias!
Paes, amigos, cercae-a de caricias!
Aves, é primavera! a rosa! a rosa!

Surgiu, desabrochou entre montados!
É vossa irmã, sabeis? comvosco mora;
se cantaes, canta ao pôr do sol e á aurora;
se voaes, voeja, entre os jardins e os prados.

Vós a ensinastes a cantar tão cedo
n'um tom suave o festival gorgeio
que ao ceu nos leva; e d'esse ignoto enleio
é vosso, é d'ella, o divinal segredo!

Celestes virações, descei! beijae-a!
que eu sei como vos ama e vos decora
os carmes que, ao primeiro albor da aurora.
passando murmuraes á flor da olaia.

Rusticas notas de canção singela,
sylphos que volitaes entre as balseiras,
fragrancias das festivas laranjeiras;
é hoje o dia anniversario d'ella!

Saudae-a todos vós! vêde-a ditosa.
flor a desabrochar entre delicias!
Paes, amigos, cercae-a de caricias!
É vinda a primavera! a rosa! a rosa!

II

Vê, senhora: entre os convivas
d'este jubiloso dia
só prazer, vida, alegria,
respira, falla, transluz!...
Como é que eu, triste e enlutado,
canto em festiva linguagem?
a tão alegre romagem
que devoção me conduz?

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

Canto a recordar as horas
que passei a vosso lado!
lembro um sonho namorado
que teve um triste acordar!
traz-me aqui uma lembrança,
que falla em cantos e flores!
Ai, maga mansão d'amores,
faz'-me esquecer o meu lar!

Longe, longe esta tristeza!
prazer, por meus labios falla!
ha brindes, e festa, e gala;
ha juventude, ha viver!
ha poesia, ha formosura,
que a chamma do seio ateia!
já meu estro se incendeia!
ao prazer! eia! ao prazer!

Brindo á musa d'estes bosques!
brindo ao seu estro divino!
brindo ao próspero destino
que Dens conceda ao seu lar!
a seus paes! á irmã formosa,
coração de fina essencia!
á familia — providencia
dos povos d'este lugar!

Quinta de Pinteus, 2 de fevereiro de 1866.

ENTRE FLORES

(No album da excellentissima Senhora D. Maria da Assumpção de Podentes)

Imagina, senhora,
uma casinha branca entre arvoredos;
um lago junto d'ella;
junto ao lago um jardim.

Á porta da morada encantadora,
uma hastea d'hera a entretecer um arco,
e a enrolar-se nos vimes d'um jasmim.
No jasmineiro, um ninho ;

uns ovinhos lá dentro, e os ternos medos
com que os guarda amorosa filomela.

Dentro do lago, um barco;
e n'elle uma donzella
d'olhos humedecidos e formosos,
grandes, azues, profundos como o espaço;
cabello ondeado e solto;
collo de cysne; o corpo esbelto e airoso;
lyra d'oiro pousando-lhe no braço;
um veu de gaze em ondas mil revolto
por sobre a azul roupagem:
como aerea visão que se evapora
quando o poeta enamorado acorda
ao sentido vibrar d'intima corda,
ou nevoa matinal velando a aurora.
E emquanto de seus labios melindrosos
fogem suaves, indistinctas maguas,
e timida suspira,
sua elegante e seductora imagem
a reflectir-se no crystal das aguas,
e a segredar-lhe uns magos sons a lyra!...

Serranias gigantes
erguendo-se nevadas e arrogantes
na extrema do horisonte,
e do outro lado o mar!

Com murmurinho manso, incerto, vago,
a poetica lympha d'uma fonte
desce furtiva, e a medo
se escôa e cae dos musgos d'um rochedo
a tilintar no lago!

Modifique-se o tom do quadro ameno:

A luz do sol desmaia;
repinta-se d'azul o mar e o ceu;
os roseiraes redobram de perfumes;
d'anhelitos frementes a floresta;
crepitam na amplidão timidos lumes!
Na molle copa da tufada olaia
acorda um rouxinol em cada arranca,
e um raio de luar que além se ergueu
bate de chapa na casinha branca!

Ó bella, escuta agora
os sons que vem das aguas!
Que toada encantadora! ..
Diz alegria, ou maguas?...
A voz, ora se alegra, ora se enluta!
Ninguem sabe se canta, ou se suspira,
a branca fada que dedilha a lyra!
Escuta!... escuta!...

— "É posto o sol! horas do casto enleio,
velae meu seio em que trasborda amor!
Minh'alma, accende a veladora chamma!
Expande-te, ama, solitaria flor!

Dedilho a lyra, e pranto a flux me brota!
e em cada nota se me enreda um ai!
astros, sorri-me! aureo luar, fulgura!
lago, murmura! rouxinoes, cantae!

É bella a vida entre canções e flôres!
Sombra e fulgores tem o valle e os ceus!
hymnos, o bosque; a madre-silva, incenso:
concerto immenso do Infinito a Deus!

Mas d'onde vem esta tristeza suave
ao canto da ave, ao scismador luar?
ao bosque, ao valle, ao ceu, á choça, ao monte,
ao lago, á fonte, ao gemebundo mar?

D'onde este arfar? d'onde este vago anceio
na aura, no seio, e no tremer da flor?
é pena, e ri! quando é prazer, suspira!
dize-me, ó lyra, é tudo isto...—

— "Amor! —
lhe responde voz ignota.
Ella estremeceu de pejo
e abafou a ultima nota
nos sons d'um tremulo harpejo.

. . . .

. . . .

Se te agrada esta paizagem,
se achas o quadro risonho,
dá-te por finda a romagem.
Tens a verdade bem perto,
mas vale mais o teu sonho.

Já viste, ó virgem, de certo,
co'a luz do teu alto espirito,
que tracei da fantasia,
e co'as tintas descóradas
da minha obscura palheta,
o bosquejo da poesia;
faltou... pintar-te o poeta!

Na casa que tanto alveja
vive o pobre; mas lá dentro,

onde o seu genio se expande,
não vás, que é mansão de dores!
Bem sabes! tudo o que é grande
tem por fóra alvura e flores...
mas... ai! que abysmos no centro!...

Deixo incompleto o meu quadro.
O fundo é todo funereo!
Só te mostro as galas do adro,
mas fecho-te o cemiterio.

Lisboa, 31 de maio de 1866.

N'UM ALBUM

Folha, quando te arrancares,
some-te no espaço immenso!
rasga-te por esses ares!
que podem julgar-te incenso
que arde em profános altares.

Vês? e tu, pura de vicios,
toda alvura e claridade,
vens pela mão da amizade
ao altar dos sacrificios,

onde é pontifice o amor:
e onde tu, hostia incruenta,
só és clarão que aviventa
as graças de muita flor!

Eu bem sei que a poesia
perdeu seu manto de luz,
que altiva arrastava outr'ora;
traz hoje a fronte sombria;
é triste, a nobre senhora;
mas, inda triste, seduz!

E eu quero-lhe mais assim,
que é mais da minha orfandade!
A minha flor é a saudade.
A rosa, o cravo, o jasmim,
são mais enfeites e incenso
para profanos altares.

. . . .
. . . .
Folha, quando te arrancares,
perde-te no espaço immenso!

Estoril, 24 de junho de 1867.

ZARA

CONTO DE MOIRAS ENCANTADAS

(A Elisa)

I

Quando menino... e já lá vão bem annos!
em noites de janeiro, ao pé do lar,
contavam-me as cachopas e os serranos
contos que me faziam já scismar!

Umas vezes entravam na aventura
frades... Deus lhe perdôe, que já lá vão;
outras, casquilhos, mas... em miniatura!
e paes, que tinham força de Roldão!

e homens de pés de cabra, e umas princezas
mui secias e tafues saíndo sós
pelos bosques, montanhas, e devezas,
deixando adormecer aias e avós,

e uns estudantes de mau sestro e manhas,
e uma fantasma branca, e um bicho, e um rei,
e umas fadas gentis... tudo patranhas
que de cór aprendi... que inda hoje sei!...

Por isso, quando o mundo anda mais tonto,
e mais revolto vejo o temporal,
eu folheio a memoria, e acho n'um conto
proveitosos preceitos de moral.

Queres ouvir, senhora? Agora mesmo,
em vez de te escrever cantos d'amor,
vou-te deixar aqui um conto... a esmo!
Seja... *A Moira encantada!* Este é melhor!

Contou-m'o uma velhinha: era tão bella,
com seus crespos cabellos de marfim!...
Tal qual t'o vou contar contava-o ella!
E eu pasmado a escutar!... Dizia assim:

II

—"Houve um tempo em que a moirisma
calcou terreno christão,
e foi Jesus insultado
pelos crentes do Alkorão.

Jámais um crente islamita
se descobriu ante o altar!
rosto fero, alfange em punho,
era só roubar, matar!...

Queimavam corpos humanos
ao lume da santa cruz!
faziam carvão dos santos,
e das reliquias!... Jesus!...

Tanto sangue derramaram
aquelles monstros sem fé,
que Deus tinha preparados
destinos d'outro Noé!

Os astros mostravam sangue
em toda a amplidão dos ceus,
como sentença de morte
com sangue escripta por Deus!

A lua, lago sereno!
o sol, um mar a ferver!
prantos de sangue, as estrellas!
e a terra em sangue a gemer!

Eram de sangue as cidades!
de sangue, o templo, o altar!
de sangue, as fontes da selva!
de sangue, as ondas do mar!

de sangue, os fructos do campo!
de sangue a flor do jardim!...„ —
Eu rezei um *Padre-nosso*;
benzeu-se ella, e disse assim:

III

—“Junto das caras tisnadas
d’esses tigres orientaes,
viam-se as moiras, tão lindas,
tão distinctas de seus paes!

O sol deu-lhes lume aos olhos,
e aos rostos meigo rubor!
Ai! se fossem baptisadas,
eram anjos do Senhor!

Que nobres frontes altivas!
que breve, que lisa mão!
e os seus meneios de cobra!
e os collos... que perfeição!

e dos cabellos pendentes
que soltos, longos anneis!...
mas dizem que eram de fogo
seus corações infieis...

IV

Chega o dia desejado
da celeste punição,
e o incendio das mesquitas
purgou o templo christão.

Reapparece a cruz, erguida
sobre o crescente... Lá vão
d'Agar os filhos fugindo,
e as moiras... nem todas! não!

— Parae! — lhe disse o destino.
Tentaram fugir... em vão!
— Vivei!... — e vivem! mas hoje
onde vivem? onde estão?

Solitarias, encantadas
dos montes na solidão,
são como flores caídas
d'ingrata, perfida mão.

Fez-lhes eterno um conjuro
o bater do coração;
deu-lhes perpetua lindeza
não sei que mago condão...

Hoje vivem... Ninguem sabe
se as tristes vivem, se não:
têm risos, mas não têm prantos;
têm sentir, não têm paixão;

aspiram, não têm desejos:
tudo ali é vago e vão;
são como aéreos fantasmas
passando em louca visão.

Tu nunca viste o rochedo
que tem o *signo samão*,
e a fonte que lhe resalta
dentro da gruta em cachão?

Uma ali mostra o seu oiro,
que não tem cruz de christão,
nas primeiras alvoradas
da manhã de S. João.

Eu vi-a. É Zara o seu nome;
os dentes perolas são;
e tinha os olhos pisados
de ler no seu Alkorão.

Se um dia a vires, meu filho,
que nunca te chegue a mão:
ou rouba-te os santos oleos,
ou deixas de ser christão!

E ali te passarão seculos,
tal como ella, esp'rando em vão,
pobre florinha esquecida
dos montes na solidão!...

V

Senhora, o conto innocente,
como a velhinha o contou
tenho agora bem presente
a impressão que me deixou.

Como eu mirava o rochedo,
o meu conto a recordar!
Mas ai! que medo, que medo
eu tinha de lá passar!

Vêr a moirinha encantada,
vêr o seu meigo sorrir,
escutar-lhe a voz maguada,
era o meu gosto, e fugir!

Se ante mim se abrisse o abysmo,
ia-me ali despenhar.
que as moiras têm magnetismo...
e podia-me encantar!

VI

Hoje as moiras baptisadas
têm um condão mais fatal:
vivem tão desencantadas!
e encantam... por nosso mal!

Já não são flores do monte:
têm cidades por jardim,
reinam em largo horisonte,
e têm vassallos sem fim.

Pois dae-lhes em vassallagem
o rendido coração;
tributae-lhes homenagem;
escravisae-vos; eu, não!

Nem mesmo sendo valído
em tempos d'eterna paz...
É templo sem base erguido
que um só capricho desfaz!

Quero a mulher minha, Elisa,
singela... vaidade é pó!
que tenha amor por divisa,
e, por vassallos, eu só.

1854.

VAE, MAS VOLTA!

(No album da Excellentissima Senhora D. M. do C. da S. Mendes)

No coração affectos;
saudades na memoria!
n'isto se cifra a vida!
Artista, vae, querida,
que avassallaste as almas!
Para te dar mais palmas
aqui te espera a gloria!

Lisboa, junho de 1866.

A FOLHA VERDE

(Reminiscencias do Carnaval)

Quem sabe se foste a causa
de eu me perder, folha verde?
Verde symbolisa esp'rança;
e co'a esperança que sorri
quanta gente se não perde?
É verde o mar em bonança,
e esconde abysmos em si,
muita tromba d'aguaceiro,
muita syrte, e muito damno.
Talvez... talvez, folha verde,
que eu vinha por ti absorto!...
O certo é que me perdi,
e, desnorteado barqueiro,
entregando á sorte a prôa,

fiz-me ao largo a todo o pano,
mar em fóra de Lisboa,
na ré deixando o meu porto!...

A folha da japoneira
teria acaso feitiço?
seria de feiticeira
a mão que m'a deu?... Por isso...
Mas nada! não foi! não é!
A mão era bem bonita,
que a tive eu nas minhas mãos;
e juro por minha fé
que os dedos eram christãos!
Só se a luva... Emfim, não sei,
e o que sei não se acredita!
Corri cem ruas desertas;
caminhos que nunca andei!
nem um clarão nas janellas,
um passo, úma voz,—ninguem!
só muito ao longe as *álertas*
das nocturnas sentinellas!
E eu vagando aqui e além
sem dar pelo meu desvio!...

Quando mais scismo, acontece
que vou no meu desvario
a andar... por andar! á tôa!
e um ermo até se me antolha
a rumorosa Lisboa!

Mas, á saída do baile,
em que, em que scismei eu?...
Em nada... a não ser... na folha
que a mascarada me deu!...

Pois inda vos não disse? o baile era de mascaras!
era a folia infrene, o doido carnaval!
tropel em turbilhão de sonhos mil fantasticos,
o vasto auri-luzente abysmo festival!

Paiz febricitante, onde se inflora em jubilos
a imagem do prazer! grinaldas e festões!
ondas d'acre fragrancia! ondas de luz prismatica!
ephemero anciar d'ephemeras paixões!

Um mundo multicor! um multicor vortice!
onde remanda á vida, a um'hora de prazer,
um ente, cada povo; um traje, cada seculo;
sombras que vem folgar, sorrir, desparecer!...

Era a odalisca ardente, e o requeimado egypcio!
era a varina altiva, e a grega sua irmã!
e a Norma enamorada, e a filha do Adriatico!
e a vivandeira audaz, e a fada alva e louçã!

A esplendida romana, e a camponeza ingenua,
d'olhos de tanto amor e labios tão de mel!
e o Tasso e a saloínha a requebrar-se — languida!
e um grande á Henrique oitavo, e um nobre á D. Manuel!

e a scismadora noite, e a feiticeira bohemia!
e a intrepida escosseza, e o rude calabrez!
e o cavalleiro negro, e a branca flor de Napoles!
e a larga espora d'oiro, e o morrião, e o arnez!

e a dama de Luiz treze, e o pensativo armenio,
e o lesto gondoleiro, e o recamado emir!
e a salerosa nina, a tentação de Malaga!
e a fascinante hebrêa, a perola d'Ophir!

e a dança, a dança infrene! e o delirar da musica!
o o revoltoso prisma a remoinhar sem fim!
festão aberto e esparso a dardejar relampagos!
fragrancias d'um salão, delirios d'um jardim!

Prazer e febre em tudo! Era um correr electrico
de fremitos d'amor! d'anceios de prazer!
um desejar sem fim! sopravam filtros lubricos —
no aroma, cada flor; no rir, cada mulher!

. . . .

. . . .

Mas quem eram duas mascaras,
entre tanta garridice,
cujos nomes ninguem disse,
cujos rostos ninguem viu?
— "Lindas fadas são!" — dizia-se;
que, apezar de tão veladas,
que eram bellas e eram fadas,
quem não sentiu?

E o salão, curioso e férvido,
a agrupar-se em torno d'ellas!
que a luz viva das estrellas
mais encanta e mais seduz
quando vem coada e timida!
e era a seda tenues flocos,
nuvens raras, para focos
de tanta luz!

era ouvil-as, e no espirito
conceber visões suaves;
sonhar cantos, flores, aves,
riso, amores, ceus, e houris!
Flores bellas e fantasticas
quando a mão tenta colhel-as,
mal se inclina para ellas...
fogem subtis!

E assim fugiram celeres
os Dominós azues,
tristes deixando, e extaticos,
as bellas e os tafues,

como fugaz relampago
que fulge e se escondeu!
....
....
....
....
Ficou-me... a folha trémula
que uma, o meu par, me deu!

Aqui prende e acaba a historia
da folha verde e das bellas!
Se alguem quizer conhecel-as
eu posso dar-lhe signaes:
têm ambas loiros cabellos,
frontes vastas; estaturas,
sem serem grandes, esbeltas;
olhos garços, vivos, bellos;
pés e mãos.. de miniaturas!
eis o que vi; mas sei mais

outro signal que as indica;
se alguem puder escutal-as,
note como em suas fallas
se ameniza e dulcifica
o som das letras mais duras!...

....
....

Não sei se a lingua indiscreta
disse mais do que devêra!
Ao clarão da primavera
sorri a lyra ao poeta,
inflora-se, e reverbera!...

Venha cá, folha travessa!
como tem brincos fataes,
não quero que me endoideça:
commigo não anda mais!

Se alguem disser que a graça é só da França,
levae-m'o aos meus travessos Dominós;
que este desdem do seu, esta esquivança,
é cá d'uns francezinhos... d'entre nós!

Lisboa, 6 de março de 1867.

A BORBOLETA

A' EXCELLENTISSIMA SENHORA D. SYMI PHILLIPS

(No seu album)

Eu conheço-a! oh, se a conheço!
sempre volitando anciosa,
esbelta, fugaz, airosa,
esquiva, amante, esquecida,
eterno enigma na vida!...
Eu conheço-a! oh, se a conheço!
Estimo-a: estimal-a é grato;
quero entendel-a... endoideço!

Paira a mirar-se na fonte;
bate as azinhas subtis,
desce ao prado, sobe ao monte,
requesta, endoidece as flores...
e engeita-as! Procura a chamma,
illude-a, foge!... Não ama!
Deixae-a fingir amores!
são tudo anceios febris!
Eu conheço-a! oh, se a conheço!

Dizem as flores do monte:
— "Sabeis porque ella nos foge?
somos serranas e pobres!
ella é fidalga e vaidosa!
lá quer amores mais nobres!
A lisonjeira da fonte
mostrou-lhe o espelho e prendeu-a
só com dizer-lhe: — "És formosa!„ —

Diz a fonte co'um suspiro:
— "Vão lá fiar-se das bellas!
Eu tão pura em meu retiro,
e tão recatada e amante;
eu, que rejeito ás estrellas
o amor que em seus raios leio;
eu, que lhe disse anhelante:
— Desce! bebe do meu seio

todo o nectar peregrino! —
pobre de mim! que fiz eu?!
julgou-me lodosa e ensossa!...
Só liba nectar divino,
gottas do orvalho do ceu!„ —

E diz a gotta do orvalho:
— "Desci, desci toda a noite
para a vêr na madrugada...
Foi bem pago o meu trabalho!
sorriu-me, e passou! mais nada!
Ella quer lá gottas d'agua
trémula, fria, incolor?!
quer lume, incendios! (e é magua!)
quer chammas vivas no amor!„—

— "Porque me foge a inconstante?
— murmura trémula a chamma —
será que um delirio amante
a attrae ao regato?... ás flores?...
carinhos de maior preço?...
cores de novo matiz?...„ —

Nada! nada! Eu sei: não ama!
Deixae-a fingir amores!
são tudo anceios febris!
Eu conheço-a! oh, se a conheço!

Enganam-se o orvalho e a fonte,
a chamma e as flôres do monte.
É varia como os matizes
das suas azas doiradas;
não póde lançar raizes:
quer liberdade sem meta;
ir sem saber onde vá;
timbra de ser borboleta!
não ha prendel-a! não ha!

Não ha?... Quem sabe? Os segredos
das formosas mais esquivas
tem romanticos enredos
que o mundo nem sempre vê.
Pelos caminhos da vida
o amor sabe armar uns laços,
e ás vezes... prende-se um pé...
depois... prende-se a cintura...
luta-se... e prendem-se os braços...
e eis rendida a formosura!

A flor, essa, d'innocente,
ama, deseja... mais nada;
apenas sente... que sente!
não sabe fazer-se amada!...
Mas a chamma, que é ladina,
á formosa, que a requesta,

e a afaga co'a ponta da aza,
rouba a innocencia divina:
co'o fogo as azas lhe cresta;
com beijos de fogo a abraza!...

....
....

Nada! eu volto á minha ideia!
esta borboleta é intrepida,
não teme laços, nem chamma,
nem ha paixão que a submetta!
Se a amarem, sorri sem dó!
se finge amores, não ama,
que o juro aqui! vende só
desdens por subido preço!
Ha de morrer borboleta...
Eu conheço-a! oh, se a conheço!...

Lisboa, 21 de março de 1866.

NO ALBUM D'ARTHUR NAPOLEÀO

(Na vespera da sua partida para o Brazil)

Teu nome é teu horoscopo:
Arthur que diz? Poesia;
Napoleão? Conquista.
Adeus, homem fatidico!
vae, vencedor artista,
poeta da harmonia!

Lisboa, junho de 1866.

OS CEGOS

(Versos recitados no theatro do Principe Real em presença dos cegos da Casa Pia na noite do seu beneficio)

Pobres ceguinhos!... Nenhum d'elles póde
vêr, entre a doce luz que esplende aqui,
tanta bondosa mão que lhes acode,
tanto rosto de bem que lhes sorri!...

Sempre a tristeza, com seu duro açoite,
a cortar-lhes, maldita! os corações!
sempre a caliginosa, immensa noite
a enlutar-lhes tremendas solidões!...

Sentir em torno o estrondear do mundo,
sentir a festa, a vida, o turbilhão,
e o tenebroso carcere profundo
a cobril-os d'eterna escuridão!....

Sabeis o que é desdita, e as dores sevas
da agonia sem luz, d'ancias crueis?
Este espelho reflecte o horror das trevas!...
Ai! vós deste-lhe' esmola, é que o sabeis!

Trevas! trevas! o horror da tumba em vida!
campa chumbada entre a existencia e a luz!
via-sacra nocturna, erma, comprida!
passos mal firmes sob a enorme cruz!...

....
. ...

E vivem, e sonham almas
sob estes craneos-clausuras!
e n'estas mansões escuras
quer Deus que floresçam palmas!
e que os ecos das venturas

achem ecos de saudade
dentro d'alma ao pobre cego!
e que lhe seja conchego
o calor da caridade!

Deus é grande! e em cada sêr,
quer gigante, quer insecto,
ou seja cego ou vidente,
planta uma dôr, e um affecto,
co'um raio do seu poder,
co'uma palavra clemente!

Para curar cada magua,
põe o seu amor profundo
entre as mãos da caridade
quem faz cada átomo um mundo,
e retrata a immensidade
na minima gotta d'agua!

Em cada luzente insecto
de Deus scintilla um vestigio:
e m cada sêr incompleto
se cumpre mais um prodigio!

Nos carceres que em torno a mim contemplo
julgaes que as pobres almas escondidas,
chorosas com seu luto, esmorecidas,
não terão para orar ultimo templo?

Se a abobada é sombria, ha luz no centro,
onde cálida prece o peito exhala;
nas janellas, se a luz bate e resvala,
accendem-se os sacrarios lá por dentro!

Servem d'altares cinerarias tumbas;
o amor pede mysterio onde se acoite:
festas a Deus tambem por alta noite
celebravam christãos nas catacumbas.

Passa a abobada ingente, funda, espessa,
de Deus o ouvido, e a debil prece escuta;
do mundo os antros seu olhar perscruta,
e as camadas opacas atravessa.

E nem por escondida a humilde prece
que nas azas do amor ao ceu se eleva,
menos condão, menos virtude leva,
ou se perde, ou se peja, ou se arrefece!

No temporal desfeito, ou no socego
da calmaria, em tudo é Deus! em tudo!
no côro universal, na alma do mudo,
na luz do sol, e nas visões do cego!

Onde houver Deus ha luz, amor, e festa;
que a sua graça em raios se disparte;
no minimo, e no immenso! em toda a parte
a festa do infinito um Deus attesta.

Animo, irmãos sem luz! Bemdito o pobre!
bemdito o que tem fome e o que tem sêde!
bemdita a flebil voz que chora e pede!
bemdita a mão que dá, levanta, e cobre!

Bemdita a virgem que, do triste albergue
onde chora a miseria, a dôr espanca;
e co'a bondosa mão, pequena e branca,
cruzes pesadas aos seus hombros ergue!

Bemdita a caridade, o amplexo, o laço,
que prende e envida á communhão dos seres;
synthese dos amores e deveres;
entre os homens e Deus freterno abraço!

Tudo no mundo a mão de Deus compensa:
o pobre é rico de fervente prece,
e de bençãos d'amor com que agradece;
e o rico, de venturas que dispensa.

Embora ao cego a escuridão esmague,
embora o seu altar só tenha cruzes,
lá lhes póde accender intimas luzes,
sem que o vento de fóra lh'as apague!

O cego vê... outros quadros,
n'outro mundo mais feliz;
outros jardins e outros adros,
com flores d'outro matiz;

outros templos e castellos,
marmores d'outro lavor,
criptas, zimborios mais bellos,
e soes de mais esplendor.

O cego vê... mundos novos
repletos d'amor e fé;
casas brancas, jovens povos,
onde tudo canta e vê!...

Pelas paragens distantes
do espaço, que é o mundo seu,
vae... nas ilhas fluctuantes,
pelos oceanos do ceu,

como em tapete encantado,
em cadeira de condão,
correr seu mundo, assentado,
e a sabor da viração:

Se ouve um canto, vê na mente
formosuras e jardins;
se escuta um orgão plangente,
virgens, gloria, cherubins!

Se de jasmins ou violetas
cheira os aromas subtis,
vê nuvens de borboletas,
frescura, arroios, matiz.

Se mão pequena e macia
se achegar aos labios seus,
na inflammada fantasia
vê primaveras e ceus;

Sente, e a faisca resalta!
pensa, e o templo se accendeu!
Iris as trevas lhe esmalta,
e n'ellas um mundo e um ceu

caprichos; sonhos, chimeras,
absurdo, enganos fataes,
tempestuosas primaveras,
auri-roseos temporaes!

Mas se um só dia se abriram
olhos onde o mundo entrou,
e pós, sobre olhos que viram,
fulminea chamma passou,

todo o quadro do universo
fica da alma na viuvez,
e as notas do hymno disperso
lá cantando! E quanta vez

dentro do carcere austero
trabalha um genio immortal?!
que o digam Milton e Homero...
póde-o dizer Portugal!

Mais que dos labios a prece
quer Deus a do coração,
mais o amor brota e florece
nas trevas da solidão!...

Sabeis n'este momento o que lá vae nas almas
dos pobres que não têm a esmola d'um fulgor?
Ergue-se um templo grande: e n'elle o incenso e as palmas
escutam prece humilde, e canticos d'amor!

Luz trémula do prisma o templo sobredoira;
uns braços fazem throno; um seio ardente, altar;
sobre elle a caridade, alva, risonha, loira!
virgem que vem... do céo! rosa que vem... do mar!

De perolas se veste, aljofares, e riso;
põe balsamos d'amor nas chagas do infeliz:
tem azas; são de luz! recende a paraiso:
consola, dá... sumiu-se! e o nome seu não diz!

E o cego ali se prostra em acto de humildade,
e poisa aos pés do altar inteiro o coração!

. . . .
. . . .

. . . .
. . . .

Vós que hoje os soccorreis, vós sois a caridade!
elles, a prece humilde, e a immensa gratidão!...

Disse-vos que o cego via
quadros de muito primor;
sim! co'a luz da fantasia,
que faz o engano maior!

Se achardes cegos, senhores,
na turba, ou nas solidões,
dae-lhes a mão, bemfeitores,
que não vêm, não... têm visões!

Caldas da Felgueira, 5 de novembro de 1866.

O PENEDO DA MEDITAÇÃO

Pobre rochedo! sósinho,
tão distante da cidade!...
só do susurro dos montes,
do rumorejar das fontes,
da branda relva do prado,
das franjas dos horisontes,
tu queres ser contemplado?...

—Meditação!...—Como é grande
esse teu nome, rochedo!
Ai! como entende este nome
quem ama e chora em segredo!

. . . .

. . . .

Sombrio! impassivel! mudo!
esperas acaso alguem?
gigante inerte! comtudo
tu choras... porquê?... por quem?...

Do monte cortado a pique
porque, sentado na altura,
espreitas tão debruçado,
firme, attento, fascinado,
o seio aberto do prado
que te ha de dar sepultura?...

Bem vês, victima da sorte,
que, por fatal magnetismo,
tu, pendurado no abysmo,
lá tens d'encontrar a morte!...

. . . .

. . . .

Do meu soffrer resignado
és eloquente memoria!
és o padrão mutilado
da minha truncada historia!
és!... não vão muito distantes
momentos em que a seu lado,
a mim e a Deus o jurei,
nos poucos, breves instantes
que, n'esta pedra sentado,
junto d'ella meditei!

Tu, queres por companheiros
só estes cerros tão tristes!
da quéda que ha de matar-te
vês a distancia, e persistes?!...
Eu, d'estes áridos montes
onde tanto amor senti,
só quero a triste saudade!
que as lindezas da cidade
recordam-me o que eu perdi!...

....

....

Ai de mim! perdido o tino,
prendeu-me um cego destino:
sei que me vou despenhar!
bem perto chammeja o incendio...
debalde bradaes: — Detende-o! —
e sei que me hei de abrazar!
aos pés me negreja o abysmo,
e, por fatal magnetismo,
hei de lhe a altura salvar!

....
....

Ai! n'esses breves instantes
que junto d'ella scismei,
que d'epopeias gigantes
concebi, se as não cantei!
E ella, volitando sempre,
no monte, no val, nas flores,
do ceu na amplidão immensa!
e amei-a, quando sorria,
como a luz d'ultima crença,
que mata se tem um fim!...
e ella linda, linda... e fria
como a estatua da indiff'rença
vinha poisar junto a mim!...

....
....

Perdi-me! é tarde! se eu esp'rasse ao menos
dias serenos d'um viver feliz!...
mas nunca!... ai, rosas, em que eu leio amores,
pendidas flores que não têm matiz!

Rochedo, ao menos, ao viçoso prado,
onde encantado o teu olhar ficou,
mandas o pranto que te inunda o peito,
ultimo preito de quem muito amou!

Mas eu, forçado a segredar sósinho
n'este caminho de miseria e dôr,
n'um rir forçado, onde o ninguem presume,
escondo o lume d'infinito amor!...

Alma, não deixes d'acolher constante
clarão distante da longinqua luz!
que, se ficares sem a imagem d'ella,
erma capella, que te resta?... a cruz!...

. . . .
. . . .
. . . .
. . . .

Foge, foge, pensamento,
das trevas d'esta amargura!
que após o negro tormento
virá talvez a loucura!
vejo-lhe o vulto!... é medonho!
oiço-lhe o rir!... faz tremer!
tem o andar pesado e lento;
fujámos, ó pensamento!
não quero louco morrer!...

Coimbra, 1855.

TRISTE!

(No album da Excellentissima Senhora D. Rachel Nazareth)

Na mão, donzella, descançando timida
pallida fronte pensativa e triste,
porque desejas, n'um sorriso languido,
matar lembranças do que já sentiste?!
Morre o sorriso como a sombra tenue!
resalta á face o que no peito existe!

Mulher, sê triste! que do mundo o riso
é falso aviso! a falsa dita envida!
Não tens um riso que te valha um pranto,
balsamo santo nos parceis da vida!

Cinge-te a fronte divinal, mimosa,
pura, saudosa, pensativa, linda,
de roxas flores funeral diadema,
sentido emblema de tristeza infinda!

Guarda-o! é transumpto de cruel memoria!
luto da gloria a que, a sonhar, sorriste!
Não queiras risos que te mintam festas,
prendas funestas!... Ai, mulher, sê triste!...

Quando pairar o teu olhar suspenso
no espaço immenso que te argenta a lua,
saúda os fogos da mansão d'achanjos!
Paços dos anjos são a patria tua!

E dize ao mundo, que te foi desterro:
— Arido cerro, onde a flor definha!
lego-te o pranto que me innunda os olhos,
patria d'abrolhos, que não és a minha!...

Rachel, sê triste! No mundo
tem magia o padecer!
riso aqui, o mais jucundo,
insulta, ou mente, mulher!

Dizem que é forte a desgraça
que em sorriso os prantos muda!...
onde estão ingenuos peitos
que o triste sorriso illuda?
E o rosto o peito espedaça
com seus risos contrafeitos!

Ai! o prazer simulado!...
Rachel, teu riso é forçado!
rejeita-o, que vem mentir!...

Se me pudesses ouvir!...
eu contava-te o que vi
n'um'hora em que estava triste!...
Foi hontem... foi! não me ouviste?
Pois olha, chamei por ti!

Dentro da egreja vetusta
carpia, solemne, augusta,
do orgão santo a triste voz;
em carmes irmãos do chôro,
das virgens cantava o côro,
por si rogando... e por nós!
Entre esses ethereos cantos
dos olhos caíam prantos!

adivinhei-os! que ali,
se não vi faces mirradas,
senti vozes abafadas!...
As portas eram fechadas,
mas eu escutei e ouvi.

Atravez de fenda escassa
as aras do templo vi;
luz amortecida e baça
incerta ondulava ali!
dava dentro ao santuario
esse clarão mortuario
uma só vela no altar!
cá fóra, em manto alvacento,
caía sobre o convento,
a triste luz do luar!

Eram da tristeza as festas
que celebrava o mosteiro,
com luz nas gothicas frestas,
com ecos no espaço inteiro!

E onde estavas tu, Rachel,
meiga, celeste visão?
contemplavas o socego
das estrellas no Mondego,
e alguma pena cruel
contavas á solidão?

scismavas no paraiso?
contrafazias um riso?
matavas o coração?!

Ai! se tu viras o quadro
d'aquella festa singela!...
Faltavam flores no adro:
tu és açucena, e és bella!
Sabes tanto da tristeza
os segredos e a linguagem!...
O templo, o canto, a deveza,
tudo retratava a imagem
do teu sentido viver!
e eu quiz vêr-te ali, mulher,
por te vêr dos negros olhos
suave pranto correr
e o luar suavemente
banhar-te a pallida tez...
que os raios do sol ardente
insultam a pallidez!...

Triste, procura o mosteiro
de noite e á luz do luar!
longe alli do mundo inteiro...
só Deus vê... pódes chorar!

Rachel, o canto que ouviste,
se não te agradar por triste,
perdoa! inspiraste-o assim!
Triste sou eu de saudade!
d'esta risonha cidade...
que vou deixal-a por fin—!
Porém de ti longe, ou perto,
na cidade, ou no deserto,
nas selvas, ou no jardim
hei de, em perpetua miragem
vêr-te a seductora imagem
triste, a scismar junto a mim!

Coimbra, maio de 1855.

FIEL-O-MOLOSSO

Eu quero muito aos cães! pois nos carinhos
que lhes vejo nos olhos, se os afago,
ou, se lhes corro a mão pelos arminhos,
nos beijos que me dão, não fico eu pago
de todo o meu affecto? Homens, é duro
comparar-vos aqui! mas o futuro
(o presente e o passado assim o attestam)
o futuro, vereis, dá-me razão.
Estudados carinhos nada prestam:
tendes nescios desdens, mordeis a mão
que vos ergueu do abysmo e lambe-a o cão!

E vós, meninos, que sereis um dia
amparo, benção, fructo a vossos paes,
como agora lhe sois flor e alegria,
ouví a minha historia, e nunca mais
apedrejeis um cão! nem persigaes
com motejos, um pobre, um desgraçado,
um velho, um louco, um ebrio, um mutilado!
Deus espreita do ceu, vossa mãe chora,
e vosso pae castiga-vos. Agora
vou contar-vos a historia verdadeira
d'um cão que vale... uma familia inteira:

I

Era uma noite gelada,
noite do mez de janeiro;
pés de raro passageiro
soavam pela calçada;
e os varões do candieiro
rangiam sob a rajada
do vendaval do sudoeste.
No cemiterio não longe
carpia o feral cypreste,
açoitado pela chuva,
não sei que preces de monge,
ou que orações de viuva.

No fundo, o mar encrespado,
e a floresta dos navios,
turma d'espectros sombrios,
dormindo um somno agitado
nas febris, tremulas ondas.
Na cidade, a leve bulha
d'alguma tarda patrulha
fazendo as nocturuas rondas.

Era no bairro onde ha flores,
e *bons ares*, e trigaes;
onde ha primavera e aurora;
onde impossiveis d'amores
sonha a bella olhando os mares,
debruçada... scismadora
no seu florido mirante,
emquanto jorra delirios
em gorgeados madrigaes,
junto á enternecida amante,
um rouxinol entre lirios.

Pois d'esse bairro apartado
na mais solitaria rua,
vi n'essa chuvosa noite,
sem um tecto onde se acoite,
sem um lar onde se aqueça,
creancinha semi-nua,

sentada sobre o lagedo,
agasalhando com um braço
uma nevada cabeça
em cima do seu regaço;
do outro lado, attento e quedo,
um cão lhe prestava encosto,
e as frias mãos lhe lambia,
e bafejava-lhe o rosto.

Quem era a pequena dona
de tão caridoso braço?
e o velho que ali jazia
sobre o seu molle regaço?...

II

O velho fôra um soldado,
duro como os bons arnezes;
de coragem que deu brado
contra hespanhoes e francezes.

Finda a guerra, ao solo grato
voltou, pendurou a espada;
e era vêr o Cincinato
entre o arado, o ancinho, a enxada.

Roubou-lhe um dia de casa
a esposa, a garra da morte!
e nos seus olhos em braza
sentiu lagrimas o forte!

Foi sentar-se á borda da eira
sem desprender um lamento;
mas, ai! pela vez primeira
o heroe se viu sem alento!

Saíu de casa o valente
a espalhar a dôr profunda ..
topou co'um ébrio contente!...
Entrou na taverna immunda!

Bebeu, e sentiu quebrantos
saudades... febre de guerra!...
bebeu mais, derramou prantos!
mais... mais... e caíu por terra!

De noite, a filha enlutada
entrou na mansão medonha,
e ao descer a immunda escada
disse-lhe: — «Pae, que vergonha!...» —

— «Foram penas, Margarida!...
procuro, e não acho a morte!...
A velha era a minha vida!...» —
— «Pois que é isto?!... eu sou mais forte!

Sou viuva, e sigo ávante!
Sou mulher, mas lido e ralho!» —
— «Fuzile-me, commandante,
que eu... desertei do trabalho.»

— «Pois nunca mais...» — «Dito e feito!» —
— «Jesus...» — «Filha, e os meus pezares?!...
Vou fazer saltar o peito
como um paiol pelos ares!» —

— «Mas, pae, as vossas medalhas
viram morrer muita gente!» —
— «Sim; mas não viram mortalhas!
morre fardado o valente!

Nem viram morrer mulheres
que nos dão a alma n'um beijo!...
Fui vencido hoje! que queres?...
mas fui-o por meu desejo.» —

E entrando em casa o soldado
ajoelhava ao pé d'um berço,
beijava a neta, e calado
ficava em tristeza immerso.

E nunca mais para a vida
fez esforço o heroe... o escravo!
e, ao vêr a filha na lida,
dizia-lhe: — «Vá, meu bravo!

Mereces a gloria e os hymnos!
lida, mulher-maravilha!
sustenta os teus dois meninos,
eu e a neta... o pae e a filha!» —

E cada noite o soldado
se amparava áquelle braço;
e, se caía prostrado,
tinha por baixo um regaço.

III

Annos mais, e a filha cança
de carpir e de lidar:
cae, morre! e no pobre lar
não fica um resto d'esp'rança!

Fica a pequena Rachel,
a loira flor do cerrado;
o curvo inutil soldado;
e o bom rafeiro — o *Fiel.*

E as hortas murcham sem rega.
e as vides sem poda estão;
come o bolor o timão,
e a ferruge, a enxada e a cega.

Ao vêr-se tão pobre e só,
o velho ia ser blasphemo!
mas, n'um impeto supremo
de vergonha, brio, e dó,

trava da enxada o colosso...
a enxada cae-lhe, e elle diz:
— «Emquanto pude, não quiz!
agora... quero, e não posso!

Vae, neta! vae pedir pão,
já que trabalhar não podes!
Tu, velho, arranca os bigodes!
covarde, fraco, poltrão!

Volta á negregada vida!...
vae beber! beber! beber!...
Fui eu que te fiz morrer!
Margarida! ai, Margarida!...

A velha era o meu amor!
a filha... dever, o esforço!
a netinha é o meu remorso!...
Deus, manda um raio, Senhor!» —

....
....
....
....

Sentada ao pé d'uma esquina
pedia esmola Rachel:
e o velho, magro *Fiel*
guardava a triste menina.

E cada noite o soldado
se amparava a um debil braço;
e, se caía prostrado.
tinha por baixo um regaço.

IV

Chega a estação negra e fria,
chega a inimiga dos pobres;
na igreja da freguezia
tange a campa... e não são dobres...

não! são repiques de festa!
são alegrias da igreja!
porque na sacra floresta
mais uma rosa viceja!

Porque a uma loira menina,
que estava pedindo esmola
todo o dia ao pé da esquina,
Deus a ouviu, Deus a consola!

Morreu?... quem sabe dizel-o?
vae deitadinha de costas!...
mas tem luzes no cabello!
mas inda leva as mãos postas!

Descorada vae... De certo!
se a côr sempre lhe foi pouca!
mas leva um sorriso aberto!
e inda um *bem haja* na boca!

Lembra a flôr que o vento corta
e lança á veia corrente,
ninguem sabe se vae morta,
se feliz, viva, e contente,

Pois repique a freguezia,
e na sagrada floresta
haja galas e alegria!
na terra nem tudo é festa!

Lá deplora o dia inteiro
um velho a teimosa vida!
e aqui, o fiel rafeiro,
rojando a cauda estendida,

segue á mansão derradeira,
onde a cruz falla ao cypreste,
a piedosa fogaceira
que leva a offrenda celeste!

Treme o lençol de cambraia
no taboleiro de neve!...
serão azas que ella ensaia?!...
por isso o anjinho é tão leve!

E o pobre cão vae pasmado!
qual na estação dos amores.
ave a quem levam roubado
seu ninho armado entre flores.

Olha cada passageiro,
fareja cada creança,
mostra o funebre canteiro
como quem pede uma esp'rança!

E quando a terra lhe esconde
essa adorada cabeça,
foge... e não sabe por onde!
olha... e não acha a quem peça!

Uiva, gira e se lastima!...
cala... escarva... arqueja... clama!...
e vae lastrar-se-lhe em cima,
inda a escutar se ella o chama!

Tenta a pedra... e geme... e luta...
vai... volta... ullula... fareja...
pára, a indagar se ella escuta
geme, a tentar que ella o veja!

Granizo a torrentes chove;
passa o dia, vem a noite!
o pobre cão não se move
por mais que o coveiro o açoite!

V

É noite, noite profunda,
noite nevoenta, pesada;
ouve-se uma voz pausada
dizer na taverna immunda;

— « Morreu; se eu sei que morreu!
ia bonita, mas só!
agora, o que me fez dó
foi vêr o cão!... que o vi eu!...

atraz do taboleirinho,
triste, a chorar! se eu vi tudo!
pobre cão! tão magro e mudo
por todo aquelle caminho!... » —

— « Se o velho não firma o pé,
quem n'o ha de agora amparar?... » —
— « Ouviste?... senti raspar!... » —
— « Onde? » — « Na porta! » — « Quem é? » —

— «Oh! não, não abras, Antonio!
esta é a hora da creança!...
Rachel!... não veio! descança!
vae, vae-te! (Cruzes, demonio!)» —

— «Batem de novo!...» — «Quem vem?
não falla?... não entra cá!
não abras!» — «Abre!...» — «Pois vá!» —
— «Cruzes!» — «Abrenuntio!» — «Amen» —

Pasma a turba absorta agora!
um cão entra, olha, rasteja,
fita as orelhas, fareja...
dá volta, e sae para fóra!

Dir-lhe-ia a alma de Rachel:
Amigo, já que eu não vou
acompanhar meu avô,
tu vaes buscal-o, *Fiel?*

O cão foi achal-o ao lume.
Nunca mais veio á taverna;
queimava-o em chamma interna
dor que mil dores resume!

Tanto essa pena o mirrou,
foi tão profunda essa dor,
tanto ardia esse amargor,
tanto e tanto, que cegou!

Cego, tomava a sacola;
prendia ao fiel molosso
uma fitinha ao pescoço,
e ia assim pedindo esmola.

Quem deixaria de os vêr
n'essas ruas mendigar?
o cão, tudo a acautellar;
o velho sempre a dizer:

— « Desertei do meu trabalho!...
agora... quero, e não posso!
esmola ao fiel molosso,
que vale mais do que eu valho. » —

Fiel, mal que desce a noite,
corre inda hoje ao cemiterio
dormir no leito funereo
por mais que o coveiro o açoite.

Estoril, 28 de junho de 1867.

O HERMINIO

Serra, tres vezes salve! Assim te ergueste
negra em torno de nós, muralha enorme
d'uma Bastilha agigantada, informe,
horrenda, tenebrosa, olhando os céus!
Salve, Estrella, colosso, que na Beira
o tempo ergueu, padrão d'altos destinos!
altar d'onde as tormentas mandam hymnos
nas azas dos tufões aos pés de Deus!

Eis-me teu prisioneiro! o escuro inverno,
o teu amante . . . e teu esposo. Estrella,
mal que os umbraes transpuz d'essa *Portella*,
cerrou atraz de mim negro portão.

Cingiu-te com seus braços de gigante;
cobriu-te com seu manto de chuveiros.
Eis-nos presos, meus tristes companheiros,
n'esta lobrega enorme solidão!

Sómente, como um raio d'esperança,
ineffavel promessa de conforto,
nos apparece aqui, nuncia d'um porto,
a capella da Virgem, erma e só! [1]
alva, como os amitos da innocencia;
pura, como os murmurios d'uma prece;
triste, como o chorar de quem padece;
meiga, como o fallar de quem tem dó!

Virgem, ouve-me tu! Emquanto o vento
zune pelas quebradas, e os chuveiros
se arrastam pelos cumes dos oiteiros,
e as torrentes alagam cerro e val;
emquanto a serra estremecendo arqueja
debaixo dos açoites da procella,
Virgem, escuta! ouve meu canto Estrella,
e acompanhem-me os sons do vendaval.

---

1 Capella da Senhora da Assedaça.

Hontem, á meia noite, ergueu-se do Occidente
um som rouco, e profundo, e prolongado, e ingente:
mais forte que o do mar, mais cavo que o trovão;
dera um gemido enorme a enorme solidão!
ouviu-o a serra inteira, e os ecos repetiram
promptos de monte em monte o cavo som que ouviram.

Dormiamos lá em baixo á extrema orla do val
na choça de colmeiro; humilimo casal
onde raro se alberga... um cão, um pegureiro,
um lobo, um caçador, bandido, aventureiro,
que vae transpondo a serra e vê que a noite vem;
eis quem pernoita ali; mais nada; mais ninguem.

Dormiamos lá em baixo; os cães e os caçadores
deitados sobre a palha. Os ultimos fulgores
de moribunda luz mostravam pelo chão
disperso o trem da caça: a bolsa, o cinturão,
o torto polvorinho, as botas, o chumbeiro,
e armas em funeral. O tecto de colmeiro,
negrissimo do fumo. Ao fundo, inda no lar,
um cepo quasi extincto a ouvir-se crepitar.
Quadro para paineis, estudo para horrores.
lembrando antiga lenda e antigos salteadores.

Seria meia noite... Estremeci d'horror!
Um som cavo e longinquo, horrisono fragor
que vinha do Occidente, ecoou pelo horisonte!...
Seria o abrir da serra?... o desabar d'um monte?...

Caíram sobre a choça os vendavaes a flux!...
A luz ondeou tremente... e em chispas foi-se a luz!...
Ao triste uivar dos cães, ouvimos assustados
das feras respondendo os uivos prolongados.
Nas fendas da parede o vento a assobiar
gelava-nos o rosto e incendiava o lar.
O rio, junto a nós, como o leão ferido,
ouvi-o erguer-se torvo: e o seu feroz mugido
da morte era o pregão. Tremia inteira a Estrella!
Sopeava-a sob o açoite a horrisona procella.

— «Os *Cantaros* bramir ouvi.—disse um ancião;—
sou velho e sou serrano; é mais que o furacão!...
Silencio!... eis outra voz!... *Roncam as Alagoas!*
ao hymno dos leões responde o das leoas?!
dizei adeus ao sol que o não vereis aqui.» —
Sumiu-se sob a palha e adormeceu.

Saí.

Ó moradores dos plainos!
se nunca durante o inverno
vos deu tentações o inferno
de vir visitar a serra,
se nunca, nunca subistes
a estes pincaros de gelo,
onde um nevoeiro eterno
vos esconde os ceus e a terra,
não comprehendeis quanto é bello
este gemer d'um gigante
que soffre inerte o incessante
esbravejar da procella!
Ó moradores dos plainos,
que não conheceis a Estrella!

Os vossos tufões, são brisas:
orvalho, os vossos chuveiros;
jardins, vossas veigas lisas;
alfombras, vossos oiteiros.

Essas nevoas transparentes
que ao romper d'uma alvorada
correm dos rios á flor,
são como o veu da esposada,
que envolve a face encarnada
mas deixa vêr-lhe o pudor!

Esses mil listões estreitos,
lisas nuvens alastradas,
ao sol nascente — doiradas,
ao sol poente — purpurinas,
são como as roseas cortinas
dos vossos morbidos leitos.

Aqui. sim, o inverno é inverno,
e este é o paiz da procella!
aqui vive o gelo eterno:
aqui suzerana a Estrella
espera o feudo que o oceano
em mil aereas galeras
lhe deve e manda cada anno
desde o principio das eras!
E cada nuvem pejada,
galeão sombrio e tardo,
cá vem depôr o seu fardo,
e descançar da jornada.

Não trazem oiro d'Ophir,
nem perolas de Ceilão,
nem diamantes de Java;
fôra caso para rir,
vêr a serrana selvagem
de catadura tão brava
a ornar-se com taes enfeites,

como a vaidosa donzella
que namora a propria imagem.
Grilhão é signal d'escrava;
se é d'oiro, é sempre grilhão!
differe em ser mais pesado!
Outros mimos quer a Estrella!
Chuvas torrenciaes que alagam
o monte, os casaes, e o prado;
granizo que estala, e mata
os pegureiros e o gado;
depois, a neve que os ventos
estendem por cerro adiante;
que ora semelha a mortalha
do cadaver d'um gigante,
ora a alvissima toalha,
feita dos linhos mais finos
a cobrir altar immenso,
onde ensaiam psalmos e hymnos
os genios da solidão,
tendo as nevoas por incenso,
por celebrante o tufão,
por acolitos e orchestra
os vendavaes e o trovão.

Quando saí da choça olhei para o Occidente
e vi crescer, crescer, como o subir d'um monte
o vulto d'um gigante, enorme, surprehendente,
tendo na serra os pés, tocando os ceus co'a fronte.

Mal que movêra as mãos, rasgou-se a nevoa escura:
a lua que descia, alumiava-o inteiro!
e eu vi-lhe o vulto informe; a horrenda catadura:
os trajes d'um pastor, o rosto d'um guerreiro.

Tinha na mão callosa um roble por cajado;
capote de capuz, já roto e já sem pello;
velho, negro *surrão* pendente sobre o lado:
de neve, neve em floco, as barbas e o cabello.

Vestiam-no uns *safões* dos pés 'té á cintura.
A sordida camisa aberta sobre o peito
deixava aperceber selvatica espessura
d'aspérrimo cabello.
E o gesto contrafeito,

e os olhos cuja luz as sobrancelhas somem,
e a bocca fumegante a arremedar cratera,
tudo m'o faz julgar — fera com fórmas d'homem
ou homem que o Senhor quiz transformado em fera.

Espreguiçou-se o monstro erguendo os longos braços
que abrangem desde a Hespanha até o grande Atlante,
limpou co'a a manga solta os fundos olhos baços,
olhou, viu-me, e sorriu-se! O riso d'um gigante!...

— « Que vejo? eu velo, ou sonho?
— Assim dizia
o filho, neto, ou irmão do Adamastor. —
Homem da terra baixa, que do dia
nunca, nunca avistou primeiro alvor,
por medo á brisa matutina e fria,
a visitar os ermos do Pastor!
e quando o inverno alaga, açoita e géla!...
Que desejo, beirão, te guia á Estrella? » —

« Conhecer-te de perto, Herminio duro;
quiz ouvir-te fallar dos teus beirões,
a quem déste arraial amplo e seguro;
saber do teu passado as tradições:
perguntar-te os arcanos do futuro;
vêr a Hespanha d'este alto, e os seus Leões
que afiam para nós a garra adunca!... » —
— « Silencio! — diz o Herminio — oh! nunca! nunca!

Silencio! que levantas as pedras da montanha!
Acaso a lusa terra caíria em tal miseria?!...
Dormia ha pouco, e em sonhos ouvi dizer — *Iberia!* —
ergui-me de convulso!... mas tinha-o dito a Hespanha!

Se eu acordasse os mortos!... se Viriato ouvisse!...
Se a Braz Garcia ao menos... mas não, dormide, filhos!
a Serra inda tem patria! na patria inda tem brilhos!
a voz não foi dos nossos; a Hespanha foi que o disse.

....
....
....
....

Queres do meu passado saber a historia? é bella:
a Serra é ninho d'aguias e a aguia é independente;
quando algemava os povos a Roma armipotente
livre era em ninho d'aguias Lysia, na altiva Estrella.

Quando por tredos fados ao nuto d'um tyranno
imigas hostes vinham talar a nossa terra,
nunca a estrangeiro jugo curvou seu collo a Serra!
fallem romanas signas! o arabe! o franco! o hispano!

Se Portugal tem hydras, colha-as ás mãos e esmague-as!
Tremes pelo futuro? não tremas! crê e espera!
aqui, valor não morre; nem vem traidora féra
á crista dos rochedos onde têm ninho as aguias.» —

Dissipa-se a visão;
quebram de novo os uivos a calada;
redobra o furacão;
mais se condensa a nevoa regelada,
e o meu teimoso olhar já nada vê
na plumbea cerração.

Quando o dia raiou, quando acordei,
— perguntava: Meus Deus! vi, ou sonhei?... —
Mas eu tinha mais fé,
e sentia mais forte o coração.

III

LAGRIMAS

Mais le bleu du trépas cernait se lèvre rose:
Le sourire y mourrait á peine commencé;
Son souffle raccourcit devenait plus pressé.
Comme les battements d'une aile qui se pose.

Lamartine.

5 D'OUTUBRO DE 1865

Ó minha mãe sem ventura!...
minha mãe!... ó mãe querida!
abre a tua sepultura!

Aqui tens a minha vida!
vida inutil a seu dono;
aceita-a, mãe, volta á lida!

Antes eu durma o teu somno!
Sem ti, que ha de ser, agora,
n'estas fadigas do outomno?

E em casa o que vae, senhora!
meu pae, olha... escuta... espera!
meu irmão, soluça e chora!...

....
....
....

Ó minha mãe! quem pudera
fazer que voltasse a vida
como volta a primavera!
Minha mãe!... ó mãe querida!...

....
....

Desatae-vos! correi, ó minhas lagrimas!
Flores! velae-lhe o derradeiro somno!
Passae de leve sobre a campa gelida,
aragens frias do ceifeiro outomno!

I

Hei de morrer no outomno! a quadra triste
do desarmar do templo, ha de encontrar-me
scismando esmorecido entre umas folhas,
e amortalhar-me n'ellas.

Quando as festas
que a primavera e o estio a Deus offertam
houverem terminado; quando a orchestra
das aves da soidão calar seus hymnos;

quando o incenso, das flores no thuribulo
fôr de todo apagado: quando a nevoa,
alva como os sudarios, ao sol posto
se correr entre as serras e as estrellas;
quando as folhas, do halito da morte
caírem bafejadas, como cáem
festões e arcos de loiro, após a festa,
das columnas da igreja sobre as campas;
quando o ermo fôr ermo, e triste, e morto,
hei de morrer tambem! sinto-o cá dentro.

O meu querido outomno, o velho prodigo
que dá quanto possue por ficar triste,
e pobre, e só, chorando silencioso
na solidão lutuosa, ha de encontrar-me
um dia vagueando sem conforto
entre os depojos do festim opiparo,
como ave espavorida que não esma
a dirigir um vôo, e só circumda,
com piar lastimoso, um ponto escuro
onde ha pouco existira um ramo e um ninho;
ou como o que procura entre ruinas
conhecer umas pedras da pousada
que desabou poupando-o e o tornou orphão;
e eu hei de lhe dizer coisas tão tristes,
que ha de ter dó de mim, e agasalhar-me
nas caridosas pregas d'um sudario!

II

Ai, que tristeza a minha! ai, que solidão profunda!
Pranto, estou só, és livre! irrompe, suavisa, inunda
o rosto contraído, o seio... este volcão
que se accendeu cá dentro, e abraza o coração!
....
....

Um dia minha mãe disse-me:
— És triste, filho!
não fallas, não sorris, teus olhos não têm brilho!
escutas sem ouvir, olhas, não vês ninguem,
e não vens acolher-te ao seio de tua mãe!...
a cada teu lamento, o pobre aqui responde!
procura-o, que espera! e vê como te esconde,
e te consola, e anima!...

Ai! vêde o que é ser mãe!
Quem diz o que ella diz? Ninguem! ninguem! ninguem!
Aquelle amor celeste... o seio... ai! nada existe!...
A minha mãe morreu! Nem tenho onde ser triste!

III

Sempre me estão no ouvido
esses funereos dobres,
e o canto dolorido.
e o soluçar dos pobres!
dos pobres, seus encantos,
que á funeral jazida
vinham trazer-lhe os prantos
da extrema despedida!
dizer-lhe:— «Ó mãe, morreste!
deixaste os filhos teus!...
vimos lembrar a Deus
o bem que nos fizeste!» —

IV

Fui achar meu pae tão triste!
co'as as faces tão maceradas!
carpia as barbas nevadas,

co'os olhos postos no ceu!
beijei-lhe a mão que tremia,
fria, fria como gelo!
se ha martyrio nobre e bello,
bello, sublime era o seu!
O martyr de tantas penas,
sereno entre tantos lutos,
disse-me d'olhos enxutos:
—« Sou mais velho, e fiquei eu!... »—

V

Pobre de meu irmão! coitado d'elle!
sacerdote de Deus, na flor da idade
votado ás solidões! victima imbelle
da mais cruel saudade!
tão mimoso que foi do seu carinho...
hoje tão só no solitario ninho!
Já nunca mais a sua companheira,
seu amor, seu orgulho, e seu desvelo,
ha de esperal-o a noite longa, inteira,
a rezar e a escutar se lhe ouve os passos
de volta ao presbyterio!
não mais ha de correr a abrir-lhe a porta!
não mais ha de cingil-o entre os seus braços!...

Como ha de elle passar no cemiterio?...
Como ha de elle viver na casa morta?

VI

Quando ella agonisava,
suspensa a vida entre o mysterio e o mundo,
procurava-se um padre, um velho... um justo
que lhe rezasse as preces da agonia.
O filho sacerdote, que chorava,
ergueu-se, e disse então, solemne e augusto:
— «Se minha mãe me visse moribundo,
não me deixava o leito;
quero pois que a santinha deixe o mundo,
encostada ao meu peito!
quero rezar-lhe a prece derradeira!
eu sei que isto a consola.» —
E foi-lhe ajoelhar á cabeceira.
Resvalava-lhe o pranto pela estola,
pelas dobras do leito mortuario,
luzindo a espaços com sinistro brilho:
a voz, estrangulava-lh'a a garganta;
tremia-lhe entre as mãos o breviario;
mas a supplica santa
mandou-a a Deus o soluçar d'um filho.

VII

Eu lia-lhe os meus versos...
versos?!... uns ais sem ecco! versos, não!
uns fragmentos avulsos e dispersos
do meu dilacerado coração!
eu lia-lhe uns lamentos, que a sua alma
sabia que eram meus!
era pedir conforto, abrigo, e calma,
sem lhe dizer: - «Sou martyr!» —que só Deus,
ou coração de mãe, são bons juizes
dos estragos d'essa arvore maldita
que em nosso coração lança raizes,
e em lagrimas floreja, e fructifica em cantos,
mais triste do que a dor que se baptiza em prantos,
e chama-se *desdita*.

Ella ouvia receiosa,
e o seu seio dolorido
applaudia co'um gemido
cada estrofe lagrimosa;

que ou nos clarões da memoria,
ou nos affectos do peito
achava o occulto conceito,
e advinhava-lhe a historia.

E exclamava: — « Que doidice!
chóro e rio! que simpleza...! » —
Ai! no sorrir que tristeza!
ai! no chorar que meiguice!

E após tornava: — « Já viste
chorar assim por chimeras...?
Tão alegre que tu eras...
filho, quem te fez tão triste?... » —

VIII

Ao descaír da tarde
entrava minha mãe no cemiterio,
e regava as florinhas dos canteiros
que circumdam as campas. Certamente

aquella vida se sentia extincta,
e ás pavorosas portas do mysterio
fabricava o casulo onde esconder-se,
para d'alli voar, larva celeste,
a pedir melhor vida a melhor mundo!...
Florinhas tristes, companheiras d'ella!
se em torno a vós adejam borboletas,
não lhes fecheis o calix! debruçae-vos!
dae-lhes o seio, os nectares, o incenso!
não perdeis nada! á noite cada estrella
chorará copioso e doce orvalho.
. . . .
Quem sabe se ellas vão buscar o Immenso?

IX

Um dia
a minha boa mãe (como eu desejo
repetir este nome! a dôr mais forte,
levando-se, minora) offereceu-me o ensejo
de ser seu companheiro
na pia jardinagem;
e fomos de romagem
ao seu jardim, que era o jardim da morte!

Era de vêr o desvelo
com que ella, de flor em flor,
voejava, loquaz e acceza,
como zumbidora abelha
que anda a lidar sem descanso
entre os rosaes da deveza;
e dava cuidado e amor:
aqui, ao goivo singelo;
além, á dália orgulhosa;
logo, á viril romaneira;
ao cedro, á acácia, á mimosa,
á murta, ao lirio, á roseira!...
Tinha ali prazer completo!
em cada cruz, uma gloria!
em cada campa, um affecto!
em cada affecto, uma historia! ..

E ella contava os tormentos
de tanta sorte inclemente,
ajuntando a cada nome
as saudades, os lamentos,
a miseria, a paciencia
dos que essa terra consome!
Era o epitaphio vivente
de cada morta existencia!

E eu disse-lhe: — « Ó mãe, que anceio
te prende a quanto é funereo?
Não mais finados! teu seio
é jardim, não cemiterio!

Como nasce, e viça, e medra
dentro em ti cada amargura! . . » —
— « Filho, que letra, ou que pedra
tem do pobre a sepultura? »

— « Porque estas florinhas hoje
afagas com tanto geito? » —
— « Sinto que o dia me foje;
ando a compor o meu leito.

Ando a enfeital-o de flores;
quero-o garrido e formoso!
a morte é nuncia d'amores;
sou noiva do eterno Esposo!

Não me foi contraria a sorte!
para mim, já n'esta idade,
todo o grande horror da morte
cifra-se n'uma saudade! » —

X

Ao pé da Residencia ha tres loureiros
que se abraçam co'a rama; ao lusco-fusco,
avesinhas aos centos vem dormir-lhes
entre as fechadas folhas; velhos ninhos
lá ficam esperando as primaveras,
forros de musgo novo, e as novas proles.

Um dia mão cruel quiz derribal-os!
minha mãe prohibiu:
— «São meus! — disso ella —
tudo aqui é da egreja, — a mãe dos pobres, —
só!... deixae-me os loureiros!» —

— «Mas, senhora,
são arvores sem fructo! as ramas largas
servem só de acoitar aves damninhas,
e assombrear o passal! estas raizes
vão-nos comer as hortas e os pomares!...» —

Minha mãe conhecia as avesinhas!...
estimavam-n'a tanto as mães e os filhos!...
tantas vezes lhes dera pão no inverno,
ali, no parapeito da janella...

— « Deixae-m'os! — exclamou — tambem são pobres
os que n'elles se abrigam!... meus amores,
quando á noite chegassem, que tristeza,
vendo por terra o seu palacio aereo!...
onde iriam as mães prender seus ninhos?...
Que diriam meus filhos?... » —

Avesinhas
que olhaes cada manhã para a janella!
olhaes debalde!... Ide cantar bem longe!...

XI

Altares d'esta Igrega, eis-vos sem flores!
sois tristes! Já são terra as mãos cuidadosas
que vos vinham trazer o aceio e as rosas!...

Tambem vós trajaes luto!... é justo! é bem!
ella era aqui a pomba do sanctuario,
era alegria, paz, conforto, e abrigo!...
Eu chóro!... sede vós tristes comigo!...
A serva do Senhor... foi minha mãe!...

Jámais na igreja entrou alma tão candida,
mais fervor no orar, amor mais fundo!
passou no mundo sem saber que o mundo
tinha traições, parceis, crimes lethaes!
sabiam só que havia pena e lagrimas!
haviam-lhe ensinado as proprias dores!...
....
Altares do Senhor! heis de ter flores!
mas eu... nunca as terei!... Que espero eu mais?

XII

Minha mãe! dês que morreste,
não sei que intensa negrura
de penas e de tormentos,
me envolve, opprime, e despedaça!
talvez por isso, alma pura,

rosa do jardim celeste,
não possas vêr-me dos ceus!
mas se ouves os meus lamentos,
has de saber que são meus!
Pede, oh! pede, mãe, a Deus
que mande á minha soidão
um raio da sua graça
rasgar-me a nuvem tenaz!

Pois todo o martyrio passa,
todo o crime tem perdão,
todo o infortunio acha um termo,
só para mim não ha paz?!
hei-de entrar no mundo, e um ermo
achar sempre em torno a mim?!...
apalpar o coração,
mirar-me co'os olhos d'alma
no espelho da consciencia,
e vêr... um martyr sem palma?
e ter horror da existencia?!

....

Minha mãe! se eu enlouqueço?!
se a pobre razão se esvae?!...
Oh! não! tu velas e escutas
as minhas penas! Meu pae
morreria se eu lhe morresse!

Vê!... tenho as faces enxutas!
não tenhas pena; sou forte!
Tu lá tens o amor e a prece...

Fallei de loucura e morte?!
não! todo o martyrio passa!
tu pedes a Deus e desce
um raio da sua graça!...

XIII

Bem sei que elle vive além,
por traz d'aquellas estrellas!
quando eu chóro, riem ellas,
que sabem da minha mãe!

Chóro... não é de saudade!
chóro com pena de mim!
é porque me vejo assim...
no meio d'esta orphandade!

Mas... ella chóra tambem!
e as lagrimas são aquellas?...
Que sementeiras de estrèllas
choradas por minha mãe!...

XIV

Como os olhinhos da abelha
attrae o viço das flores,
levam-me a vida as saudades
atraz d'aquelles amores!

Quero chorar... e não posso;
quero fallar... e emmudeço;
quero ... sorrir e suspiro;
quero viver... esmoreço!

Ss eu fiz d'este amor um culto!
Se eu sou como ave estrangeira
que viu partir seus amores,
e aqui ficou prisioneira!

Se eu sou como alma penada
que, envolta em lençol funereo,
ánda a cumprir romarias
em torno d'um cemiterio!

A quem perdeu tanto affecto
ninguem nunca diga: — «Esquece!» —
que se acaba o alento á vida
quando a saudade esmorece!

FIM

INDICE

I — CORÔA D'ESPINHOS

II — ROSAS PALLIDAS

III — LAGRIMAS

THOMAZ RIBEIRO

VÉSPERAS

POESIAS DISPERSAS

1 VOL. . . . . 1$000 RÉIS

Pois que a poesia sentimental se está evolando como o perfume d'uma flor que vae fenecendo no peitilho esbagaxado da musa cocodette vinda de Paris, terá a critica de retroceder aos antigos usos academicos de avaliar os poetas meramente pela vernaculidade da elocução, pela propriedade do epitheto e pela elegancia da methaphora. Voltamos aos dias de Miguel do Couto Guerreiro. Assim usavam Neves Pereira e Francisco Dias Gomes, com Camões, Sá de Miranda, Antonio Ferreira, Caminha e Diogo B rnardes. Se nos restringirem a essa tarefa um tanto caturra, dar-nos-hão, ainda assim, ensejo a sobrepôr Thomaz Ribeiro no coronal dos poetas contemporaneos, hombro a hombro de Castilho. A sua prosodia é riquissima, a expressão omnimoda, e de uma soberba honrada que nunca mendiga termo estrangeirado, nem emprega locução que não esteja bem aforada nos velhos que cunharam a moeda de melhores quilates da lingua.

Vésperas. O poeta diz o que é o seu livro:

Velhos cantares são: gravaram-se uns em lapide
que vão gastando os pés dos crentes, n'algum templo:
outros rasga-os a mão que os escondia trémula!
(poetas, se me ouvis, aproveitae do exemplo!)

alguns deu-m'os a patria e o immenso amor dos meus.
Andei pelo Oriente o eterno a vêr e o ephemero;
cantei, chorei talvez! O luto era completo!...
Vamos a lêr baixinho os vespertinos canticos,
onde ha de novo só, — de novo ou de obsoleto, —
que a patria canto e o amor, e que ainda creio em Deus.

O amor e a patria: mas principalmente a patria é a mais vivida inspiração d'esses cantares. Desde o imperecedouro poema *D. Jayme*, a carecteristica de Thomaz Ribeiro é um fogoso e intransigente affecto á sua terra, um donoso afèrro de beirão a esta cousa convencionalmente santa que nos faz odiosa a annexação á Hespanha. Não nos importa saber se a união nos faria o braço direito e validissimo d'uma nação gigante: o que nós queremos é ser este corpo de pygmeu anemico, com o nosso rei e o nosso Tejo, e mais as nossas inscripções e os nossos brazileiros. As *nossas* inscripções! — isto é rhetorica: entendamo-nos. Mas isto tudo em familia é bom e bonito. Se lá de longe, para nos enxergarem no mappa, carecem de violentar a geographia, e ainda assim obsequiosamente nos chamam *Hespanha* para nos não adscreverem no grupo nebuloso das regiões desconhecidas — isso não importa. A gente cá vae atamancando a sua autonomia, e contamos com a Inglaterra e com a França a que nos encostamos, assim como o veterano invalido se encosta ás muletas para contar com grande ufania casos de Aljubarrota, de Montes Claros, e outros.

Casos que Adamastor contou futuros.

Dá-nos Thomaz Ribeiro poesia do Oriente; mas sua, de sua lavra. A India portugueza, se algum dia desabotoou flor de poesia indigena, devastou-lh'a, sumiu-lhe os minimos vestigios o siróco que lhe ventou de cá. As nossas espadas de Toledo, as nossas cruzes de pau santo e os nossos pelouros de bronze afugentaram a alegria, a juvenilidade e a segurança que desatam o espirito dos interesses baixos e o exalçam ás errantes balbuciações do amor — origem de toda a poesia, como a exprimem os madgyares, os escandinavos e as invenções, fraudulentas embora, de Macpherson.

A India portugueza não deu nada a Camões e Bocage. Compoz Thomaz Ribeiro intuitivamente com as notas que lhe arpejou o céo e a vegetação d'aquelle paiz silente como um cemiterio, umas saudosas toadas que teem a côr local, mas não atam no fio da tradição. A poesia que podia dar-lhe a Gôa dos Albuquerques e Castros colheu-a elle com mão piedosa pelos escombros das ruinas: fez ramilhetes de goivos e perpetuas para as jarras da campa dos heroes proverbiaes das chronicas; porém das raças autochtonas varejadas por Vasco da Gama não achou tradição. Uma tal qual poesia que por ali houve, a poesia malabar, — a da fé gentilica, uma fé como outra qualquer, — e que devia ter um rito e uma hymnologia, tudo isso começou a derruil-o a espada e acabou-o a inquisição de Gôa. Havia lá um dente de bugio que D. Constantino de Bragança apanhou n'um saque. Os sacerdotes gentios davam-lhe trezentos mil cruzados pelo dente divino: e o pio bragançâo pulverisou-o n'um gral para provar aos crentes que o dente de bugio era quebradiço como qualquer outro. Ora o indio, vendo que os estandartes da cruz não eram, em conflictos de guerra e naufragios, mais preservativos que o dente do seu macaco, perderam a fé na sua e na religião alheia. D'est'arte se lhes vaporou toda a poesia; porque ella não coexiste nas almas sem um norte mais ou menos idealista do seu destino. O indigena do Pegú percebia o dogma do dente do bugio; e hoje difficilmente poderá metter o proprio dente na Biblia que os inglezes lhe fornecem n'um portuguez encharcado de parvoices que Thomaz Ribeiro nos communica em a nota de pag. 291.

N'este livro das *Vésperas* ha poesias d'uma saudade sombria, que fazem mal aos que para lá vão, a fugir de si e das tristezas da vida decadente. O poeta, no rigor dos annos, accusa o estadista, o bureaucratico, o ministro que, pela intermittencia onerosa dos negocios publicos, cuidou que já lhe fica muito longe a mocidade. Não o demonstra no terso vigor da inspiração, no esmeril do rhythmo. Nos seus versos não desluz uma rima violenta, e todavia affluem-lhe com rara felicidade as mais selectas e, á primeira vista, mais difficeis. Como dispõe do pleno thesouro da lingua, não sacrifica a palavras fracturadas por ellipses a construcção harmoniosa. Se uma ex-

pressão lhe quebra a toada musical, não faz elisões asperas; mas substitue a palavra sem desaire do pensamento. Ninguem rivalisa Thomaz Ribeiro na melopêa, na amenidade, na doçura florentina dos rhythmos. Veio com este dom da sua escóla, do grande estudo que fez dos metros portuguezes, e tambem da maviosa afinação que lhe deu Castilho.

A poesia atauxiada de erudição, por via de regra, é cançativa e enfadonha. Thomaz Ribeiro tem n'este livro poemas exornados de matizes historicos, mas tão de geito e despretenciosamente enfeitados que a musa, tão culta quanto esbelta, não se compõe com aquella epica magestade roçagante que se foi com as epopéas ao ostracismo como todas as magestades em viatura das velhas musas. Como elle diz:

... ainda creio em Deus.

Parece que nos conta um caso não vulgar: crêr em Deus. As rimas da ultima roça nos maninhos francezes tratam de o abolir. Em certos poemas vê-se o diabo de luto pelo Padre Eterno, em outros está Jehovah nos paroxismos. A poesia lusitana sahiu dos seus habitos incruentes, apenas uma vez desmentidos na *Gaticanéa*. Actualmente um symbolismo facinora mata o amor romantico em D. João, e a piedade com o exterminio de Deus, até vêr. Estes poetas, exhaurida a mocidade que se estadêa doudamente vã e de nenhum modo funesta, que hão de fazer? Convertem-se naturalmente, e resuscitam Jehovah.

Thomaz Ribeiro tem na sua crença mananciaes inesgotaveis: no seu amor patrio uma inspiração que os acontecimentos por vir hão de acrisolar; e, quando já não sentir os impetos suaves do amor, será ainda o poeta de Deus e da patria.

Camillo Castello Branco.

N'este volume colligiu o justamente fes...do cantor do *D. Jayme* poesias dispersas, umas que ainda não ...ham sido impressas, e outras que já haviam visto a luz da pu...cidade. N'umas, porém, como nas outras, Thomaz Ribeiro mostra-se crente sincero, e patriota leal.

Perfeitamente conhecedor da lingua portugueza, excellente metrificador, de estylo florente e elevado, Thomaz Ribeiro ha de ser sempre estimado em muito por quantos prezem as boas letras e apreciem a verdadeira poesia.

Se quizerem uns versos maviosos e suaves, em que, por assim dizer, se esteja retratando a bonissima alma e o amoravel coração d'um sympathico poeta, leiam os versos de Thomaz Ribeiro. Depois da crença em Deus e da dedicação pela patria, encontra-se nos seus versos a consagração d'esses dous elevados sentimentos que prendem as almas e approximam os corações — o amor — e a amizade.

Quem, porém, gostar da poesia realista, que faz gala de descrever minuciosamente e retratar com fidelidade quantas miserias e pustulas se encontram por esse mundo, e que, quando as não vêem bastante immundas e ascorosas, as inventa e phantasia, então escusam de abrir os versos de Thomaz Ribeiro, que por sem duvida não satisfarão a taes paladares.

(Do *Amigo do Povo*).

As formosas poesias das *Vésperas* vê-se que foram concebidas n'este ambiente calmo em que não se ouve o ruido dos martellos no descoser thronos e altares. Zumbe em derredor do espirito do poeta um como enxame de abelhas que elaboram o mel de quanto ha mais suave na existencia e mais grato no coração de quem se recorda e recompõe, com as tristezas da saudade, a imagem dos tempos idos. Se alguma vez tem lagrimas, são lagrimas que se distillam como balsamo no coração dos que soffrem. Os sorrisos que lhe encrespam uma vez por outra os labios, movidos pelo amor da patria, corta-lh'os o aspecto de tantas ruinas, aqui, no ber-

ço dos ousados navegadores, e além, nos palmares da India, berço da aurora e derrocado monumento da gloria antiga portugueza.

Isto em quanto á idéa. Quanto á fórma, tersa e portugueza, elegante sem rendilhados excessivos, é essa porventura uma das mais assiduas preoccupações do poeta. Os seus versos têm o quer que seja de constante sonoridade bocagiana, adoecem do excesso d'esta virtude — chegam a cançar pela afinação irreprehensivel.

(Do *Primeiro de Janeiro*).